

André de Oliveira Pinheiro

Revista Espiritual de Umbanda:
Mito Fundador, Tradição e Tensões no Campo Umbandista

Florianópolis
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PGHST)
CURSO DE MESTRADO
ALUNO: ANDRÉ DE OLIVEIRA PINHEIRO

**REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA:
MITO FUNDADOR, TRADIÇÃO E TENSÕES NO CAMPO UMBANDISTA**

Dissertação apresentada para
obtenção do título de Mestre em
História, sob orientação do Professor
Dr. Artur Cesar Isaia.

Florianópolis, julho de 2009.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e familiares.

Aos meus amigos.

Ao meu orientador, Artur Cesar Isaia.

Ao Seu Zé e todo o povo.

Muita paz!

*“Ilimitado e imorredouro amor
que brilha ao meu redor
como um milhão de sóis
e me chama cada vez mais
através do universo”.*

John Lennon, *Across The Universe*.

SUMÁRIO

Introdução	05
1) A Publicação: Conjuntura e Características do Suporte	11
1.1 – Apresentando a Publicação.....	11
1.2 – Quem Escreve e Quem Anuncia.....	13
1.3 – O Suporte.....	18
1.4 – Linha Editorial.....	19
1.5 – Contexto no qual surge a publicação.....	29
1.6 – A Revista em relação a outros públicos.....	34
2) O Peso da Noção de Mito Fundador na Revista Espiritual de Umbanda	38
2.1 – Zélio Fernandino de Moraes, Caboclo das Sete Encruzilhadas e o endosso ao 15/11/1908.....	38
2.1.2 – Umbandas.....	61
2.2 – Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como bens simbólicos.....	73
2.3 – A Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino: Ressignificação do Mito Fundador.....	80
3) A Reificação Religiosa na Publicação	89
3.1 – A (inserção) lógica mercadológica na linha editorial da Revista.....	89
3.2 – Terreiros e empresas: a Umbanda para além da doutrina.....	102
Reflexões finais	118
Referências bibliográficas	121

INTRODUÇÃO

Ter a religião como tema de pesquisas históricas requer atenção e o cuidado com a forma como ela deve ser tratada. De acordo com Dominique Julia, a religião deve ser vista como uma representação, um produto cultural. O que interessa ao pesquisador, portanto, não é a condição de verdade das afirmações religiosas, mas a relação que estes enunciados mantêm com a sociedade.

No texto “A Religião: História Religiosa”, Julia esclarece que o objeto das ciências humanas:

é agora a linguagem, as leis segundo as quais se organizam as linguagens sociais, históricas ou psicológicas. A consciência não é mais, nessas condições, do que uma *representação* – o mais das vezes, falaciosa – dos determinismos que a organiza. Ela não pode ter a pretensão de constituir o real, não o pode mais. O que uma análise histórica ou sociológica revela são as regras dos funcionamentos sociais¹.

As organizações e os fenômenos religiosos, portanto, devem ser interrogados em função daquilo que podem nos ensinar a respeito de uma certa condição social. É nesta perspectiva que este trabalho pretende abordar a Umbanda. Como uma produção cultural, sem a preocupação com o seu estatuto de verdade, mas com a atenção voltada para as suas relações com a sociedade onde está inserida.

E as relações sociais incluem, no caso específico da Umbanda, a busca de aceitação e legitimação, com a superação dos estigmas – como marginalidade, transgressão, ignorância e “atraso” – que marcaram esta religião desde o seu surgimento e consolidação, nas primeiras décadas do século XX. Entre as tentativas de superação destes estigmas está o esforço dos intelectuais Umbandistas por meio da produção escriturística, com a publicação de livros, já em meados do século XX, como explica Artur Cesar Isaia:

Após o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda irão multiplicar-se os livros de intelectuais da nova religião que tentavam propor codificações rituais e doutrinárias, aparecendo catecismos, manuais de condução dos trabalhos etc. que, não raras vezes, conflitavam em suas interpretações².

¹ JULIA, Dominique. **A Religião: História Religiosa**. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (org.). História: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 107.

² ISAIA, Artur Cesar. **Ordenar Progredindo: A Obra dos Intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. In: Anos 90. Porto Alegre, n° 11, julho de 1999. p. 114.

Apesar de algumas resistências dentro da própria comunidade umbandista, com algumas lideranças assumindo a defesa da africanização e da negritude, o pensamento dominante na obras dos intelectuais de Umbanda segue a tendência à desafricanização e à aproximação com os valores ditados pela sociedade.

Ainda de acordo com Isaia:

Reafirmava-se na obra dos intelectuais de Umbanda uma identidade livresca, científica e familiar ao universo burguês, em íntima ligação com o Espiritismo francês do século XIX³.

O empenho dos líderes umbandistas em legitimar socialmente a religião a partir da publicação de livros pode ser compreendido pela importância que a modernidade ocidental dispensa à produção escriturística, como explica Michel de Certeau:

A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história⁴.

No mesmo texto, Certeau complementa que, ao contrário na escrita, as sociedades modernas consideram que a oralidade “é aquilo que não contribui para o progresso”⁵. Mas apesar do esforço dos escritores umbandistas, a produção livresca da religião, em meio ao espaço das tramas cotidianas, encontrou resistências e experimentou a resignificação dos modelos normativos apresentados pela literatura umbandista. Como esclarece Isaia:

Os significados sociais não são impostos unilateralmente, mas subordinados a um jogo relacional, em que a realidade vivida impõe-se e anula o desejo meramente arbitrário de nomear a realidade. Sendo assim, podemos compreender tanto o sucesso desses intelectuais em aproximar a Umbanda dos significados socialmente dominantes como seu insucesso em impor suas exegeses e codificações às bases umbandistas⁶.

Somada às resignificações e resistências ao trabalho escriturístico empreendido pelos intelectuais de Umbanda, deve-se levar em conta ainda a importância da oralidade na vivência cotidiana dos terreiros desta religião. A produção livresca, portanto, convive – e encontra obstáculos para a sua assimilação –, no meio umbandista com a forte presença da expressão oral, cujo valor é explicado por Wagner Gonçalves da Silva:

³ Idem. p. 115.

⁴ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 224.

⁵ Idem. p. 224.

⁶ ISAIA. Op. cit. p. 115.

A oralidade nas religiões afro-brasileiras é um importante veículo de transmissão dos conhecimentos, sendo seu uso um dos principais mecanismos reguladores das relações de poder e reciprocidade estabelecidas pelos adeptos entre si e destes com suas divindades: orixás, caboclos, pretos-velhos e outros guias.

A palavra é considerada fonte imanente de axé, força vital, mas é a sua pronúncia no ato da fala que movimenta as forças sagradas. Isso porque a palavra dita não se separa do sujeito que a pronuncia, seja alguém imbuído de legitimidade religiosa outorgada pelo grupo, seja a própria divindade incorporada em seu filho ou médium⁷.

Nesta relação com o cotidiano e a oralidade, a produção escriturística continua presente na Umbanda. Sucedem-se gerações de autores umbandistas na publicação de livros e informativos. Alguns com a clara intenção de defender determinado segmento ou corrente dentro da própria Umbanda; outros ainda na tentativa de codificar, trazer unificação doutrinária à religião.

Entre os escritores umbandistas atualmente em atividade, um dos mais produtivos e divulgados é Rubens Saraceni. Sempre presente na mídia quando o assunto é Umbanda, Saraceni demonstra conhecer a importância da prática escriturística para a produção de representações e até mesmo de memória para a religião.

Em co-autoria com Mestre Xaman, Rubens Saraceni assina o livro “Os Decanos: Os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda”. Publicada pela Editora Madras em 2003, a obra tem como objetivo homenagear e registrar a trajetória de 12 grandes líderes espirituais que marcaram a história da Umbanda. Evidenciando a intenção de deixar a sua “marca”, a sua versão sobre a doutrina e a história da Umbanda – produzindo memória e representações –, Saraceni afirma, no prefácio deste livro: “Este trabalho torna-se o marco inicial que deverá continuar a ser desenvolvido para formar o referencial, o acervo e a memória da religião de Umbanda”⁸.

Além dos livros de Umbanda, um segmento que não pode ser desprezado na sua difusão é a própria imprensa umbandista. No livro “Com a Bandeira de Oxalá!: Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis”, Cristiana Tramonte narra, com riqueza de detalhes e analisando diversos aspectos, a estruturação e o funcionamento das religiões de matriz africana na capital catarinense e

⁷ SILVA, Vagner Gonçalves da. **A Língua do Santo**. In: Revista Língua Portuguesa. Especial Religião e Linguagem. São Paulo: Editora Segmento, 2009. p. 32.

⁸ SARACENI, Rubens e XAMAN, Mestre. **Os Decanos: Os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda**. São Paulo: Madras, 2003. p. 7.

arredores. Entre os diversos temas abordados está também a imprensa umbandista, sobre a qual a autora afirma:

O surgimento da imprensa do povo-de-santo representa um marco na história deste e a possibilidade de registrar em detalhes as discussões, embates, eventos e toda sorte de informações a respeito dos adeptos das religiões afro-brasileiras em Santa Catarina⁹.

Cristiana Tramonte detalha ainda a importância do discurso produzido pelos informativos de Umbanda:

É exatamente este “discurso transcendente” do povo-de-santo local que nos interessa. Através das entidade organizativas que produzem os boletins, muito da expressão real desta população está retratada na escolha e redação dos artigos, no ponto-de-vista com que são descritos os eventos, nos textos formação religiosa etc¹⁰.

E é justamente da imprensa umbandista que esta dissertação parte para analisar a tradição e as tensões no campo umbandista. O periódico estudado neste trabalho é a Revista Espiritual de Umbanda, publicação de abrangência nacional que circulou de 2003 a 2008. Com 20 edições publicadas neste período, a Revista Espiritual de Umbanda é o mais bem-sucedido projeto informativo voltado para as religiões afro-brasileiras de que se tem notícia.

Teoricamente, este trabalho é estruturado por dois conceitos principais. O primeiro deles é o de *representação*, segundo Roger Chartier. O segundo é o conceito de *campo religioso*, desenvolvido por Pierre Bourdieu, aqui adaptado para *campo umbandista*, para usar a expressão criada pelo brasileiro Lísias Nogueira Negrão.

A noção de representação, Para Chartier¹¹, estabelece três modalidades de relações com o mundo social. Na primeira, a realidade é construída de diferentes formas pelos diversos grupos que integram uma sociedade. Na segunda, estão as práticas que resultam no reconhecimento de uma identidade social, com uma maneira própria de ser no mundo, significando simbolicamente um estatuto ou uma posição. Já a terceira modalidade diz respeito às formas institucionalizadas e objetivas, em virtude das quais “representantes” marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo.

O campo, segundo Bourdieu¹², é o espaço onde se desenrola o conflito. É nesse campo, que não pode ser definido como bom ou ruim, que os diferentes grupos ou

⁹ TRAMONTE, Cristiana. **Com a Bandeira de Oxalá!: Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Itajaí: Univali, 2001. p. 182.

¹⁰ Idem. p. 183.

¹¹ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. pp. 61-79.

¹² BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

indivíduos lutam pela afirmação de uma produção e a descaracterização, desqualificação de outra. Para a legitimação de determinado pensamento, identidade ou discurso, é necessário que haja consenso em torno da sua valorização.

A partir da análise do acervo formado por todas as 20 edições da Revista Espiritual de Umbanda Trataremos da tradição e das tensões a partir da luta de *representações* – que se expressam nos diferentes segmentos dentro da própria religião ou nas discussões sobre a sua origem – no *campo umbandista*. Outro tema importante discutido nesta dissertação é a reificação religiosa.

Para isso, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro deles trata especificamente da Revista. A publicação é apresentada, com suas características principais. Neste contexto estão informações mais técnicas sobre o seu suporte material. É analisado o seu projeto editorial, que denota os objetivos de seus realizadores. É também explicado o contexto em que a Revista começa a circular, bem como a relação do periódico com outros públicos, a partir da veiculação de matérias sobre outras religiões.

O capítulo II é dedicado à forma como o mito fundador da Umbanda aparece nas páginas. Primeiramente, é analisada a versão do mito de origem da Umbanda que recebe o endosso da publicação, com a publicação das narrativas aceitas pelo corpo editorial da Revista como a origem da Umbanda e o tratamento dispensado a figuras como Zélio Fernandino de Moraes, sua filha, Mãe Zilméia de Moraes, e a entidade¹³ espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Em seguida, são listadas, de forma rápida, diferentes segmentos do campo umbandista, que constituem formas diversificadas de se praticar a Umbanda, a partir da pluralidade doutrinária e ritual. É discutido também a utilização de Zélio Fernandino de Moraes e da entidade espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas como bens simbólicos por parte de integrantes de diversas correntes umbandistas. O tema que encerra o segundo capítulo é a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, com a sua ressignificação do mito fundador da Umbanda, a partir da interpretação da obra do escritor umbandista W. W. da Matta e Silva.

O terceiro e último capítulo da dissertação trata da visão mercadológica aplicada à Umbanda, que explicamos com o conceito de reificação religiosa. Na primeira parte do capítulo é analisada a reificação religiosa na Revista Espiritual de Umbanda, a partir

¹³ **Entidade** – Espírito que se manifesta ou é cultuado.

da inserção da lógica de mercado em sua linha editorial. Neste item, são quantificados e comparados os principais espaços publicitários do periódico, bem como destacados seus principais anunciantes. A análise de alguns anúncios permite constatar a exploração comercial do significado que algumas personalidades e até divindades cultuadas na Umbanda.

O segundo item deste terceiro capítulo trata da reificação religiosa na Umbanda de forma geral, fora das páginas da Revista. Ao final do capítulo, é realizado um pequeno levantamento do mercado editorial voltado para as religiões afro-brasileiras, com a relação das revistas sobre Umbanda, Candomblé e temas correlatos publicadas recentemente.

Nesta dissertação, as definições de termos relativos à Umbanda que aparecem nas notas de rodapé são de nossa autoria, com base em diversas leituras e no contato com grande número de templos umbandistas, incluindo o acompanhamento de sessões e conversas com dirigentes de centros.

A elaboração deste trabalho acadêmico exigiu a pesquisa e a leitura das 20 edições da Revista Espiritual de Umbanda. Considerando que cada número da publicação possui 68 páginas, foram 1360 páginas pesquisadas. Para facilitar o trabalho de pesquisa e otimizar o tempo na localização de assuntos, foi necessário elaborar um inventário com os assuntos que aparecem em cada uma das 1360 páginas que compõem as 20 edições. Neste levantamento, cada página é classificada por número, título ou seção e descrição do conteúdo.

A pesquisa incluiu, também, bibliografia teórica e também vários livros de Umbanda, representantes de diversas fases da produção escriturística da religião, além de órgãos de imprensa: jornais, internet e, principalmente, outras revistas.

A inserção de imagens junto com o texto – a maioria reprodução de capas e páginas de edições da Revista – tem como objetivo facilitar a compreensão do leitor. Desta forma, é possível associá-las ao texto, principalmente em relação aos anúncios publicitários, analisados no capítulo III.

1) A PUBLICAÇÃO: CONJUNTURA E CARACTERÍSTICAS DO SUPORTE

“Dizem que isso é jornalismo. Eu chamo de compromisso”.

Marques Rebelo, editor da Revista Espiritual de Umbanda,
falando sobre a publicação¹.

1.1 – Apresentando a Publicação

Para melhor compreendermos como as tradições e tensões no Campo Umbandista se fazem presentes nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda, precisamos ter, primeiramente, uma visão geral a respeito da publicação. Este capítulo inicial, portanto, é dedicado à apresentação da Revista. Serão tratados aqui diversos aspectos. Alguns mais técnicos, como as características materiais do periódico; outros mais subjetivos, como a linha editorial e o contexto em que a publicação surgiu.

Em um texto dedicado aos impressos como fontes históricas, Tânia Regina de Luca definiu a revista como um gênero de publicação que, aos poucos, se individualizou em face das outras formas de impressos periódicos. A autora ressalta que “o impresso revista merece ser analisado com vagar”². Tal assertiva reforça a importância deste trabalho ao mostrar relevância da pesquisa cuidadosa e aprofundada tendo como fonte as revistas, levando em consideração o constante aprimoramento de suas técnicas e o tratamento diferenciado que recebem textos e imagens, em relação a outros tipos de publicações impressas.

No texto “Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória)”, Bethânia Mariani também estuda a relação entre imprensa e História. A perspectiva de Mariani, no entanto, é outra, já que a autora trata do discurso jornalístico de forma geral, e não somente do impresso no formato revista.

Bethânia Mariani compreende o discurso jornalístico como parte do processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. Ao realizar esta

¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. São Paulo: Escala, 2006. p. 57.

² LUCA, Tânia Regina de. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 121.

seleção, as matérias publicadas na imprensa, com o seu discurso, fixam sentidos para os acontecimentos noticiados e engendram um modo (possível) de recordação do passado.

Sobre a historicidade do discurso jornalístico, a autora afirma:

O discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. Em suma, o discurso jornalístico (assim como qualquer outra prática discursiva) integra uma sociedade, sua história. Mas ele também é história, ou melhor, ele está entranhado de historicidade³.

Perspectiva semelhante pode nortear o olhar sobre o conteúdo publicado pela Revista Espiritual de Umbanda. O discurso jornalístico resultante de seu projeto editorial pode ser interpretado como produtor de sentidos, a partir do que será lembrado a respeito da religião no futuro, a partir da leitura de suas páginas. Resultam daí representações, tradições e até mesmo tensões dentro do próprio segmento umbandista, questões das quais se ocupa este trabalho .

Lançada no mercado editorial em 2003, a Revista Espiritual de Umbanda teve, até o momento, 20 edições. A mais recente, em novembro de 2008. Publicada pela Editora Escala, de São Paulo (SP), a revista possui periodicidade esporádica e circulação nacional. No expediente, a tiragem do periódico não é informada. Seu editor responsável é Marques Rebelo.

Cada número da Revista Espiritual de Umbanda possui 68 páginas coloridas. Nelas, pode ser encontrada grande variedade de conteúdos. São textos opinativos e doutrinários, reportagens, preces, mensagens psicografadas, resenhas de livros e CDs, receitas de banhos de ervas – ao contrário do que se poderia imaginar, não aparecem na Revista explicações de como se fazem *trabalhos*⁴ de Umbanda – e também, como não poderia deixar de ser, anúncios publicitários.

Fazendo jus ao caráter extremamente visual da Umbanda, a Revista traz todas estas informações fartamente ilustradas com um vasto material fotográfico. São retratadas festas e cerimônias umbandistas, pessoas que seriam médiuns *incorporados*⁵ com *entidades*⁶, imagens de santos e *orixás*⁷, templos – que podem receber

³ MARIANI, Bethânia S. Corrêa. **Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória)**. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993. p. 33.

⁴ **Trabalho** – Neste contexto, o mesmo que oferenda. Também pode significar atuação de espírito ou ritual de Umbanda. **Nesta dissertação, as definições de termos relativos à Umbanda são de nossa autoria.**

⁵ **Incorporar** – Entrar em transe. Dar passagem para que um espírito se manifeste utilizando seu corpo.

⁶ **Entidade** – Espírito que se manifesta ou é cultuado na Umbanda.

denominações como “centros”, “terreiros”, “casas” e “tendas”, entre outras –, líderes religiosos e personagens considerados importantes para a história da Umbanda.

As publicações da Revista Espiritual de Umbanda, no entanto, não se restringiram aos 20 números regulares. Além destes, foram publicados também sete especiais. O primeiro deles, de 2004, que trazia formato idêntico às edições normais, inclusive na capa – com exceção do indicativo “Edição Especial 1” – era dedicado aos seguintes temas: Entidades – *pretos-velhos*⁸, *caboclos*⁹, *crianças*¹⁰ e *exus*¹¹ (que diversos textos publicados na Revista insistem em chamar de “guardiões”); Sincretismo: Candomblé, Catolicismo, Espiritismo e Filosofia Oriental; Orixás e suas energias.

O segundo especial, de 2006, trazia os destaques do Prêmio Atabaque de Ouro daquele ano. Embora preservasse a logomarca, tinha formato diferente das edições regulares, com páginas de dimensões maiores, mas em menor quantidade. Como brinde, este especial trazia um CD, com gravações das músicas que se destacaram neste Festival de *Corimbas*¹² e cujas letras foram publicadas em suas páginas.

Os outros quatro especiais, do número 03 ao número 07, tinham como tema o Candomblé. Na parte superior da capa, as revistas traziam o título “Cultos de Nação – Candomblés” e, ao lado, em dimensões bem menores, a logomarca da Revista Espiritual de Umbanda. Com o mesmo formato e o mesmo papel das edições regulares, os especiais de Candomblé tinham o número de páginas aumentado de 68 para 76. Cada um deles tem, encartado, um fascículo de um “Curso do Idioma Yorubá”.

Além das edições normais e dos especiais, a Revista Espiritual de Umbanda também publicou, entre 2007 e 2009, três coletâneas com relançamentos de edições encadernadas. O objetivo destes relançamentos, certamente, é realizar a venda de exemplares que ficaram encalhados.

⁷ **Orixá** – Divindade de origem africana. Na Umbanda, cultuada de forma sincretizada com santos da Igreja Católica.

⁸ **Preto-velho** – Espírito que teria vivido no Brasil como negro escravo, em existência anterior. Um dos tipos de entidades mais populares e cultuados na Umbanda.

⁹ **Caboclo** – Espíritos que teriam vivido, em existência anterior, como indígenas em solo brasileiro.

¹⁰ **Crianças ou Cosme e Damião** – Espíritos de crianças. Quando se manifestam, são extremamente inocentes, brincalhões e bagunceiros. Também chamados de erês ou ibejis.

¹¹ **Exu** – Tipo de espírito transgressor, ligado à marginalidade ou malandragem. Quando se manifestam, podem ser agressivos ou zombeteiros. Normalmente bebem, fumam, falam palavrões e vestem-se de vermelho e preto. Seu equivalente feminino é a Pomba-gira, famosa por auxiliar consulentes em questões amorosas. Sincretizado com Santo Antônio ou, nas formas mais populares da Umbanda, com o Diabo cristão. Tal correspondência entre Exu e Satanás é rebatida por vários líderes umbandistas.

¹² **Curimba ou Corimba** – Cânticos de Umbanda. Designa tanto os pontos cantados quanto o ato de cantá-los ou acompanhá-los tocando tambores ou atabaques.

1.2 – Quem Escreve e Quem Anuncia

Como acontece com toda publicação, a Revista Espiritual de Umbanda possui uma linha editorial. Resultado do trabalho – e também da formação, das opiniões e dos propósitos – de seus editores e colaboradores, a linha editorial se faz presente no conteúdo dos textos e na escolha e tratamento das imagens publicadas.

De acordo com Tânia Regina de Luca, a imprensa periódica “ordena, estrutura e narra o que elegeram como digno de chegar ao público”¹³. O resultado final desta produção, que chega aos leitores pelas páginas de revistas e jornais, na maior parte das vezes realiza, ainda que nas entrelinhas, a defesa de posicionamentos em relação a determinados temas ou mesmo de um projeto político para determinado grupo.

Segundo a autora, “é preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”¹⁴. Também devem ser levados em consideração o espaço conferido aos acontecimentos dentro da publicação; a hierarquia entre as seções ou editoriais; a ênfase em certos temas; a linguagem e a natureza do conteúdo; o público que o periódico pretende atingir.

Ao analisarmos a publicação, portanto, é necessário prestar atenção a quem produz o conteúdo da Revista Espiritual de Umbanda. A este respeito, Tânia de Luca também ressalta “a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos”¹⁵.

Como já mencionado neste capítulo, a Revista Espiritual de Umbanda tem como editor o jornalista Marques Rebelo. No expediente da publicação, as três primeiras edições atribuem a “Redação” a Juliana Penha. A partir do quarto número, seu nome é substituído por Virgínia Rodrigues, que assina a “Redação / Edição de Texto”. Até a 20ª edição, seu nome permanece, ora como responsável pela “Redação”, ora pelo “Jornalismo”. Marques Rebelo, por sua vez, recebe os créditos pela “Edição, Projeto Gráfico e Diagramação” e pela “Fotografia”.

Além destes redatores fixos, a Revista Espiritual de Umbanda também conta com outros colaboradores. Nos editoriais, por exemplo, aparecem, nas cinco primeiras

¹³ LUCA, Tânia Regina de. Op. cit. p. 139.

¹⁴ Idem. Ibidem. p. 140.

¹⁵ Idem. Ibidem. p. 140.

edições, o crédito “*Psicografado*”¹⁶ por Adilson Godoy”. No sexto número do periódico, o texto é assinado pelo “Espírito Pedro Miguel”. Do sétimo ao 12º, assim como no 15º e 17º números, aparecem créditos para este espírito, tendo como médium¹⁷ – ora por “*audiofonia*”¹⁸, ora por “*psicofonia*”¹⁹ ou por “*vibração*”²⁰ – o editor Marques Rebelo, que assina sozinho os editoriais das edições 13, 14 e 16. No número 18, o editorial é assinado “Por um Espírito amigo, manifestado dentro da Falange Espírita ‘Irmão X’”²¹. O editorial seguinte é atribuído a “Os Editores”, e o da 20ª edição tem como autores “os editores Marques Rebelo, Virgínia Rodrigues e os Espíritos amigos Pedro Miguel e Emiliano de Souza Arantes”.

Entre os textos publicados, não podemos deixar de perceber a presença de artigos assinados por Alexandre Cumino – editor do Jornal de Umbanda Sagrada, também anunciante da Revista –, pelo escritor umbandista Rubens Saraceni – citado de alguma forma em todas as edições da Revista – e por Robson Pinheiro, autor espiritualista que há alguns anos vem obtendo notoriedade com livros sobre Umbanda e Espiritismo.

Nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda aparecem ainda textos do escritor W. W. Matta e Silva, apontado como precursor da Umbanda Esotérica e considerado um dos maiores intelectuais umbandistas; Ramatís, entidade espiritual cujos textos, com diversas referências a elementos de filosofias orientais, versam sobre Espiritismo e Umbanda e são lidos por adeptos das duas religiões; Rivas Neto, escritor umbandista, fundador e maior expoente da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, que mantém a Faculdade de Teologia Umbandista (FTU), apontado como sucessor de Matta e Silva.

São publicados, ainda, textos doutrinários de Espiritismo, extraídos dos livros de Allan Kardec ou mensagens de mentores espirituais como André Luiz (psicografados pelo médium Chico Xavier). Entre os artigos mais voltados ao Espiritismo, também estão os de Victor Rebelo, que aparece como apresentador nos anúncios dos programas

¹⁶ **Psicografia** – Fenômeno mediúnico em que o espírito comunicante utiliza o corpo do médium para escrever.

¹⁷ **Médium** – Pessoa por meio da qual um espírito desencarnado (morto) se manifesta e estabelece comunicação com os vivos.

¹⁸ **Audiofonia** – Fenômeno mediúnico que se dá por meio da audição: o médium ouve o espírito.

¹⁹ **Psicofonia** – Manifestação mediúnica em que o espírito comunicante utiliza o corpo do médium para falar.

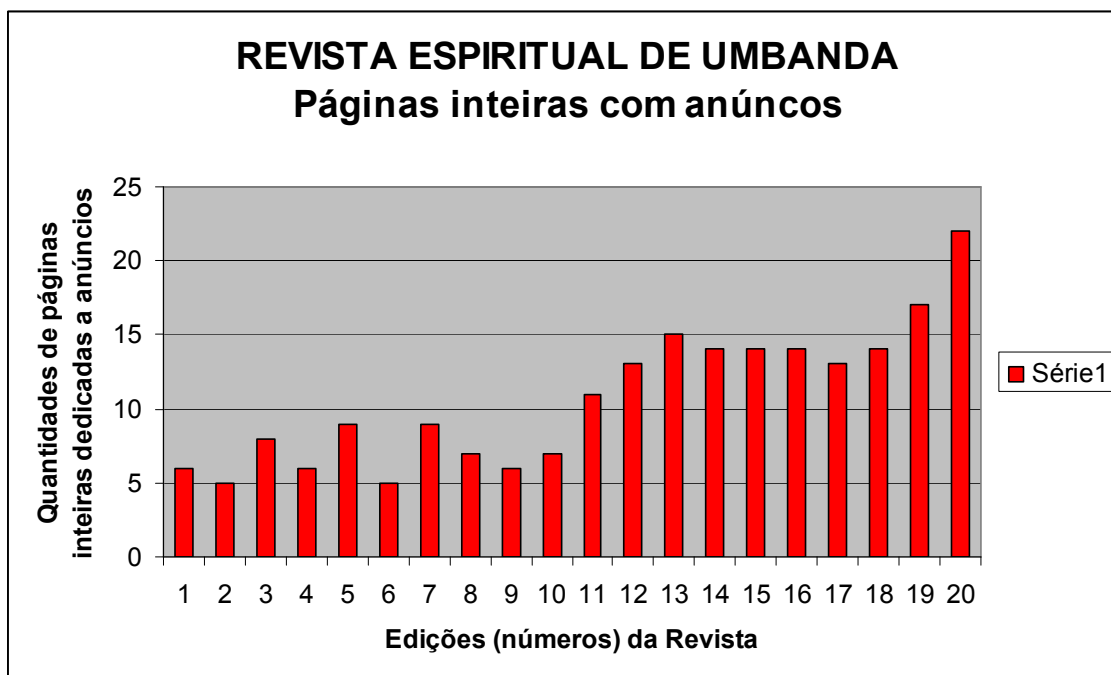
²⁰ **Vibração** – Energia, força espiritual. Sentir a vibração: ter a sensação da presença do espírito.

²¹ **Falange** – Grupo de espíritos que possuem as mesmas características e o mesmo grau evolutivo. Podem, portanto, se manifestar utilizando o mesmo nome.

radiofônicos Realidade Espírita e Música e Mensagem. Estes anúncios foram publicados na contracapa das seis primeiras edições da Revista Espiritual de Umbanda.

Não apenas os textos, mas também a publicidade veiculada na Revista merece ser analisada com atenção. Afinal, como observa Tânia de Luca, desde que se articulou às novas demandas da vida urbana no início do século XX, a publicidade, “no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos”²². Ao estudar a imprensa, portanto, é necessário “inquirir sobre ligações com poderes e interesses financeiros, inclusive de caráter publicitário”²³.

A partir do gráfico abaixo, é possível ter uma ideia da quantidade de páginas dedicadas exclusivamente aos anúncios publicitários, ao longo das 20 edições da Revista Espiritual de Umbanda:



Traçando um quadro geral, podemos perceber que, ao longo da trajetória da Revista, a quantidade de páginas com publicidade por edição foi aumentando à medida que novos números eram publicados. A Revista Espiritual de Umbanda nº 1 trazia seis páginas preenchidas com anúncios. A edição seguinte apresentava uma ligeira queda, com apenas cinco. Nos números seguintes até a décima edição, manteve-se uma média entre seis e nove páginas de anúncios, com pequenas variações. A Revista Espiritual de

²² Idem. Ibidem. p. 123.

²³ Idem. Ibidem. p. 140.

Umbanda nº 11 foi a primeira a ultrapassar a marca de dez páginas com publicidade, com 11 ocorrências do tipo. Dos números 12 a 18, a quantidade variou entre 13 e 15 páginas de anúncio. Seguindo a linha ascendente, a edição nº 19 trouxe 17 páginas de publicidade. O 20º número da Revista, que trouxe na capa a indicação “Edição Histórica”, foi o recordista em anúncios, com 22 páginas de publicidade.

Entre os espaços para veiculação de anúncios, um dos mais privilegiados é a contracapa da Revista. Como já mencionado anteriormente, as cinco primeiras contracapas foram ocupadas por anúncios do Programa Realidade Espírita, da Rádio Mundial. Na sexta edição, foi anunciado o Programa Música e Mensagem, voltado para um público semelhante, com “religiões, esoterismo, auto-ajuda e músicas espiritualistas”²⁴. Nas cinco edições seguintes – nº 7 a nº 11 – o anunciante da contracapa foi a Editora Madras, responsável pela publicação dos livros do escritor Rubens Saraceni, que obteve destaque em todos os anúncios, exceto o da 11ª edição, onde não teve nenhum livro citado. O número 12 da Revista Espiritual de Umbanda teve como anúncio de contracapa a TV Espiritualista, canal de televisão na Internet. Nas edições restantes – 13 a 20 – a publicidade da contracapa ficou com a Editora Casa dos Espíritos, divulgando os lançamentos de seu principal escritor: Robson Pinheiro. Apenas na contracapa do número 17 este autor não foi mencionado, com o anúncio trazendo um texto de apresentação da Editora Casa dos Espíritos.

Em se tratando de uma revista de Umbanda, as lojas e os distribuidores de artigos para religiões afro-brasileiras estão entre os anunciantes mais prováveis. Embora confirmem a probabilidade e apareçam em grande parte da publicidade veiculada no periódico, os fornecedores de artigos religiosos começam a anunciar somente a partir da 3ª edição da Revista Espiritual de Umbanda. Entre eles, pode-se destacar a “Luar Distribuidora de Artigos Religiosos”. Anunciada como “a maior distribuidora de artigos religiosos e esotéricos do planeta”, em todas as edições da Revista Espiritual de Umbanda, do número 3 ao número 20, a distribuidora “Luar” aparece em um anúncio de duas páginas, que ocupa sempre as páginas 66 e 67. Entre os outros fornecedores de artigos religiosos que anunciam com frequência, estão a “Casa São Jorge Guerreiro”, o “Reino de Osún e Ogún Níger”, a “Flora Xangô” e a estampanaria “Reine Transfer”, única empresa a ocupar anúncios de três páginas na Revista.

²⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 06. São Paulo: Escala, 2004. p. 68.

Ainda entre os anunciantes, merece destaque o Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional da Umbanda. Fundado e administrado por Ronaldo Linares, o Santuário anuncia em todas as edições da Revista Espiritual de Umbanda, com exceção dos números 6, 16 e 17. A maioria dos anúncios ocupa uma página inteira, com poucas variações.

Liderança no movimento umbandista de São Paulo, Ronaldo Linares é uma das personalidades mais destacadas na Revista Espiritual de Umbanda. Frequentemente citado em matérias e fotografado em eventos, Linares foi entrevistado logo na primeira edição do periódico. Nesta entrevista, não deixou de citar suas relações com nomes expressivos para o meio religioso afro-brasileiro, como a iniciação e o tempo em que morou no terreiro de um dos famosos babalorixás²⁵ da história do Candomblé, Joãozinho da Goméia, e o seu encontro com Zélio Fernandino de Moraes²⁶. Na 12ª edição da Revista, aparece recebendo homenagem de Rubens Saraceni²⁷.

1.3 – O Suporte

Tânia de Luca afirma que “nas páginas dos exemplares inscreve-se a própria história da indústria gráfica, dos prelos simples às velozes rotativas até a impressão eletrônica”²⁸. Portanto, ao analisarmos uma publicação, não podemos deixar de levar em consideração as características do suporte impresso, com sua variedade de formatos, papel, impressão, cores e imagens. Ainda de acordo com a autora, é importante “estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural”²⁹.

Para Roger Chartier, o impresso não pode ser considerado como um suporte neutro. O objeto impresso, segundo ele, “traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e os limites da possível recepção”³⁰. Além de todas as senhas – explícitas e implícitas – que o autor inscreve em sua obra afim de

²⁵ **Babalorixá** – O mesmo que Pai-de-santo. Forma mais utilizada no Candomblé.

²⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. São Paulo: Escala, 2003. pp. 52-61.

²⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. São Paulo: Escala, 2006. pp. 28-29.

²⁸ LUCA, Tânia Regina de. Op. cit. p. 132.

²⁹ Idem. Ibidem. p. 132.

³⁰ CHARTIER, Roger. **Do Livro à Leitura**. In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 96.

produzir uma leitura correta dela, existem outras instruções, “trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração”³¹.

Lançada em 2003, a Revista Espiritual de Umbanda chegou ao mercado editorial como um periódico cujo suporte apresentava todas as características necessárias para torná-la um produto interessante e competitivo, com todas as condições técnicas vigentes.

Com 68 páginas e formato 203mm x 275mm, a publicação é impressa em papel couché, 120 gramas na capa e 90 gramas no miolo (páginas interiores). A única exceção foi o número 20 – “Edição Histórica” –, impressa em papel couché, 110 gramas na capa e 80 gramas no miolo. A gramatura menor do papel na capa e no interior dá a esta edição um aspecto ligeiramente mais refinado que as anteriores.

Tanto a capa quanto as páginas interiores da Revista são coloridas. E, mais do que isso, fartamente ilustradas, com grande variedade de fotos, que retratam desde eventos até médiuns incorporados com entidades espirituais, imagens de santos e orixás e outros registros. A diagramação, na maioria das páginas, pode ser definida como equilibrada e inteligível.

1.4 – Linha Editorial

Conforme já dissemos anteriormente, a Revista Espiritual de Umbanda, assim como toda publicação, possui uma linha editorial. E é justamente a linha editorial que irá determinar a maneira como a Revista irá abordar os assuntos ou assumir posições em suas páginas.

Na entrevista que concedeu a Alexandre Cumino, publicada no número 12 da Revista Espiritual de Umbanda, o editor Marques Rebelo declarou:

Tive contato com todo o sincretismo que há na Umbanda, que recebe influências espírita, tupi, africana e iniciática. Hoje defendemos o universalismo na Umbanda por acreditar que ela é uma síntese de todas as religiões³².

De fato, à primeira vista este “universalismo” defendido por Marques Rebelo pode mesmo ser encontrado nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda. Ao longo das 20 edições publicadas até o momento, os textos e imagens falam das mais diferentes tradições de Umbanda. Esta diversidade já foi explicada por Patrícia Birman:

³¹ Idem. p. 97.

³² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. São Paulo: Escala, 2006. p. 57.

Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de se praticar a religião. Tais diferenças, contudo, se dão num nível que não impede a existência de uma crença comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade³³.

No entanto, mesmo retratando formas distintas de se entender e praticar a Umbanda – e justamente pela forma como fala sobre elas – a Revista acaba assumindo posições ao demonstrar quais seriam as concepções mais adequadas sobre esta religião. Conseqüentemente, atua como produtora de representações a respeito da religião. O conceito de *representação* do historiador Roger Chartier pode ser utilizado para analisar de que maneira as estruturas sociais são incorporadas por um determinado grupo, e também as formas que esse grupo usa para construir sua identidade.

No texto “O Mundo como Representação”³⁴, Chartier afirma que a noção de representação autoriza a articulação de três modalidades de relação com o mundo social. A primeira delas seria o trabalho de classificação e recorte que produz configurações múltiplas, a partir das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade. São as diferentes correntes ou escolas umbandistas, em contato umas com as outras, dando forma ao grande grupo que, de maneira geral, é chamado de Umbanda.

A segunda modalidade compreende as práticas que pretendem fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de ser no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Neste caso, seriam os traços comuns, que permitem que as diferentes tradições umbandistas sejam reconhecidas como pertencentes à religião.

Por fim, a terceira modalidade de relação com o mundo social trata das formas institucionalizadas e objetivas, em virtude das quais “representantes” – instâncias coletivas ou mesmo indivíduos singulares – marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, comunidade ou classe. São as personagens, grupos e instituições singularizados, destacados no universo umbandista.

Tomando como base, portanto, o conceito formulado por Chartier, é possível analisar a Revista Espiritual de Umbanda como produtora de representações desta própria religião. Essa análise pode ser construída a partir das modalidades de relação com o mundo social descritas pelo autor – a publicação como instrumento de um dos

³³ BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985. p. 25-26.

³⁴ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. pp. 61-79.

diferentes grupos que, ao lado de outros inseridos num mesmo contexto, constroem a realidade para um determinado segmento.

No mesmo artigo, o autor prossegue, referindo-se a uma “dupla via”, que se abre a partir da idéia de representação. De um lado, estaria a construção da identidade social como produto de uma relação de forças entre as representações impostas por aqueles que possuem o poder de classificar ou nomear e a definição de aceitação ou resistência que cada comunidade produz de si mesma. Na outra direção, estaria o recorte social como tradução do crédito conferido à representação que cada coletividade faz de si mesma, com a capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir da demonstração de unidade.

É possível pensar, portanto, a equipe editorial da Revista Espiritual de Umbanda e aqueles cujo pensamento é por ela representado, como um dos grupos empenhados nessa relação de forças visando a construção de uma identidade social para os umbandistas. A análise da publicação e também da sua relação com outros grupos permitirá ainda perceber o seu nível de interferência na forma como a própria Umbanda se reconhece e a representação que, hegemonicamente, o segmento umbandista produz para si mesmo.

Uma das questões mais importantes para a construção de uma identidade umbandista é, sem dúvida, a “origem” ou o mito de fundação da religião. A versão mais divulgada nos últimos anos é a de que a Umbanda teria sido anunciada no dia 15 de novembro de 1908, no Rio de Janeiro, pela entidade espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporada no médium Zélio Fernandino de Moraes. Por ocasião do “centenário”, em 2008, este mito fundador tem sido propagado e aceito por diversos segmentos umbandistas.

Não faltaram projetos, eventos, homenagens e outras alusões à data. A movimentação em torno do “centenário da Umbanda”, inclusive, contou com intensa participação da Revista Espiritual de Umbanda. Logo no seu primeiro número, a publicação traz na capa a chamada “Zélio Fernandino de Moraes: a primeira manifestação oficial da Umbanda”, com uma pequena foto do médium. No interior, uma matéria de cinco páginas³⁵.

³⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. São Paulo: Escala, 2003.



Conforme anunciado na capa, Zélio Fernandino de Moraes é tema de matéria já no primeiro número da Revista.

Zélio Fernandino de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a data de “fundação” da Umbanda e assuntos correlatos estão nas capas de várias edições da Revista. No número 3, a foto de Mãe Zilméia, filha do médium, divide a capa com a entidade Pai João do Congo, incorporada por Pai Joãozinho Sete Pedreiras. Diz a chamada: “Mãe Zilméia: 88 anos de vida espiritual – filha do médium Zélio Fernandino de Moraes”³⁶. Na quarta edição, a capa traz a chamada: “Mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas para o Colégio de Umbanda Sagrada”³⁷. É importante ressaltar que estão à frente deste Colégio Alexandre Cumino e Rubens Saraceni, que teria recebido mediunicamente a mensagem.

³⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. São Paulo: Escala, 2003.

³⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 04. São Paulo: Escala, 2004.



Aos 88 anos de idade, Mãe Zilméia, filha de Zélio Fernandino de Moraes, é destaque na capa do 3º número.

No oitavo número da publicação, a pequena chamada de capa faz referência às comemorações do aniversário de fundação da Umbanda: “Mãe Zilméia festeja 96 anos de Umbanda”³⁸. No número 11, a abordagem é semelhante: “Vem aí, 97 anos de Umbanda”³⁹. A 12ª edição traz a repercussão do evento, com a chamada “97 anos de Umbanda – Rio de Janeiro”⁴⁰. No número 14, novamente: “Parabéns Umbanda – 98 anos”⁴¹.

A 18ª edição do periódico traz a chamada: “Palestra Caboclo das Sete Encruzilhadas – Sacerdote Zélio de Moraes”⁴². Além das capas, em diversas matérias publicadas médiuns e líderes umbandistas tentam associar sua imagem às de Zélio Fernandino de Moraes e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, como forma de obter credibilidade e legitimação.

³⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 08. São Paulo: Escala, 2005.

³⁹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 11. São Paulo: Escala, 2005.

⁴⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. São Paulo: Escala, 2006.

⁴¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 14. São Paulo: Escala, 2006.

⁴² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 18. São Paulo: Escala, 2008.

Em nenhum momento, no entanto, a Revista Espiritual de Umbanda se posiciona de forma tão explícita sobre o tema como em seu vigésimo número⁴³, como veremos no segundo capítulo deste trabalho.

A anúncio da Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por meio da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes, é relatada na Revista Espiritual de Umbanda nº 01, em matéria intitulada “A primeira manifestação oficial da Umbanda”⁴⁴. No texto estão relatados os principais episódios deste mito fundador, cujas versões – sempre com algumas variações – circulam no meio umbandista e transmitem certa visão das origens da Umbanda.

Ao explicar o que é um mito fundador, Marilena Chauí esclarece que a palavra “mito” deve ser compreendida no sentido antropológico, como uma narrativa que aparece como solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. Já o termo “fundador” refere-se a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo⁴⁵.

Portanto, ao mesmo tempo em que soluciona o problema de explicar o surgimento da religião, a narrativa da origem da Umbanda por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, aparece também como marco inicial, criador, instante em que esta religião passa a existir.

No texto “Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro”, Emerson Giumbelli questiona o mito fundador protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ao pesquisar obras produzidas por acadêmicos e autores umbandistas, Giumbelli percebeu aquilo que os textos que singularizam e destacam Zélio Fernandino de Moraes são todos posteriores à década de 1960⁴⁶. Antes disso, não fora encontrada qualquer referência ao “fundador” da Umbanda.

⁴³ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. São Paulo: Escala, 2008.

⁴⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. p. 21.

⁴⁵ CHAUI, Marilena. **Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 9.

⁴⁶ GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Caminhos da Alma*. São Paulo: Summus, 2002. p. 189.



Mito fundador envolvendo Zélio Fernandino de Moraes é matéria de cinco páginas no número 01.

Giumbelli afirma que esta versão para a origem da Umbanda parecer ser uma construção tardia. Mesmo assim, argumenta que o lugar de Zélio Fernandino de Moraes no processo não pode ser desprezado e trajetórias como a sua “representariam um campo imprescindível para nossas problematizações e interpretações”⁴⁷.

Diana Brown pesquisou o que chama de primórdios da Umbanda no Rio de Janeiro. Sobre a origem da religião, escreveu:

Considero que a fundação da Umbanda ocorreu no Rio de Janeiro em meados da década de 1920, por iniciativa de um grupo de kardecistas de classe média que começaram a incorporar tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas⁴⁸.

Brown observa ainda que embora o centro de Zélio Fernandino de Moraes e os que foram fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que ela encontrou

⁴⁷ Idem. p. 212.

⁴⁸ BROWN, Diana. **Uma História da Umbanda no Rio**. In: Cadernos do ISER. Nº 18. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985. p. 9.

no Brasil que se identificavam como praticantes de Umbanda, não há certeza de que Moraes tenha sido o fundador desta religião.

A historiografia da Umbanda é extremamente imprecisa sobre este aspecto, e, fora deste contexto, a história de Zélio não é amplamente conhecida nem tampouco ganhou uma aceitação geral, notadamente entre os líderes mais jovens⁴⁹.

Mais especificamente sobre a questão das origens da Umbanda, é interessante citar a visão do escritor umbandista Tancredo da Silva Pinto, para quem a religião teria surgido na África. Pinto, que criou o ritual de Umbanda Omolocô – em alguns casos, é grafado também Omolokô – afirmava que o culto havia nascido no povo Lunda Quiôco, do sul de Angola⁵⁰.

Discorrendo sobre a divisão entre os umbandistas na década de 1950, Diana Brown relata que Tancredo da Silva Pinto era o líder da Federação Espírita Umbandista, fundada em 1952 e que defendia uma forma de Umbanda mais africanizada. Brown descreve Tancredo da Silva Pinto como

Um líder religioso afro-brasileiro que tornara-se um importante porta-voz dos praticantes de Umbanda de orientação africana. Tancredo conseguiu também uma coluna semanal no jornal O Dia, através de ligações com seu proprietário, Chagas Freitas. Nesta coluna, Tancredo desenvolvia um trabalho de filiação para sua nova federação, e recomendava uma forma africana para o ritual de Umbanda. Esses filiados e patrocinadores eram quase todos oriundos do setor inferior, de terreiros de estilo africana, muitos deles localizados nas favelas da cidade. Por ocasião da minha pesquisa em 1966, fiquei surpresa com a sua fama e popularidade nas favelas de toda a cidade. Em cada uma delas que visitei, pelo menos uma pessoa mencionava seu nome, e muitos dos centros localizados nesses arredores já eram há muito tempo filiados a sua federação⁵¹.

Se lembrarmos o universalismo na Umbanda defendido pelo editor Marques Rebelo em sua entrevista, perceberemos que o mesmo não se aplica a Tancredo da Silva Pinto. Embora tenha sido uma liderança importante no movimento umbandista, Pinto não recebe qualquer referência ao longo das vinte edições da Revista Espiritual de Umbanda. Chama a atenção, inclusive, a publicação da matéria “Culto Omoloko”, no número 9 da Revista. Com quatro páginas, o texto não faz qualquer citação a Tancredo da Silva Pinto⁵².

⁴⁹ Idem. p. 10.

⁵⁰ PINTO, Tancredo da Silva. **A Origem da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1970. p. 9-10.

⁵¹ BROWN, Diana. Op. cit. p. 23.

⁵² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 09. São Paulo: Escala, 2005. pp. 12-15.



Capa do livro “A Origem da Umbanda”, em que Tancredo da Silva Pinto afirma que a origem da Umbanda está em Angola.

O escritor umbandista Caio de Omulu, no livro *Umbanda Omolocô*, ao tratar das origens do culto, dá um tratamento bem diferente a Tancredo da Silva Pinto:

Existe um hiato muito grande entre a época de Chico-Rei e o ressurgimento do Culto Omolocô no rio de Janeiro. Não há registros disponíveis sobre o que se sucede com o culto neste longo período. Assim, temos, na Umbanda, com Zélio Fernandino de Moraes, no *Tata Ti Inkice* Tancredo da Silva Pinto o mito de origem do Culto Omolocô na década de 50⁵³.

Em seus quatro primeiros números, a *Revista Espiritual de Umbanda* publicou a seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!”. Neste espaço eram respondidas perguntas supostamente enviadas por leitores. O responsável pelas respostas formuladas era Alexandre Cumino, editor do *Jornal de Umbanda Sagrada* e que, assim como Rubens Saraceni, teve uma série de textos “doutrinários”, com sua visão a respeito de diversos temas umbandistas.

⁵³ OMULU, Caio de. *Umbanda Omolocô: liturgia, rito e convergência (na visão de um adepto)*. São Paulo: Editora Ícone, 2002. p. 55.

Mais do que simplesmente responder a questionamentos, a seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!” pode perfeitamente ser interpretada como um lugar onde o periódico também assume posições. Logo no número 1, foi respondida a seguinte pergunta:

Quando teve início a manifestação religiosa de umbanda?

Temos uma data como marco inicial da Umbanda, que é a primeira tenda de Umbanda registrada em território Nacional, a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade, fundada em 15 de novembro de 1908, por Zélio Fernandino de Moraes e seu Caboclo das Sete Encruzilhadas. A Tenda funciona até hoje e se encontra sob a direção de sua filha, Zilméia de Moraes⁵⁴.



“Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!”. Responsável pelas respostas, escritor Alexandre Cumino é, neste espaço, a voz da religião.

Uma posição bastante clara é novamente evidenciada no editorial da 20ª edição, assinado pelos “editores Marques Rebelo, Virgínia Rodrigues e os Espíritos Amigos Pedro Miguel e Emiliano de Souza Arantes”. Diz o texto:

Em cem anos de culto de Umbanda Branca, após 36.525 dias de anunciada, em 15 de novembro de 1908 sob a roupagem fluídico-energética de um caboclo brasileiro, perguntamos:

⁵⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. p. 24.

Quantos templos seguem o ritual de Umbanda Branca do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que faz 100 anos no dia 15 de novembro de 2008?⁵⁵

1.5 – Contexto no qual surge a publicação

Quando a Revista Espiritual de Umbanda chegou às bancas, em 2003, faltavam cinco anos para o centenário da fundação atribuída a Zélio Fernandino de Moraes.

Estatisticamente, a Umbanda apresentava, no índice de adeptos levantado pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que Antônio Flávio Pierucci define como “gradual retração numérica”, ao analisar a composição religiosa da população brasileira⁵⁶.

Citando os estudos de Lísias Nogueira Negrão, Pierucci autor destaca que a década de 1970 – particularmente no período de 1974 a 1976 – assistiu ao “momento culminante do crescimento da Umbanda”, religião que, segundo ele, se queria “afro”, porém “para todos”, ao mesmo tempo étnica e universal⁵⁷.

Na análise de Pierucci, a Umbanda começou a entrar em refluxo já na década de 1980. E, desde então, de acordo com o autor, ao que tudo indica, a religião “não parou mais de encolher aos poucos”. Ao examinar tabelas dos censos demográficos, Pierucci faz a seguinte análise:

A perda de seguidores no conjunto dos cultos afro-brasileiros é lenta, gradual e contínua nas duas últimas décadas do século XX. Dos 0,57% de brasileiros que declaravam pertencer à Umbanda ou ao Candomblé em 1980, apenas 0,44% o fazem em 1991 e em 2000 ainda menos: 0,34%. A partir de 1991, quando o IBGE passou a separar Umbanda e Candomblé, tornou-se possível discernir qual das duas está perdendo terreno: é a Umbanda, que cai de 541.518 em 1991 para 432.001 seguidores em 2000 (uma perda superior a cem mil adeptos), enquanto o Candomblé, no mesmo período cresce de 106.957 para 139.329 participantes (um acréscimo superior a trinta mil adeptos)⁵⁸.

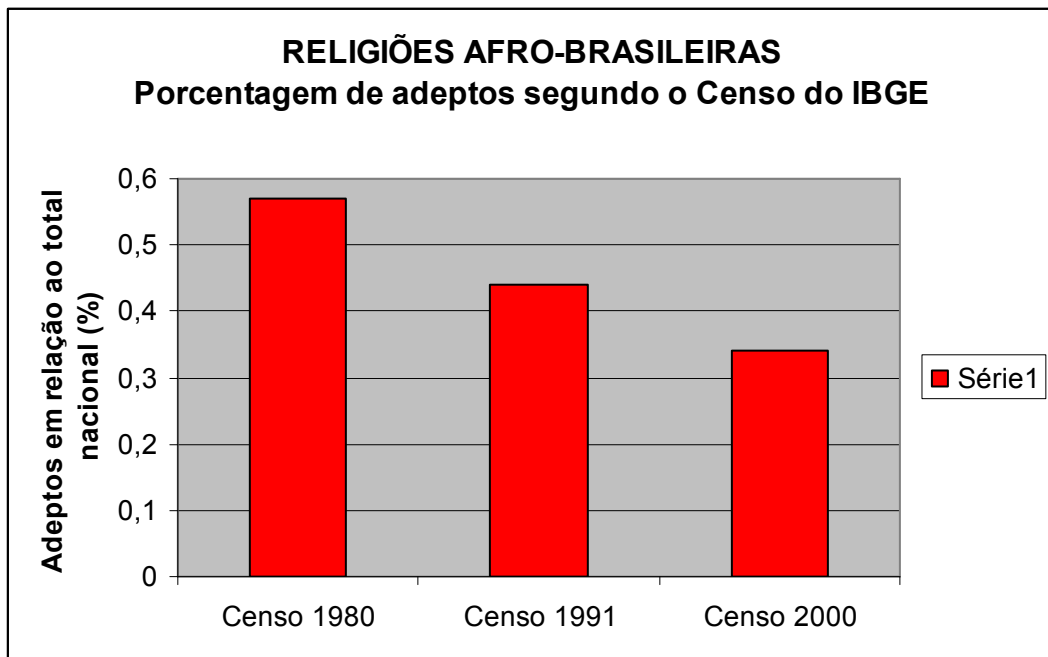
A redução no número de adeptos no conjunto das religiões afro-brasileiras, observada por Antônio Flávio Pierucci, pode ser melhor visualizada no gráfico a seguir:

⁵⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. Op. cit. p. 03.

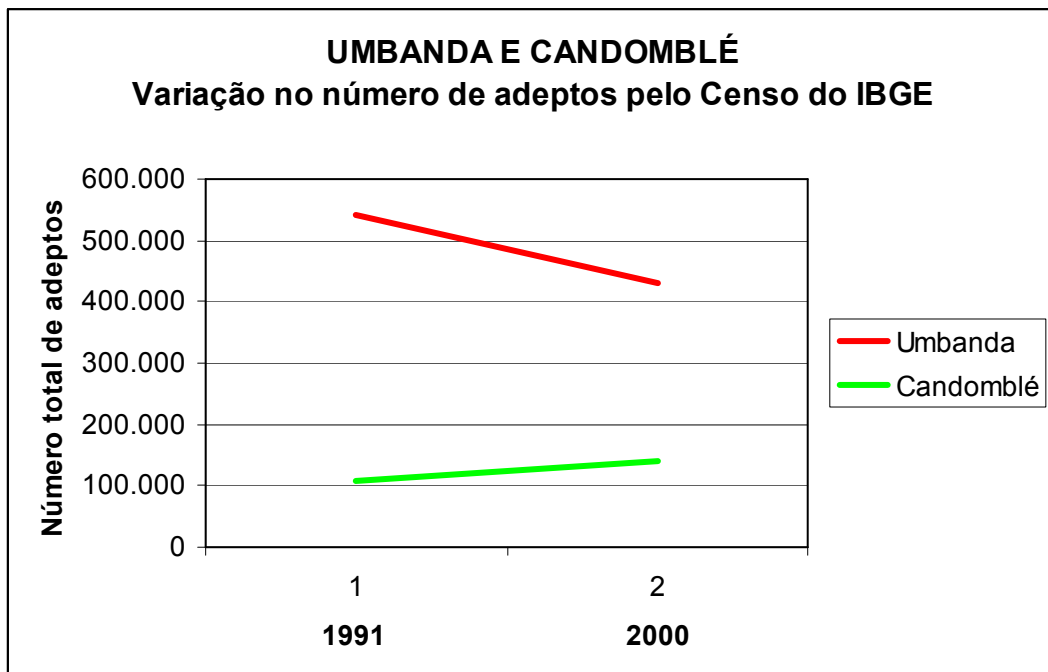
⁵⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio. **"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000.** *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Dez. 2008.

⁵⁷ Idem. p. 24.

⁵⁸ Idem. p. 25.



Considerando separadamente a Umbanda e o Candomblé, como passou a ocorrer a partir do Censo de 1991, temos as seguintes variações no número total de praticantes destas religiões:



Embora o número de pessoas que se declaram umbandistas ainda seja muito maior que o de candomblecistas, o gráfico sinaliza claramente a redução sofrida pela

Umbanda e o crescimento experimentado pelo Candomblé. Caso esta tendência se mantenha, é provável o encontro entre as linhas deste gráfico nos próximos censos, o que significaria a superação da Umbanda pelo Candomblé em número de praticantes.

Esta retração numérica da Umbanda demonstrada por Pierucci, a princípio, poderia sugerir um cenário desfavorável para o lançamento de um projeto editorial voltado ao segmento umbandista.

No entanto, quando o primeiro número da Revista Espiritual de Umbanda chegou às bancas, já existiam duas publicações dedicadas ao Candomblé: a revista “Orixás”, da Editora Minuano, que é publicada até hoje, e a “Revista dos Orixás”, da Editora Provenzano.

Além destas, em maio de 2003 a Editora Abril lançava a “Revista das Religiões”. A publicação, já extinta, era identificada como um especial da revista “Superinteressante”. Em suas páginas eram incluídos textos explicativos sobre as diversas religiões.

Apesar da diminuição no número de adeptos da Umbanda, demonstrada pelo IBGE, a presença de outras publicações dirigidas aos cultos afro-brasileiros e às religiões em geral parecia demonstrar que o ano de 2003 poderia ser um momento favorável ao lançamento da Revista Espiritual de Umbanda.

A realidade, no entanto, pode não ter sido a mesma dez anos antes, quando a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD) lançou a revista Umbanda – Uma Religião Brasileira. Com capa e contracapa coloridas e páginas internas em preto e branco, esta publicação não apresentava um aspecto visual tão elaborado quanto a Revista Espiritual de Umbanda⁵⁹.

É importante ressaltar, porém, que em 1993 a informatização ainda não havia chegado a todas as redações; as técnicas de diagramação e impressão, assim como os equipamentos fotográficos, eram menos acessíveis do que em 2003. Além disso, a Internet ainda não havia sido propagada em larga escala, o que também veio facilitar, e muito, a produção de periódicos.

Em texto publicado em seu *blog*, em 2007, quem fala sobre a publicação é William de Oliveira, na época, editor executivo da revista Umbanda – Uma Religião Brasileira:

Nos idos de 1993, há exatamente 14 anos, dávamos um passo importante dentro de nossa caminhada espiritual: uma série de apostilas onde compilamos assuntos importantes para

⁵⁹ UMBANDA – UMA RELIGIÃO BRASILEIRA. Nº 7. São Paulo: Traço Editora, maio/junho 1995.

a corrente mediúnica do terreiro em que freqüentávamos, subitamente transforma-se na primeira revista exclusivamente de Umbanda da história brasileira. Por essa época havíamos deixado de freqüentar o templo em questão e havíamos acabado de colocar nossa vestimenta branca na corrente da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino.

(...)

Dez anos mais tarde nosso amigo Marques Rebelo retomaria a idéia coma Revista Espiritual de Umbanda.

(...)

A revista saiu em maio de 1993, depois de uma série de dificuldades, tais como doenças no pessoal da produção, assaltos na editora e até dois incêndios em duas gráficas diferentes!! Uma primeira prensagem de 2000 exemplares só foi possível – haviam previsto uma tiragem inicial de 4000 – porque o Márcio, o editor da Pen era um homem de fibra e lançou a revista tão logo ficou pronta, não quis nem saber quantos exemplares haviam sido prensados. Foi impulsionado pela vontade de ver a coisa acontecer e ela aconteceu: a revista foi um sucesso tão grande que o Márcio mandou prensar logo mais 6000 exemplares. Não houve recolhimento da primeira nem da segunda prensagem, a vendagem ficou 100% e desde esse primeiro número, o número experimental, o mercado editorial e as “majors” da imprensa da época cresceram o olho no produto e começaram a se preparar para explorarem o filão⁶⁰.



“Umbanda – Uma Religião Brasileira” é considerada precursora da Revista Espiritual de Umbanda.

⁶⁰ OLIVEIRA, William de. A história da Revista Umbanda – Uma Religião Brasileira – Parte I. <http://acervoofu.blogspot.com/2007/05/historia-da-revista-umbanda-uma-religio.html>. Acesso: 20/06/2008.

No texto, William de Oliveira também fala mais especificamente sobre a revista e também a respeito das dificuldades que provocaram o seu encerramento:

Aquela era uma época simples, em que as revistas não possuíam a sofisticacao gráfica e tecnológica de hoje. Foi lançada em preto e branco, com ilustrações no lugar de fotos, mas agradou tanto que uma outra editora, a Editora Escala – hoje uma das maiores editoras do Brasil – nos procurou com uma proposta mais abrangente em termos de distribuição e qualidade técnica. Como o Márcio iria mudar de ramo e fechar a Pen, nos transferimos para a Escala, onde entramos numa nova fase, de muitas lutas, físicas e astrais, onde finalmente percebi o que um iniciado umbandista enfrentava nos bastidores do terreiro...⁶¹

Seu relato ainda reforça novamente o caráter de pioneirismo que ele atribui à revista Umbanda – Uma Religião Brasileira:

Ninguém, até aquela época havia se arriscado a publicar algumas coisa, num folhetim em distribuição nacional, que falasse de Umbanda, Macumba, Candomblé ou religiões brasileiras, pois o preconceito era gigantesco e o público umbandista muito mais acanhado do que atualmente⁶².

Faltou lembrar, no entanto, da revista Umbanda Verdade, publicada pela editora paulista Bártolo Fittipaldi. Embora a data de lançamento não apareça no expediente do periódico, os textos demonstram que o primeiro número de Umbanda Verdade foi lançado em 1985⁶³.



“Umbanda Verdade”, dos anos 1980, traz na capa o líder umbandista Jamil Rachid.

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

⁶³ UMBANDA VERDADE. São Paulo: Bártolo Fittipaldi. Sem data.

Embora não fosse exclusivamente dedicada ao segmento umbandista, a revista *Magia, Mistério e Umbanda* já trazia no título o nome da religião. No expediente também não estar registrada a data de publicação. Mas o aspecto visual e físico dos números 16 e 18 indicam que o periódico provavelmente seja ainda anterior a 1985⁶⁴.



“Magia, Mistério e Umbanda”: religião dividia espaço com outros temas.

1.6 – A Revista em relação a outros públicos

Embora seja dedicada ao segmento umbandista, a *Revista Espiritual de Umbanda* traz também em suas páginas textos que fazem referências a outras religiões. Para entender a relação entre a Umbanda e as outras religiões utilizaremos o conceito de campo religioso, de Pierre Bourdieu⁶⁵.

Na visão de Bourdieu, o campo é a “arena”, o palco do conflito. Domínio da disputa, do embate. É nesse espaço, que não pode ser definido como bom ou ruim, mas

⁶⁴ MAGIA, MISTÉRIO E UMBANDA. Números 16 e 18. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora. Sem data.

⁶⁵ Conforme pudemos apreender com a leitura e discussões em torno de BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

apenas inerente ao jogo, que os diferentes grupos ou indivíduos lutam pela afirmação de uma produção e a descaracterização, desqualificação de outra.

Desta forma, no campo religioso brasileiro, as diferentes denominações religiosas estão em permanente disputa, medindo suas forças em busca do discurso hegemônico.

Este capital simbólico, que significa a legitimação de determinado pensamento, identidade ou discurso, deve ser reconhecido pelos grupos que o reivindicam. Deve haver um consenso em torno da sua valorização.

O embate é, portanto, marcado pela assimetria de acumulação do capital religioso. O objetivo de cada um dos grupos envolvidos é acumular e impedir que seus oponentes acumulem mais capital – que corresponde ao reconhecimento, à legitimação – na luta pelo controle, pela dominação.

Assim como a Umbanda, o Candomblé é também uma religião afro-brasileira. As matrizes africanas e os diversos elementos comuns – divindades cultuadas, rituais, termos utilizados, entre outros –, tornam evidentes a ligação entre a Umbanda e o Candomblé. Um expressivo número de adeptos migra de uma religião para outra; muitos, inclusive, freqüentam ou são iniciados simultaneamente nas duas. Para os que não conhecem as religiões de matriz africana, são normais as confusões entre a Umbanda e o Candomblé. A proximidade entre os dois segmentos religiosos, portanto, é muito grande, uma verdadeira simbiose.

Como já mencionado anteriormente, a Revista Espiritual de Umbanda já teve cinco edições especiais dedicadas ao Candomblé. Os exemplares foram impressos com o mesmo papel e seguiram o projeto gráfico. A diferença é que possuem oito páginas a mais: 76, contra as 68 das edições regulares.

O Candomblé está presente nas páginas das edições regulares em matérias como as “Águas de Oxalá”⁶⁶, publicado no primeiro número. Ou, então, é citado para que sejam esclarecidas diferenças entre as duas religiões, como na seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde”. No número 3 da Revista, ao explicar a diferença entre médium coroadado e médium burilado, Alexandre Cumino, o responsável pelas respostas, afirmou:

Ser burilado significa que já fez algum trabalho de assentamento de força em seu “Ori” de cabeça, já que a origem da palavra está em fazer o “Bori”, que quer dizer “dar de comer à cabeça”, um conceito originalmente usado nos Cultos de Nação na África e adotado no Candomblé⁶⁷.

⁶⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit.

⁶⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. Op. cit. p. 40.

Em relação ao Espiritismo, registra-se uma grande quantidade de textos publicados. Principalmente escritos relativos a aspectos morais da Doutrina Espírita, recomendações de práticas espíritas como o Evangelho no Lar e explicações sobre temas como vida espiritual, mediunidade e obsessão.

A edição nº 12, por exemplo, traz na capa a chamada “Allan Kardec e a Doutrina dos Espíritos”. O texto, de quatro páginas, traz um panorama da obra do codificador do Espiritismo. Ao final, um box com a sinopse dos seis principais livros de Kardec⁶⁸. Já o número 18 da Revista traz, na página 65, junto ao expediente da publicação, uma mensagem do espírito André Luiz, psicografada por Chico Xavier⁶⁹.

O Catolicismo, por sua vez, aparece sempre enquanto elemento do sincretismo religioso que deu origem à Umbanda. Em várias matérias e até mesmo capas aparecem as imagens dos santos que correspondem aos orixás. O número cinco, por exemplo, traz na capa uma ilustração de Jesus, com o anúncio “Contém um Pôster de Oxalá”, abaixo do título da matéria. Na 9ª edição, é a vez de São Sebastião: “Oxossi: orixá das matas”; no número 10, aparece São Jerônimo: “Xangô: orixá da justiça”; no número 11, São Jorge ou “Ogum: orixá guerreiro”. O número 12 tem como destaque uma estátua de Jesus, “Oxalá: orixá da criação”; a edição seguinte traz Nossa Senhora Aparecida – “Oxum: orixá das águas doces”; na 14ª edição aparece Santa Bárbara, “Iansã: orixá dos ventos e tempestades”; na capa do número 15, a imagem aparece simplesmente com a explicação do sincretismo, “Santo Antônio: Exu”; o mesmo acontece no 16º número, com “Santa Joana D’arc: Obá”.

Em relação aos católicos, a exceção acontece na Revista número 11. “Preconceito Religioso: Santa Ignorância” é o texto que denuncia a ofensa cometida pelo padre Oscar Quevedo às religiões afro-brasileiras no programa televisivo Superpop. “21-07-2005 - Terça-feira: Marcelo Fritz, do Icapra, assiste Padre Quevedo chutar uma oferenda em programa de televisão”, diz a legenda da foto, em destaque⁷⁰. O texto é assinado pelo próprio Marcelo Fritz, do Instituto Cultural de Apoio e Pesquisa às Religiões Afro.

Com os demais integrantes do campo religioso brasileiro, as relações mais tensas dos umbandistas são, sem dúvidas, com os membros de igrejas evangélicas. Estes são citados na Revista Espiritual de Umbanda somente quando o assunto é preconceito e intolerância religiosa.

⁶⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. Op. cit. p. 14-17.

⁶⁹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 18. Op. cit. p. 65.

⁷⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 11. Op. cit. pp. 30-31.

A capa da 10ª edição da Revista Espiritual de Umbanda traz a chamada: “Umbanda ganha ação contra Igreja Universal”. No interior, a matéria ocupa quatro páginas, com o título “Religiões Afro-brasileiras ganham Direito de Resposta nos programas de televisão da Igreja Universal”⁷¹.

O número 11 da Revista foi o que mais trouxe à tona a questão. Logo na capa, a chamada: “Movimento Chega! contra a discriminação religiosa”. No editorial, assinado pelo espírito Pedro Miguel (médium Marques Rebelo), foi destacada a necessidade de representação política da Umbanda:

É necessário entender que a religião precisa de representantes políticos. No mundo de vocês, é lógico que a força deve ser mantida pelo meio da maioria. Nem sempre a força é mantida pela maioria, ma é mantida pelo equilíbrio natural da evolução. Por isso, discutir política entre vocês é algo extremamente importante, à medida que se discute a ética, a forma, a conduta que cada um deve ter perante o público, perante suas ovelhas, perante os nossos umbandistas⁷².

Na mesma edição, matéria de três páginas anuncia: “24-07-2005 – Nasce em São Paulo, o movimento de conscientização política: Chega!”. Ao longo das três páginas está destacada a frase “Chega! Precisamos de representantes na política”, de Rubens Saraceni, criador do movimento⁷³. Em seguida, um outro texto de duas páginas anuncia a elaboração de um projeto pela ética na Umbanda.

Além destas religiões, a Revista Espiritual de Umbanda publicou também matérias sobre outros segmentos religiosos, como o Catimbó, o Santo Daime e o Budismo.

⁷¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 10. Op. cit. pp. 04-09.

⁷² Idem. p. 3.

⁷³ Idem. pp. 35-37.

II) O PESO DA NOÇÃO DE MITO FUNDADOR NA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA

*“Chegou, chegou
Chegou com Deus
Chegou, chegou
O Caboclo das Sete Encruzilhadas”*

Ponto cantado para o Caboclo das Sete Encruzilhadas¹

2.1 – Zélio Fernandino de Moraes, Caboclo das Sete Encruzilhadas e o endosso ao 15/11/1908

Não é incomum ouvirmos dizer que o povo brasileiro é formado pela mistura de três valorosas raças: índios, negros e portugueses. E que, devido à mestiçagem, vivermos numa “democracia racial” e não temos preconceitos de raça e cor, assim como de credo e classe. Além disso, de acordo com este mesmo pensamento, a história do Brasil foi escrita sem derramamento de sangue.

A repetição de afirmativas como estas, que expressam uma visão extremamente ufanista sobre o Brasil, demonstra que cada um de nós experimenta, no cotidiano, a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos².

De acordo com Marilena Chauí, esta representação do Brasil é produto – e retira sua força, sempre renovada – do mito fundador do país, que remete ao descobrimento, em 1500. Além do sentido etimológico (do grego *mythos* = narração pública de feitos lendários da comunidade), a autora emprega a palavra também no sentido

¹ **Ponto cantado** – Cantiga de Umbanda. Com importantes funções no ritual umbandista, os pontos cantados servem para identificar, evocar ou despedir-se das entidades que se manifestam. Têm ainda outras finalidades, semelhantes às da oração: pedir bênçãos e proteção; fazer agradecimentos; louvação etc.

Este cântico de Umbanda está presente em uma coleção de textos, arquivos de áudio e vídeo que fazem parte do acervo da Casa Branca de Oxalá (www.casabrancadeoxala.blogspot.com), templo umbandista localizado na cidade de Lagoa Santa (MG), que diz praticar o ritual de Umbanda Branca, mais fiel às tradições atribuídas ao culto que teria sido iniciado por Zélio Fernandino de Moraes.

Recentemente, em algumas ocasiões, pude ver este mesmo ponto sendo cantado no Centro Espírita Santa Catarina, templo umbandista na cidade de Itajaí (SC), cujo ritual possui vários elementos também presentes no tipo de Umbanda atribuído a Zélio de Moraes.

² CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 6-7.

antropológico, em que a narrativa funciona como solução imaginária para conflitos e contradições que não podem ser resolvidos no nível da realidade.

Se também dizemos mito fundador é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela³.

Marilena Chauí esclarece ainda que o uso da expressão *mito fundador* deve-se à diferença entre fundação e formação. Enquanto a *formação* envolve a transformação e ao processo histórico propriamente dito, incluindo suas representações e ideologias, a *fundação* evoca um momento passado imaginário, visto como instante de origem, que se mantém vivo e presente no curso do tempo. A fundação, portanto, “pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar”⁴.

Ainda de acordo com Marilena Chauí, a fundação aparece como algo que emana da sociedade e, simultaneamente, engendra a própria sociedade da qual emana. Por isso, é entendida como mito.

Como afirma Emerson Giumbelli, tratar da Umbanda frequentemente suscita a questão de suas origens. “Na verdade, trata-se mesmo de uma preocupação central manifestada tanto por lideranças religiosas quanto por estudiosos dos seus cultos”⁵. Tal assunto, portanto, não poderia deixar de aparecer como um dos temas centrais na Revista Espiritual de Umbanda, publicação de alcance nacional voltada para esta religião.

Giumbelli pontua que, a respeito das origens da Umbanda, tão comum quanto a reivindicação da sua imemoriabilidade – situando sua gênese em tempos imemoriais e continentes remotos – é a sua designação como “religião autenticamente brasileira”.

Neste caso, adquire proeminência a figura de Zélio de Moraes, cuja notoriedade se produz em torno de certo reconhecimento de seu papel de “fundador” ou de “pioneiro da Umbanda no Rio de Janeiro e arredores”⁶.

A data da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas passou a ser aceita pela maioria dos umbandistas como o marco inicial da nova religião,

³ CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 9.

⁴ CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 10.

⁵ GIUMBELLI, Emerson. Op. cit. p. 183

⁶ Idem. p. 183.

corroborando a idéia de “mito de origem”⁷. A narrativa deste mito fundador aparece com destaque na Revista Espiritual de Umbanda. Referências a ele ou à entidade espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas aparecem em 14 das 20 edições publicadas entre 2003 e 2008. Embora varie o destaque dado a Zélio Fernandino de Moraes, ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, à sua filha Zilméia e até mesmo à Tenda Nossa Senhora da Piedade – primeiro templo de Umbanda, fundado por Moraes – nestas referências, o certo é que em nenhuma delas é questionado o seu papel de fundador da religião.

Bastante conhecida no meio umbandista e entre os estudiosos desta religião, a narrativa que atribui a Zélio Fernandino de Moraes e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas o início da Umbanda como culto organizado, no ano de 1908, foi tema de matéria já no primeiro número da Revista, publicado em 2003. Na capa, a chamada para o texto é bastante clara: “Zélio Fernandino de Moraes: A primeira manifestação oficial da Umbanda”⁸.

No interior da revista, a matéria de cinco páginas, ilustrada com várias fotos, não deixa dúvidas já na abertura do texto:

“No ano de 1908, no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, o jovem Zélio Fernandino de Moraes (sic), então com 17 anos, recebeu a primeira manifestação oficial de Umbanda”⁹.

A matéria conta todos os episódios já bastante divulgados – com diversas variações –, como o jovem Zélio Fernandino de Moraes apresentando alterações de comportamento, seguido de uma estranha paralisia com cura repentina e a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas na Federação Espírita de Niterói, para onde teria sido levado após uma “incorporação involuntária”:

Lá chegando, o Sr. José de Souza, médium vidente, que na época presidia a Federação, perguntou quem era ele, no que a entidade respondeu ser apenas um caboclo brasileiro. A entidade manifestada também afirmou que os restos das vestimentas que o médium via nele, eram de uma existência anterior. Dizia ter sido um padre, Gabriel Malagrida, e que, acusado de bruxaria, fora sacrificado na fogueira da Inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755, mas que em sua última existência física, Deus concedeu-lhe o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro.

Quando o Senhor José de Souza perguntou seu nome, a entidade respondeu que, se fosse preciso que ele tivesse um nome, que lhe chamassem Caboclo Sete Encruzilhadas, pois para ele não existiriam caminhos fechados¹⁰.

⁷ ISAIA, Artur Cesar. Op. cit. p. 103.

⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. São Paulo: Escala, 2003. p. 1.

⁹ Idem. p. 17.

¹⁰ Idem. Ibidem. p. 18. **Caminhos fechados / caminhos abertos** – Expressão muito comum na Umbanda. Significa a situação favorável (caminhos abertos) ou desfavorável (caminhos fechados) espiritualmente.

A reprodução da narrativa prossegue, com o diálogo em que o Caboclo das Sete Encruzilhadas aponta o preconceito dos dirigentes de mesas mediúnicas no Espiritismo e reivindica espaço para que se manifestassem também entidades espirituais que teriam vivido na Terra como índios e escravos, os caboclos e pretos-velhos. Ainda de acordo com o texto publicado no primeiro número da Revista, quando o médium da Federação, José de Souza, perguntou ao Caboclo das Sete Encruzilhadas se já não eram suficientes as religiões existentes, e mencionou o espiritismo já praticado,

Ele (o Caboclo) disse ainda que, na casa de Zélio, haveria uma mesa posta a toda e qualquer entidade que quisesse ou precisasse se manifestar, independente (sic) do que tivesse sido em vida.

Todos seriam ouvidos, e todos aprenderiam com aqueles espíritos que soubessem mais, e ensinariam àqueles que soubessem menos e a nenhum virariam as costas e nem diriam não, pois esta era a vontade do Pai. A tenda foi nomeada Tenda Nossa Senhora da Piedade, inspirada na forma como Maria ampara nos braços o filho querido.

Sendo assim, todos que acorrerem à Umbanda serão amparados. O caboclo justificou assim a denominação da tenda:

“Igreja, Templo ou Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto que Tenda, lembra uma casa humilde”¹¹.

Na sequência, a matéria relata que no dia 15 de novembro de 1908 – reconhecido, de acordo com a Revista, como o dia da fundação oficial da Umbanda –, por volta das 20 horas, foram iniciadas as atividades na Tenda Nossa Senhora de Piedade, com a presença dos espíritas envolvidos no episódio da Federação, parentes, amigos e também pessoas desconhecidas.

Diante do público já presente, Zélio Fernandino de Moraes teria incorporado o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que teria iniciado o culto de Umbanda com estas palavras:

“Vim para fundar a Umbanda no Brasil, aqui se inicia um novo culto, em que os espíritos de pretos-velhos africanos e índios nativos de nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal desse culto”¹².

Também não pode passar despercebido o dia em que a fundação do novo culto teria surgido. Estudando a obra dos intelectuais de Umbanda na primeira metade do

Pode referir-se à possibilidade de conseguir um objetivo específico ou simplesmente à vida da pessoa, de forma geral.

¹¹ Idem. Ibidem. pp. 18-19.

¹² Idem. ibidem. p. 19.

século XX, Artur Cesar Isaia observa como é sintomático que este marco “coincida”¹³ com uma data tão importante para a história do Brasil, em que se comemora a instituição da República. De acordo com ele,

“a afirmação da relação entre a história recente do Brasil e o surgimento da Umbanda é constante na obra de intelectuais umbandistas da primeira metade do século, que assumem um caráter claramente evolucionista”¹⁴.

O texto publicado na Revista não especifica se a Tenda era localizada na casa de Zélio Fernandino de Moraes ou ficava situada em outro lugar. Considerando as diversas variações que sofre a narrativa deste mito fundador, a maioria dos textos conta que a fundação da Tenda se dá no dia seguinte à manifestação do Caboclo na Federação Espírita. Pouco tempo, portanto, para se conseguisse um local para instalar o templo da nova religião. Sem levar em conta este detalhe, a matéria prossegue, sem abrir espaços para dúvidas:

Com isso, podemos notar que a Umbanda se iniciou com a incorporação do Caboclo Sete Encruzilhadas, patrono da Tenda Nossa Senhora da Piedade, reconhecida como primeira tenda oficial de Umbanda, existente até hoje, sob a direção de Zilméia de Moraes, sua filha, hoje com 88 anos e muito ativa em seus trabalhos¹⁵.

A filha de Zélio Fernandino de Moraes, Zilméia de Moraes, aparecerá com frequência ao longo dos 20 números da publicação, sempre apontada como continuadora da tradição e dos rituais da Umbanda fundada pelo pai. As transformações nos rituais instituídos por Zélio Fernandino de Moraes também não são ignoradas no texto sobre a primeira manifestação oficial de Umbanda. A matéria, inclusive, se encerra desta forma:

Com a introdução dessa nova religião, trazida pelo Caboclo Sete Encruzilhadas, médiuns vindos do Kardecismo e do Candomblé, se sentiram à vontade na Tenda Nossa Senhora da Piedade, e passaram a frequentá-la.

O ritual umbandista foi enriquecido com o sincretismo dos orixás com os Santos Católicos, oferendas aos Orixás, comidas de santo, atabaques, agogôs e outros instrumentos musicais¹⁶.

É interessante perceber como o texto situa a Umbanda em um ponto intermediário entre o Espiritismo – na revista, chamado de Kardecismo – e o Candomblé, inclusive como um local de confluência, que passou a atrair adeptos dos

¹³ As aspas são minhas.

¹⁴ ISAIA, Artur Cesar. Op. cit. p. 104.

¹⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit.. p. 19.

¹⁶ Idem. p. 21.

dois cultos. A posição intermediária da Umbanda entre o Espiritismo e o Candomblé é apontada também por Vagner Gonçalves da Silva, quando este trata das entidades espirituais cultuadas:

“Na Umbanda, as entidades situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do Candomblé e os espíritos dos mortos dos kardecistas. Os orixás, por exemplo, são entendidos e cultuados com outras características”¹⁷.

Ainda no primeiro número da Revista Espiritual de Umbanda, encontramos novamente a explicação do surgimento da Umbanda a partir do mito fundador protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. A seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!” foi publicada nos quatro primeiros números da Revista. As perguntas, sobre temas diversos, eram respondidas por Alexandre Cumino. Promovido nas matérias da publicação como uma das principais lideranças umbandistas na atualidade, Cumino é responsável pela edição do Jornal de Umbanda Sagrada, em São Paulo, e ministra diversos cursos sobre Umbanda. Com a publicação de anúncios do Jornal e também de seus cursos, além de textos de sua autoria, seu nome é um dos mais divulgados nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda. Seu prestígio também pode ser percebido pelo próprio nome do espaço em que responde perguntas, “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!”: como responsável pelas respostas, Cumino faz do seu discurso a própria voz da Umbanda, é através dele que a religião se pronuncia.

Na primeira edição, a seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!” aparece duas vezes, ocupando as páginas 24-25 e 38-39. Na primeira delas, é formulada a pergunta “Quando teve início a manifestação religiosa de Umbanda?”. A resposta de Alexandre Cumino, que fala em nome da Umbanda, não deixa dúvidas:

Temos uma data como marco inicial da Umbanda, que é a primeira tenda de Umbanda registrada em território nacional, a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade, fundada em 15 de novembro de 1908, por Zélio Fernandino de Moraes e seu Caboclo das Sete Encruzilhadas. A tenda funciona até hoje e se encontra sob a direção de sua filha, Zilméia de Moraes¹⁸.

É bastante provável que no primeiro número da Revista ainda não houvesse perguntas enviadas por leitores. Por isso, é também provável que estas tenham sido elaboradas pelo responsável pela seção, pelo editor ou pelos redatores da Revista. Além

¹⁷ SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 120.

¹⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit.. p. 24-25.

desta pergunta sobre a origem da Umbanda, aparecem outras como: “O que é Deus?”, “O que são os Orixás?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”, “A Umbanda é uma seita ou religião?”, “O que é o sincretismo religioso?”, “A Umbanda é melhor que as outras religiões?”, “Qual a diferença da Umbanda para o Candomblé?” e “Qual a diferença da Umbanda para o Kardecismo?”¹⁹. Todas estas questões formuladas e publicadas com o claro propósito de conceituar tanto a Umbanda quanto vários de seus aspectos e também demarcar seu espaço entre as outras religiões mediúnicas, como o Espiritismo e o Candomblé. Publicada sempre em duas páginas, a seção “Você Pergunta e a Umbanda Responde!!!” trazia, ao final das perguntas, os endereços para envio de cartas e e-mails dos leitores.

O mito fundador que tem Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como iniciadores da Umbanda ganha destaque também na edição nº 03 da Revista. Desta vez, no entanto, a abordagem se dá a partir de Zilméia de Moraes, filha de Zélio Fernandino de Moraes. Mãe Zilméia, como é chamada, é a principal figura na capa da edição, publicada em 2003. A chamada “Mãe Zilméia: 88 Anos de Vida Espiritual – filha do médium Zélio de Moraes” anuncia na capa a matéria intitulada “Mãe Zilméia: 88 Anos de Dedicção e Caridade”, que traz uma entrevista que ocupa seis páginas. Uma das perguntas é se o termo “Umbanda” já era utilizado antes ou começou com o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mãe Zilméia responde:

Foi a partir do Caboclo Sete Encruzilhadas. Lá na Federação, o Senhor José de Souza, que nessa época era presidente, perguntou o nome da entidade e ele deu o nome de Caboclo Sete Encruzilhadas, porque não havia caminho fechado para ele. O termo Umbanda eu não lembro de ter sido utilizado naquela época²⁰.

O nascimento de Mãe Zilméia, em 1914, aconteceu seis anos após a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes. No entanto, ela responde a questão como se tivesse participado dos acontecimentos que teriam dado origem à Umbanda. É o que demonstra, por exemplo, quando diz: “o termo Umbanda eu não lembro de ter sido utilizado naquela época”.

O 12º número da Revista Espiritual de Umbanda, de 2006, novamente dedicou significativo espaço ao mito fundador. Além de um pôster com foto de Mãe Zilméia e um poema, nas páginas centrais, e uma matéria de três páginas sobre os 97 anos da Umbanda – comemorados em 2005 – é publicado nesta edição um depoimento de Mãe

¹⁹ Idem.

²⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. São Paulo: Escala, 2003. p. 6.

Zilméia para o projeto “Vozes da Umbanda”. No relato, que ocupa quatro páginas da Revista, ela reafirma o mito fundador da Umbanda e fala sobre as suas memórias:

Meus pais foram Zélio Fernandino de Moraes e Maria Isabel de Moraes; nasci em 21 de setembro de 1914, na casa que hoje ainda está lá, em pé, onde nasceu a tenda Nossa Senhora da Piedade, segundo o guia Caboclo das Sete Encruzilhadas recomendou. Eu ainda não havia nascido, mas sei da história toda²¹.

Mas, voltando à entrevista publicada na terceira edição da Revista, ainda de acordo com Mãe Zilméia, o sincretismo religioso também teria surgido por orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Perguntada sobre isso, ela afirma:

Foi orientação dele. A imagem de Xangô, por exemplo, é São Jerônimo; de Iansã é Santa Bárbara; isso foi designado por ele. Tanto é que essa mesa de Umbanda que é riscada aqui no chão ninguém tem. O senhor já a viu em algum lugar?²²

O repórter, então, faz uma pergunta mais específica e obtém a confirmação de Mãe Zilméia:

Então, pelo que a senhora está me dizendo, o sincretismo católico nasceu na Tenda de Nossa Senhora da Piedade?

Mãe Zilméia: Sim, senhor, tenho certeza disso. São Cosme e São Damião foram médicos na Terra, como os jornalistas devem saber, pois é o que escrevem. Há um cruzamento entre eles e os orixás²³.

Na mesma entrevista, é perguntado se na época inicial da Umbanda o ritual contava com tambores e outros elementos – a pergunta não especifica quais, exatamente – que, com o tempo, foram incorporados ao culto. A resposta de Zilméia de Moraes aponta para a mesma direção do texto sobre o surgimento da Umbanda, publicado no primeiro número da Revista. A diferença, no entanto, é um certo descontentamento com algumas práticas, o que dá um tom um pouco mais incisivo à resposta de Mãe Zilméia:

Nada disso era utilizado. Faço o que aprendi com Pai Antônio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque todos os terreiros que tenho frequentado nem parecem terreiro do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fazem coisas esquisitas. Mas, cada cabeça é uma sentença. Vou porque me convidam, agradeço, gosto de ir, mas é bem diferente. Cada um gosta de um jeito²⁴.

Ainda na mesma edição, as duas páginas seguintes à entrevista ainda são dedicadas à Mãe Zilméia. Ao lado de uma foto de página inteira, aparece o texto “Preta-

²¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. São Paulo: Escala, 2006. p. 38.

²² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. Op. cit. p. 8.

²³ Idem. Ibidem.

²⁴ Idem. ibidem. p. 6.

velha Vó Tiana: Realizando Curas e transmitindo Amor”, em que Zilméia de Moraes fala sobre a entidade espiritual que há muito tempo incorpora.



Foto de Mãe Zilméia incorporada com a preta-velha Vó Tiana ocupou uma página no número 03 da Revista.

O número 08 da Revista Espiritual de Umbanda, publicado em 2004, traz uma sequência de 11 páginas dedicadas ao mito de origem que traz Zélio Fernandino de Moraes como fundador da religião. A primeira das matérias, “Umbanda: 96 Anos na Prática da Caridade”, traz a cobertura do evento realizado pelo Instituto Cultural de Apoio e Pesquisa às Religiões Afro (Icapra) em homenagem “aos 96 anos de anúncio e oficialização da religião de Umbanda no Brasil”²⁵. Em seguida, na página 26, “Medalha em homenagem a Zélio de Moraes, na presença de Mãe Zilméia”,

²⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 08. São Paulo: Escala, 2004. p. 22.

ênfatiza, no mesmo evento, a entrega da Medalha Zélio Fernandino de Moraes a dez pessoas de segmentos representativos da religião. Entre as apresentações artísticas, o texto destaca a apresentação do sambista Dudu Nobre, que cantou parabéns à Umbanda e, depois do show, recebeu uma guia de presente de Mãe Zilméia²⁶.

A começar pelo título afirmativo, o texto seguinte, “Umbanda é Religião Brasileira”, novamente aponta Zélio Fernandino de Moraes como pioneiro da religião. Com extensão de cinco páginas, narra de maneira bem mais detalhada o mesmo mito fundador apresentado no número 01 da Revista Espiritual de Umbanda. Uma das diferenças entre os textos chama a atenção: no texto publicado na 8ª edição da Revista informa que as atividades da Tenda Nossa Senhora da Piedade foram iniciadas no dia 15 de novembro de 1908²⁷; na matéria “Umbanda é Religião Brasileira”, publicada na 8ª edição, Zélio Fernandino de Moraes é levado à Federação Espírita no dia 15 de novembro de 1908, e o início do culto acontece no dia seguinte, 16 de novembro²⁸.

Sem citar a fonte, o texto apresenta um extenso relato atribuído a Zélio Fernandino de Moraes, que, aos 83 anos, teria contado o que se passou na primeira sessão da Tenda Nossa Senhora da Piedade. De acordo com este depoimento, Zélio Fernandino de Moraes conta que as atividades da Tenda começaram na casa de sua família, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves (RJ)²⁹. Ainda conforme a narrativa:

O Caboclo estabeleceu as regras em que se processaria o culto. Sessões – assim chamariam os períodos de trabalho espiritual – diárias, das 20 às 22h; os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito. Deu também, o nome desse movimento religioso que se iniciava; disse primeiro “Allabanda”, mas, considerando que não soava bem a sua vibração, substituiu-se por “Aumbanda”, ou seja, Umbanda, palavra de origem sânscrita, que se pode traduzir por “Deus ao nosso lado” ou “ao lado de Deus”³⁰.

O redator do texto interrompe o relato creditado a Zélio Fernandino de Moraes para fazer um apontamento sobre a palavra Umbanda, baseado nos ensinamentos de Ramatís, entidade espiritual a quem são atribuídas diversas obras mediúnicas sobre Espiritismo e Umbanda, alguns deles também publicados na Revista:

Em uma observação sobre Umbanda, Ramatís, no livro “A Missão do Espiritismo”, diz: “A palavra Aum é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres Bandhã, em sua expressão mística iniciática, significa movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador. A palavra Aum-Bandhã, pronunciada na forma de um mantra,

²⁶ Idem. p. 27.

²⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. p.19.

²⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 08. Op. cit. p 29.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem. Ibidem. p. 30.

aproxima-se melhor da sonorização “Ombanda”, sendo ajustada à doutrina de Umbanda, praticada no Brasil”³¹.

A palavra Umbanda vista desta forma, com significado em sânscrito, dá sustentação aos mitos de origem que situam as suas origens como anteriores ao Brasil, em continentes remotos e épocas distantes. Tal argumento está presente, sobretudo, nas obras de W. W. da Matta e Silva, apontado como criador da Umbanda Esotérica, e de Rivas Neto, fundador da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino.

No dia 30 de março de 2008, o Caderno “Mais!”, da Folha de São Paulo, publicou um especial intitulado “100 Anos de Umbanda no Brasil”, numa clara referência ao mito fundador protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes. No conteúdo disponível na Internet, foi publicada uma entrevista com o pesquisador Nei Lopes, com o título “Autor de livro critica afastamento da Umbanda das raízes africanas”. Perguntado sobre o motivo que impede frequentadores de centros de se declararem umbandistas, Lopes é direto:

Essa ocultação é consequência do racismo brasileiro. A maioria das pessoas tem vergonha de assumir alguma coisa que remeta à África, à escravidão. Cultura negra só se for desafrikanizada... é aí que a gente chega a uma coisa interessante. Existe uma vertente da umbanda que inclusive nega a origem africana da religião, buscando suas raízes na Índia.

Tentam até provar que o nome umbanda (que deriva do quimbundo mbanda, ritualista, curandeiro), vem do sânscrito. Essa umbanda não usa tambores e se pretende esotérica; e é ela que vem se expandindo pela América do Sul e pelo mundo. É como se seus praticantes dissessem: “Essa coisas de tambor, sacrifícios de animais, isso é coisa de selvagens! Nós somos civilizados”. Nessa oposição entre “selvagem” e “civilizado” é que está o racismo. Então, a intenção dos espíritos acolhidos pelo médium Zélio Moraes (sic) há cem anos parece que está se frustrando³².

E a versão que situa as origens da Umbanda no Oriente, em tempos imemoriais, tem no escritor W. W. da Matta e Silva o seu maior expoente. Autor de nove livros – entre eles o primeiro, “Umbanda de Todos Nós” (1956), citado em diversas matérias da Revista como um divisor de águas na história da Umbanda –, Matta e Silva é respeitado como um grande estudioso e pesquisador da religião, fundador da “Umbanda esotérica”. Nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda, aparece sempre como uma referência e opinião incontestável quando são discutidos os fundamentos da religião. Logo na edição nº 02 da Revista, a vida e a obra de Matta e Silva são temas de um perfil que ocupa quatro páginas. O referido texto afirma que após a disseminação do vocábulo “Umbanda” em vários pontos do país, por volta de 1889, e da manifestação do Caboclo

³¹ Idem. Ibidem.

³² www.folha.com.br/080863. Acessado em 31/03/2008.

das Sete Encruzilhadas, por meio de Zélio Fernandino de Moraes, o terceiro evento marcante do movimento umbandista teria sido a edição da primeira obra de Matta e Silva:

Meio século após a fundação da Tenda Nossa Senhora da Piedade, o astral preparava a revelação de reais fundamentos da Umbanda que viria em 1956, com a obra UMBANDA DE TODOS NÓS, de W. W. da Matta e Silva³³.

A conclusão do texto deixa claro que a Umbanda esotérica de W. W. Matta e Silva também era refratária às manifestações mais africanizantes da Umbanda dita popular:

Caro leitor, se você pensa que a Umbanda de verdade é essa manifestação ruidosa da massa, que grita, baba, bebe, berra e se contorce de charutão na boca, ao som ensurdecedor dos atabaques (ótimos veículos para estimular o animismo vicioso, quanto mal-utilizados), não leia as obras de Matta e Silva, porque a sua decepção será muito grande. Porém, se o seu grau consciencial lhe permite ver adiante e saber que a verdadeira Umbanda está acima de tudo isso, chegou o momento de adquirir as obras do “velho e sábio mestre” e começar a levantar os véus da SENHORA DA LUZ VELADA.
Saravá, Avô da Matta!³⁴

Uma entrevista com W. W. da Matta e Silva – recuperada do Jornal Aruanda (1978), segundo o texto de apresentação – aparece no nº 15 da Revista Espiritual de Umbanda. A entrevista é publicada duas páginas e é seguida de um outro texto, intitulado “Orientação de W. W. da Matta e Silva: Conduta Moral Espiritual e Física dos Médiuns dentro da Corrente Astral de Umbanda”, que ocupa a página seguinte. Algumas perguntas e respostas da entrevista deixam clara a posição do escritor sobre a origem da Umbanda:

Qual a origem da Umbanda?

A Umbanda tem dois lados: o esotérico e o exotérico, ou seja, o **interno** (esse que guarda o valor de seus fundamentos, dos ritos secretos e que estuda e ensina sua ancestralidade através das raças etc.) e o **externo**, que é o lado que chamamos de “Umbanda Popular”, cheia de crenças, credices, superstições e mitos onde misturam tudo, menos a mediunidade de fato. A origem da Umbanda popular está aqui mesmo no Brasil, e surgiu no grito do Caboclo Curuguçu e no advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas e de outras Entidades Espirituais que, simultaneamente, surgiram em vários terreiros, revelando o termo Umbanda como bandeira de um novo movimento, em face da poluição espiritual, moral e da magia negra. (...)

Os rituais de Umbanda podem ser chamados de Magia Primitiva?

Os ritos da maior parte dos terreiros de Umbanda popular são ainda muito primitivos e fazem “coisas” que pensam ser magia.

³³ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 02. São Paulo: Escala, 2003. p. 14.

³⁴ Idem. p. 17.

Ao descrever a Umbanda que considera popular como “cheia de crenças, crendices, superstições e mitos”, Matta e Silva desqualifica suas práticas. Esta desqualificação é reforçada na resposta seguinte, quando o escritor define seus ritos como “muito primitivos”.

Quanto às origens da religião, na resposta à primeira pergunta Matta e Silva não hesita em incluir a Umbanda que teria sido fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas na classificação “Umbanda popular”. A mesma que, para ele, seria primitiva e cheia de crenças. A “verdadeira” Umbanda, segundo ele, teria raízes milenares, como na resposta abaixo:

A Umbanda seria uma religião milenar?

Sim. A Umbanda é uma religião milenar; sua raiz, ou seja, seu verdadeiro sistema está em todos os templos iniciáticos do mundo, desde os da Ásia Oriental, Índia, Egito etc. O sistema religioso e iniciático da Umbanda Esotérica é a mesma Ciência dos Magos de todos os tempos, quer fossem dos santuários da Lhasa, do Agharta e quer fosse praticado pelos Essênios do Mar Morto, que o mesmo Tujabaé-Caá de nossos antiqüíssimos pajés, que fosse ainda aquele praticado e ensinado pelos antigos Babalaôs.

Matta e Silva demonstra habilidade ao conciliar a condição de “religião genuinamente brasileira” com as “raízes milenares” atribuídas à Umbanda. Para isso, qualifica a religião como “preservadora” de antiga cultura e mistérios:

A Umbanda pode ser intitulada uma religião genericamente nacional? Seria então a preservadora de tão almejada cultura brasileira ou a cultura é uma só?

Sim. Ressurgiu aqui com um sistema e um propósito. Preservadora da antiga cultura religiosa e esotérica dos antigos mistérios.

As perguntas dirigidas ao escritor, apresentado no título da entrevista como “sábio e erudito pesquisador da Umbanda”, dão a oportunidade também para que ele possa manifestar sua opinião a respeito das outras religiões diretamente relacionadas à Umbanda, como o Espiritismo e o Candomblé:

A Umbanda é Espiritismo somente ou é também Doutrina Espírita? Qual a diferença?

A Umbanda não é Espiritismo e não incorporou nada, diretamente, dessa Doutrina, dita Kardecista. Reencarnações, reajustamentos (a Lei de Conseqüência, o mesmo Carma dos Orientais) pela dor; pela vivência humana, são pontos de doutrina tão antigos quanto os povos ou raças do mundo. Até entre nossos antiqüíssimos pajés, tudo isso era conhecido pela sabedoria dos Velhos, - O TUIJABAÉ-CAA. A diferença? Da água para o vinho. A Umbanda tem Iniciação, Ciência dos ritos Sagrados, Magia, Metafísica e Filosofia inéditas (vide Doutrina Secreta da Umbanda).

Além de colocar a Umbanda como uma religião totalmente diferente, com vários elementos “inéditos” ao Espiritismo, Matta e Silva despreza também as ligações e semelhanças entre Umbanda e Candomblé.

Qual a ligação da Umbanda com o Candomblé?

Muito pouco. Somente considerou alguns de seus orixás por serem termos sagrados desde suas origens, pelas Leis ou Ciência do Verbo, da Cabala original – ário-egípcia, onde os primitivos sacerdotes de algo grau da raça africana aprenderam quando estiveram radicados às margens do Alto Nilo, no Egito.³⁵

Como é possível constatar, o escritor Matta e Silva, com seu discurso contundente, situa as origens da Umbanda nas antigas tradições iniciáticas orientais. No entanto, não exclui o mito fundador protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Em vez disso, coloca as origens anteriores e imemoriais da Umbanda como um acréscimo à narrativa que dá conta do seu surgimento no Brasil. Para tanto, habilmente demarca a distinção entre a Umbanda esotérica, da qual se coloca como defensor e codificador, e a Umbanda popular, à qual se refere sempre como algo inferior.

Surpreendente – ou corajosa – é a postura de Matta e Silva ao negar as ligações da Umbanda com o Espiritismo e o Candomblé, já que o episódio envolvendo Zélio Fernandino de Moraes inclui a passagem do médium pela Federação Espírita. Além disso, o distanciamento das práticas ligadas ao Candomblé estão entre as preocupações dos fundadores da Tenda Nossa Senhora da Piedade.

A supressão dos elementos mais africanizantes do ritual, inclusive, aparece mesmo na Revista Espiritual de Umbanda como uma das diretrizes determinadas por Zélio Fernandino de Moraes, sob orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Se voltarmos ao texto sobre a origem da Umbanda incluído no nº 08 da publicação, podemos ler:

O ritual preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas exclui tudo o que de supérfluo nos legaram as seitas africanas. São palavras textuais de Zélio Fernandino de Moraes: “O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da Corrente Vibratória. Capacetes, adornos, vestimentas de cores, rendas e lamês não são aceitos nos tempos que seguem a sua orientação. O uniforme é branco, de tecido simples. As guias usadas são apenas as que determinam a Entidade que se manifesta. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium. Os

³⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 15. São Paulo: Escala, 2007. pp. 42-43. Os grifos e as aspas são da Revista. **Doutrina Secreta da Umbanda** é o título de um dos livros de W. W. Matta e Silva.

banhos de ervas, os amacis, as concentrações nos ambientes da natureza, a par do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho, constituem os principais elementos de preparação do médium³⁶.

Na mesma entrevista em que denuncia o racismo e a “desafricanização” da Umbanda, Nei Lopes procura contextualizar o papel de Zélio Fernandino de Moraes nas origens da religião, quando o repórter pede uma análise sobre a sua formação:

O mito de origem da umbanda, na versão que tem como protagonista o médium Zélio de Moraes, é exemplar. Ele evidencia a busca de inserção dos despossuídos da sociedade brasileira no espaço religioso. Todo mito tem um fundo de verdade, que os eruditos chamam de "mitologema"; e, na história da umbanda, esse fundo é o episódio do médium Zélio.

Mas antes já havia, além dos calundus coloniais, que não tinham organização social, comunitária, os candomblés, organizados, como se sabe hoje, desde antes de 1850. Na virada para o século 19, a ialorixá baiana Mãe Aninha vinha de vez em quando ao Rio, onde inclusive fundou, por volta de 1906, uma filial de sua "roça", o Opô Afonjá, que funciona até hoje em Coelho da Rocha, São João de Meriti [Baixada Fluminense].

E a umbanda, herdeira direta de cultos bantos como o da cabula, cresceu certamente sob a influência desse prestígio do candomblé baiano, incorporando as figuras dos orixás jeje-nagôs e outros elementos.

Mas o que fundamentalmente distingue a umbanda é o culto aos pretos-velhos, que não existem no candomblé. E esses pretos-velhos são representações de espíritos familiares bantos, da área de Angola, Congo e Moçambique (África centro-ocidental e oriental), daí seus nomes: Vovó Conga, Pai Joaquim de Angola, Tia Maria Rebolo, Pai Joaquim de Aruanda. O candomblé vem do Benin, da Nigéria, da África ocidental³⁷.

A versão impressa do já citado especial sobre a Umbanda publicado pelo caderno “Mais!” inclui uma entrevista com a antropóloga estadunidense Diana Brown, que chegou ao Brasil no final da década de 1960 e é uma das pioneiras nos estudos acadêmicos sobre a Umbanda. Com o sugestivo título de “Novo Preto Velho”, a entrevista traz perguntas sobre a formação desta religião. A respeito do papel desempenhado por Zélio Fernandino de Moraes neste processo, Diana Brown afirma:

Ele e seu grupo conseguiram promover a imagem da umbanda que foi chamada de umbanda branca. Foi um esforço para embranquecer e modernizá-la. O papel dele é simbólico, foi o porta-voz desta “nova” umbanda³⁸.

Respondendo a uma questão anterior, a antropóloga descreve o contexto do surgimento da Umbanda:

Havia muito preconceito, mas muita gente a praticava. A imagem era de classe baixa e ignorante. O grupo que começou a promover a umbanda branca tinha um background kardecista. Eles se achavam, por isso, protegidos e legitimados³⁹.

³⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 08. Op. cit. p. 32.

³⁷ Idem.

³⁸ Folha de São Paulo. Caderno Mais. “Novo Preto Velho”. São Paulo, 30/03/2005. p. 5.

³⁹ Idem.

Mais adiante, o repórter pergunta se a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes não teria sido uma ruptura com o kardecismo. Brown tem uma leitura diferente:

Eu não diria isso. Para ele (Zélio de Moraes) foi uma ruptura, mas era mais uma expressão do ecletismo que já existia. Foi esse caboclo quem falou para o Zélio que ele seria o fundador, mas antes já existiam caboclos e a prática de religiões africanas⁴⁰.

E em seu estudo “Uma História da Umbanda no Rio”, publicado na coletânea “Umbanda & Política”, Diana Brown situa a fundação da Umbanda no Rio de Janeiro, em meados da década de 1920, por um grupo de espíritas que passaram a incorporar tradições afro-brasileiras em suas práticas religiosas⁴¹. Levando em conta o fato de que a historiografia da Umbanda é extremamente imprecisa, Brown chama a atenção para o fato de que “os sincretismos afro-kardecistas ocorreram com frequência em diversos núcleos urbanos desde o final do século XIX, e provavelmente também existiam no Rio”⁴².

Sobre o mito de origem da Umbanda, a antropóloga afirma:

Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticantes de Umbanda⁴³.

No livro “Caminhos da Alma”, Vagner Gonçalves da Silva também destaca a presença de vários elementos formadores da Umbanda no universo religioso popular já no final do século XIX. Mais especificamente sobre a origem da Umbanda, ele afirma:

A umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa “mistura”, com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o *status* de uma nova religião⁴⁴.

Emerson Giumbelli, por sua vez, no já citado texto “Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro”, faz uma revisão do que há de mais relevante na bibliografia já publicada a respeito do início da Umbanda. A partir deste levantamento, constata que os textos acadêmicos e umbandistas que singularizam a figura de Zélio Fernandino de Moraes são todos posteriores à década de 1960.

⁴⁰ Idem. Ibidem.

⁴¹ BROWN, Diana. **Uma História da Umbanda no Rio**. Op. cit.

⁴² Idem. p. 10.

⁴³ Ibidem. p. 10. O grifo é da autora.

⁴⁴ SILVA, Vagner Gonçalves da. Op. cit. p. 106.

Giumbelli percebe no reconhecimento do papel de Moraes na constituição encerra uma dupla ironia:

a maioria das referências é contemporânea ou posterior à morte de Zélio, que ocorreu em 1975, aos 84 anos de idade; e aponta para um interesse pela “fundação” e pela “origem” de “uma religião” exatamente quando a dispersão doutrinária e ritual e a divisão institucional parecem se impor de modo inexorável⁴⁵.

No mesmo texto, Giumbelli utiliza o subtítulo “A Dupla Invenção do Pioneiro”. Mais adiante, após consultar diversos trabalhos acadêmicos ou confessionais relativos à história da Umbanda, que o papel de fundador ou pioneiro principal desta religião atribuído a Zélio Fernandino de Moraes parece uma “construção tardia”⁴⁶.

A expressão “construção tardia” utilizada por Emerson Giumbelli nos remete ao pensamento de Eric Hobsbawn, para quem “muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas são recentes, quando não são inventadas”⁴⁷. Como demonstra o texto de Giumbelli, o lugar de Zélio Fernandino de Moraes como “pioneiro” ou “fundador” da Umbanda, além de “construção tardia”, pode ser também compreendido, de certa forma, como uma “tradição inventada”. De acordo com Hobsbawn:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado⁴⁸.

Ainda segundo Eric Hobsbawn, o passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. É o que acontece com o mito fundador da Umbanda protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, situado em 1908. Hobsbawn afirma ainda que

as “tradições inventadas” são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória⁴⁹.

Podemos afirmar que isso acontece com a narrativa construída em torno da figura de Zélio Fernandino de Moraes. Se atentarmos para o que foi constatado por Emerson Giumbelli, a afirmação de Moraes como fundador da Umbanda, posterior à década de 1960, remetia a uma situação anterior, localizada no tempo em 1908.

⁴⁵ GIUMBELLI, Emerson. Op. cit. p. 189.

⁴⁶ Idem. p. 196.

⁴⁷ HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9.

⁴⁸ Idem. p. 9.

⁴⁹ Ibidem. p. 10.

Além disso, este mito fundador passou a estabelecer, construir um passado por meio da repetição, como também observa Hobsbawn. Basta lembrar que a partir dos anos 1960 e décadas anteriores, esta passou a ser, em detrimentos de outras, a narrativa predominante para explicar a origem da Umbanda. Entre as outras versões para a origem da religião, destacamos aquela defendida por Tancredo da Silva Pinto, para quem a Umbanda teria surgido a partir do povo Lunda Quiôco, em Angola, já citado no primeiro capítulo desta dissertação⁵⁰.

E neste processo de repetição da “tradição inventada”, a Revista Espiritual de Umbanda tem um papel importante – ao lado de outros livros e escritos sobre a religião, programas de televisão e rádio, endereços eletrônicos e discursos de lideranças religiosas – no sentido de inculcar valores e normas de comportamento.

Basta lembrar, como já foi dito no início deste Capítulo, que os leitores que acompanharam as edições da Revista Espiritual de Umbanda puderam ler, em 14 dos 20 números publicados, referências a Zélio Fernandino de Moraes e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas como os fundadores da Umbanda. É oportuno enfatizar aqui que estas referências são sempre positivas, e o protagonismo de ambos na origem desta religião em nenhum momento é questionado.

Por outro lado, mesmo quando a origem da Umbanda é localizada em tempos imemoriais e lugares remotos – como na versão defendida pelo escritor W.W. da Matta e Silva –, tal explicação nunca aparece como um contraponto, mas sempre como um acréscimo à narrativa que envolve Zélio Fernandino de Moraes. É importante afirmar mais uma vez que a única menção a Tancredo da Silva Pinto, que defendeu em seus livros uma outra origem – em Angola, na África negra – para a Umbanda em todos os 20 números da publicação, menciona o seu ponto de vista sobre o assunto.

Em seus números 12, 13, 14 e 16 (publicados entre 2006 e 2007), a Revista Espiritual de Umbanda publicou a seção “Música do Santo”, escrita por William de Oliveira. Também conhecido como Mestre Obashanan, o Oliveira assina este espaço como alabê – tocador ou chefe dos tocadores de atabaques e tambores no terreiro⁵¹ – da

⁵⁰ PINTO, Tancredo da Silva. Op. cit. pp. 09-10.

⁵¹ Encontramos as seguintes definições: **ALABÊ** – tocador chefe dos atabaques, geralmente um ogã, iniciado para essa função. Em alguns terreiros, qualquer dos tocadores de atabaques. CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p. 45; **ALABÊ** – nome do chefe dos tambores que dirige a música durante a sessão. É também assim chamado o chefe dos músicos do terreiro. PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, sem data. 3ª edição. p. 17.

Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. Ocupando uma página da Revista, a seção traz sempre resenhas de três discos de músicas de Umbanda e afins.

Na edição nº 12, um dos discos que aparecem na seção “Música do Santo” é Pai João de Angola – No Reino do Preto Velho, de 1960. No texto da resenha, William de Oliveira escreve:

Zelador de Santo Dorico com Ogan Durval de Souza e Coro da Tenda Virgem Maria de Belo Horizonte. Exemplo excelente da Umbanda Omolokô, rito em transição dos Cultos de Nação para os templos umbandistas, onde pontos de nação coexistem com pontos cantados em português. O Zelador Dórico era filho de santo de **Tancredo da Silva Pinto** e traz toda a carga de informação de antigos ritos Umbandistas em Kêto e Angola, além de pontos de Encantaria. A capa original é uma arte muito bonita em lápis, provavelmente de inspiração mediúnica por algum artista chamado Flavio. O disco é sincero e um registro fidedigno do que se canta no Omolokô; Obrigatório para os estudiosos dos cultos brasileiros⁵².

Além de conceituar de forma rápida e simplificada o Omolokô, William de Oliveira também relaciona este culto a Tancredo da Silva Pinto, a partir da filiação do Zelador de Santo Dorico. Esta é, portanto, a única referência a Pinto, o que não condiz com a sua importância no debate sobre as origens da Umbanda, na metade do século XX, como apontado por Diana Brown⁵³. Além disso, Tancredo da Silva Pinto não aparece sequer no texto sobre o culto Omolokô, que ocupa quatro páginas no nº 09 da Revista Espiritual de Umbanda.



Tancredo da Silva Pinto, que defendia as origens africanas da Umbanda, teve sua versão ignorada pela Revista⁵⁴.

⁵² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 12. Op. cit. p. 53. **Zelador de Santo** – O mesmo que Pai-de-santo. Forma mais usada no Candomblé. Os grifos são meus.

⁵³ BROWN, Diana. Op. cit. p. 23.

⁵⁴ Imagem retirada de: PINTO, Tancredo da Silva. **A Origem da Umbanda**. Op. cit. p. 7.

O silêncio sobre Tancredo da Silva Pinto e a importância dada a W.W. da Matta e Silva, que defende as origens anteriores da Umbanda, não como uma negação, mas como um acréscimo ao mito fundador envolvendo Zélio Fernandino de Moraes, além das entrevistas com sua filha Zilméia, deixam claro a posição que a Revista Espiritual de Umbanda – a partir da sua linha editorial, já discutida no primeiro capítulo – defende sobre o assunto.

Mas em nenhum de seus números a Revista Espiritual de Umbanda evidencia tanto o seu endosso ao protagonismo de Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas na fundação da Umbanda quanto na 20ª edição. Este número da Revista, que chegou às bancas por volta de novembro de 2008 – portanto, bem na época assinalada como “centenário” da Umbanda –, traz na capa, junto ao título da publicação, as indicações “Edição Histórica” e “Uma Religião Brasileira Centenária”, além de um selo com os dizeres “Umbanda 100 Anos”, que aparece também no interior da Revista, identificando as matérias alusivas ao “centenário”.

Ainda na capa, no lado direito, está em destaque a foto de Zélio Fernandino de Moraes, com o título “15 de Novembro 1908 – 2008, Rio de Janeiro: Zélio de Moraes Oficializa a Umbanda Anunciada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas”. No restante do espaço, várias chamadas – algumas com fotos – destacam os acontecimentos considerados como os mais importantes nestes 100 anos de história que a publicação atribui à Umbanda. Os acontecimentos mencionados, que não aparecem na capa da Revista em ordem cronológica, são os seguintes: 1920 – Benjamim Figueiredo recebe o Caboclo Mirim e funda a Tenda Mirim; 1940 – W. W. da Matta e Silva funda a Tenda de Umbanda Oriental; 1941 – Realização do 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda; 1952 – Criação da Escola de Médiuns Primado de Umbanda; 1954 – Pai Joãozinho 7 Pedreiras inicia sua vida espiritual. Em 1993, Pai Joãozinho oficializa a Obra Assistencial Mãe Florinda; 1957 – 1ª Festa de São Jorge – Saravá OGUM; 1960 – Félix Nascentes traz o Primado de Umbanda para São Paulo; 1961 – Fundação do SOUESP, Superior Órgão de Umbanda de São Paulo; 1969 – Dia de Oficialização dos festejos para Iemanjá, Praia Grande – SP; 1999 – Rubens Saraceni funda o Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda; 2003 – FTU – Faculdade de Teologia Umbandista.

Há também, no canto inferior esquerdo, as citações: Pai Jamil (Jamil Rachid): 58 Anos – Tenda Espiritualista de Umbanda São Benedito; Mãe Cidinha: 48 Anos –

Primado do Brasil – Caboclo Arranca-toco; Pai Ronaldo (Ronaldo Linares): 35 Anos – Santuário Nacional de Umbanda⁵⁵.

Quanto às matérias publicadas, a maioria absoluta diz mesmo respeito a biografias de pessoas e trajetórias de instituições consideradas importantes – segundo os critérios dos editores, ou, podemos dizer, o projeto editorial da Revista – para a história da Umbanda. E como não poderia deixar de ser, a origem da Umbanda em 15 de novembro de 1908, por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes, é novamente relatada, desta vez ainda de forma mais detalhada que nas oportunidades anteriores (edições nº 01 e nº 08). O texto “Umbanda 100 Anos: 15 de novembro de 2008”, creditado ao espírito Ângelo Inácio – e escrito como introdução ao livro “Aruanda”, do médium Robson Pinheiro –, ocupa desde a página 14 até a página 18 da Revista. O título do texto aliás, – inclusive na sua concepção visual/gráfica –, é o próprio selo “100 Anos de Umbanda”, que identifica as matérias relativas ao “centenário” incluídas nesta edição.



A partir da capa e dos textos publicados, 20ª edição expressa visão da Revista sobre a própria Umbanda.

⁵⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. São Paulo: Escala, 2008. p 01.

Logo na primeira página deste texto, a legenda para uma foto não deixa espaço para questionamentos: “Médium Zélio de Moraes – Fundador da Umbanda”⁵⁶. Utilizada no singular, a palavra “fundador” coloca Moraes como protagonista único da origem da Umbanda. O sentido seria diferente, por exemplo, se fosse utilizada a palavra “fundadores”, no plural, o que não fecharia a questão em torno apenas de Zélio Fernandino de Moraes como o personagem solitário do mito de origem da religião.

E assim como em várias outras matérias que dizem respeito à história da Umbanda publicadas nesta edição, este texto sobre a origem da religião conta com uma cronologia, disposta em forma de gráfico, que aparece na parte inferior das páginas, ao longo de todo o texto.

Nesta “cronologia da Umbanda”, portanto, estão listados os seguintes acontecimentos:

- 1492 – Colombo chega ao Continente Americano pela primeira vez
- 1500 – Descobrimto do Brasil por Pedro Álvares Cabral
- 1537 – Chegada dos primeiros negros como escravos ao Brasil
- 1822 – Proclamação da Independência do Brasil em 07 de setembro
- 1875 – Livraria Garnier lança, em português, “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec
- 1884 – É fundada a Federação Espírita Brasileira – FEB
- 1888 – Abolição da Escravatura; Lei Áurea assinada por Princesa Isabel
- 1889 – Proclamação da República em 15 de novembro
- 1889 – Entre 1888 e 1889 já havia manifestação de Caboclo e Preto-Velho, sob comando do Caboclo Curugussu, segundo relato do escritor Leal de Souza
- 1890 – Espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos se manifestam nos cultos de origem africana
- 1891 – É promulgada a 1ª Constituição Brasileira da Era Republicana
- 1908 – Manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e fundação da Umbanda confirmada por Leal de Souza
- 1918 – Iniciada a fundação de sete tendas de Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas
- 1920 – Benjamim Figueiredo recebe pela primeira vez o Caboclo Mirim
- 1920 – A Umbanda espalha-se pelos Estados de São Paulo, Pará e Minas Gerais
- 1924 – É fundada a Tenda Espírita Mirim, tendo à frente o Caboclo Mirim e seu médium Benjamim Figueiredo
- 1935 – Estavam fundados os sete templos idealizados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas
- 1937 – Criação da Delegacia de Combate aos tóxicos e mistificações
- 1937 – A Constituição de 1937 ampara as religiões e o uso livre do exercício da fé
- 1939 – Os sete templos fundados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas se unem e é fundada a Federação Espírita de Umbanda
- 1940 – Registro em Cartório do Estatuto de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade
- 1941 – É realizado pela Federação de Umbanda, o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda
- 1952 – É fundado o Primado de Umbanda, Escola Iniciática e Organização Federativa Nacional
- 1956 – W. W. da Matta e Silva lança o livro “Umbanda de Todos Nós”

⁵⁶ Idem. p 14.

1957 – É dado início às festividades de São Jorge/Orixá Ogum em São Paulo
1961 – De 16 a 23 de julho, é realizado no Rio de Janeiro, o 2º Congresso Brasileiro de Umbanda
1961 – É fundado em São Paulo o SOUESP, Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo
1972 – Pai Ronaldo Linares encontra-se com Zélio de Moraes e dá início à divulgação de sua obra
1973 – Realização do 3º Congresso Brasileiro de Umbanda; dia 15 de novembro é oficializado como Dia Nacional da Umbanda
1973 – É criado o Santuário Nacional da Umbanda, maior santuário ao ar livre da América Latina
1977 – O CONDU, Conselho Nacional de Umbanda, reconhece publicamente a origem brasileira da Umbanda
1986 – Pai Jamil Rachid inaugura o Vele dos Orixás em Juquitiba, SP – uma área com matas e cachoeiras para os rituais
1999 – Rubens Saraceni funda o Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda
2003 – O MEC oficializa a FTU, Faculdade de Teologia Umbandista, primeira instituição do gênero⁵⁷

É oportuno observar ainda que, à maneira dos intelectuais de Umbanda da metade do século XX, o gráfico mais uma vez relaciona acontecimentos da história do Brasil ao surgimento da própria Umbanda. É o que acontece novamente neste gráfico, em que, ao lado do que os editores ou redatores da Revista definem como os marcos importantes para a Umbanda, aparecem datas como os descobrimentos da América e do Brasil, a Abolição da Escravatura e as proclamações da Independência e da República.

O texto seguinte, na página 19, tem como título “Os Congressos de Umbanda: 1941- 1961 – 1973 – Realizados no Rio de Janeiro. De acordo com esta matéria, foi no 2º Congresso que o Hino Oficial da Umbanda foi adotado. Diz o texto:

Foi nesse congresso que o Hino da Umbanda foi oficialmente adotado em todo o Brasil, como o Hino Oficial da Umbanda (sic). Há uma história interessante com relação ao criador do hino, que já possui 47 anos de oficialização. Segundo foi apurado, a letra do hino foi composta na década de 1960 por um cego, que em busca de sua cura foi procurar ajuda do Caboclo das Sete Encruzilhadas. não conseguindo sua cura por ser o seu problema de origem cármica, compôs o hino da Umbanda para mostrar que poderia ver o mundo e a religião de outra maneira. Embora não tenha conseguido sua cura, se apaixonou pela Umbanda. Seu nome: José Manoel Alves. Ele apresentou a letra a Zélio de Moraes, que gostou tanto que resolveu apresentá-lo como Hino Oficial da Umbanda no segundo congresso⁵⁸.

Esta narrativa em torno do Hino da Umbanda, portanto, é mais um momento em que são legitimadas as figuras de Zélio Fernandino de Moraes e do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mas talvez a defesa mais radical deste mito fundador por parte da

⁵⁷ Idem. Ibidem. pp. 14-18.

⁵⁸ Idem. Ibidem. p. 19.

Revista Espiritual de Umbanda esteja mesmo no Editorial do número 20. Logo na abertura, os editores Marques Rebelo e Virgínia Rodrigues e os espíritos Pedro Miguel e Emiliano de Souza Arantes, que assinam o texto, perguntam, em tom de cobrança:

Em cem anos de culto de Umbanda Branca, após 36.525 dias de anunciada, em 15 de novembro de 1908 sob a roupagem fluídico-espiritual de um caboclo brasileiro, perguntamos:

Quantos templos seguem o ritual de Umbanda Branca do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que faz 100 anos no dia 15 de novembro de 2008?⁵⁹

2.1.2 – Umbandas

Além da expressão “Umbanda Branca”, citada acima, podemos encontrar na Revista algumas outras envolvendo o nome da religião, como “Umbanda Esotérica”, “Umbanda Iniciática”, “Umbanda Popular” e “Umbanda Sagrada”. Cada uma delas significando uma forma de conceber, enxergar a religião – ou uma das modalidades de *representação*, segundo a conceituação de Roger Chartier – e também de praticar os rituais.

Patrícia Birman já havia chamado a atenção para toda a diversidade dentro da própria Umbanda, inclusive com as diversas tentativas de organização burocrática e unificação doutrinária. A esse respeito, a autora afirma:

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não há, como na Igreja Católica, um centro bem estabelecido que hierarquiza e vincula todos os agentes religiosos. Aqui, ao contrário, o que domina é a dispersão. Cada pai-de-santo é senhor no seu terreiro, não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. Há, portanto, uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença, havendo também um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização. Criam federações, tentam estabelecer formas de relacionamento entre os vários centros decisórios, tentam enfim enfrentar a dificuldade de conviver simultaneamente com formas de organização dispersas e tentativas de centralização⁶⁰.

Birman ainda constatou a diversidade de doutrinas e concepções religiosas que podem ser encontradas sob a mesma denominação de “Umbanda”. E, ao tratar desta questão, não deixou de considerar as diferentes religiões que, em sua construção sincrética, forneceram elementos para a formação da Umbanda:

Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de se praticar a religião. Tais diferenças, contudo, se dão num nível que não impede a existência de uma crença

⁵⁹ Idem. Ibidem. p. 03.

⁶⁰ BIRMAN, Patrícia. Op. cit. pp. 25-26.

comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa *unidade na diversidade*.

A diversidade se expressa nas várias e reconhecidas influências de outros credos na umbanda. Encontramos adeptos de umbanda que praticam a religião em combinação com o candomblé, com o catolicismo, que se dizem também espíritas, absorvendo os ensinamentos de Kardec e, entre estes, as variações continuam: centros que aceitam determinados princípios do candomblé e excluem outros, que se vinculam a uma tradição por muitos ignorada etc. Não há limites na capacidade do umbandista de combinar, modificar, absorver práticas religiosas existentes, dentro e fora desse campo fluido denominado “afro-brasileiro”⁶¹.

Acreditamos ser possível denominar como campo umbandista este grande espaço chamado Umbanda, que traz em seu interior diferentes formas de pensar ou praticar a Umbanda, ou – por que não dizer? – diferentes “Umbandas”. A expressão campo umbandista aparece no estudo “Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo”, de Lísias Nogueira Negrão⁶², e é claramente inspirada no conceito de campo religioso elaborado por Pierre Bourdieu⁶³.

O campo umbandista seria, portanto, o espaço onde conviveriam e entrariam em luta as diferentes representações da Umbanda, cada uma procurando maior legitimação e captação de capital simbólico entre os filhos-de-fé umbandistas, em detrimento das demais. São as diferentes “Umbandas” disputando entre si para ver qual é mais “pura”⁶⁴, a mais verdadeira, a mais autêntica ou até mesmo a que tem mais força espiritual.

A “unidade na diversidade” observada por Patrícia Birman entre os umbandistas, torna-se possível porque estes “desenvolveram formas próprias de lidar com essas características da sua religião”⁶⁵. Ao tratar do espaço que denominamos campo umbandista, a autora chama a atenção para três fatores: **segmentação**, **dispersão** e **multiplicidade**. Estes elementos, de acordo com Birman, se combinam, de alguma forma, com a **unidade**, a **doutrina** e a **hierarquia**:

⁶¹ Idem. pp. 26-27. O grifo é da autora.

⁶² NEGRÃO, Lísias Nogueira. Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

⁶³ BOURDIEU, Pierre. Op. cit.

⁶⁴ Em várias oportunidades, ao conversar com dirigentes de templos umbandistas que visitei, perguntei qual seria o tipo de Umbanda que estes praticavam. Na maioria das vezes, a resposta foi “Umbanda pura”. Esta definição pode ao mesmo tempo significar pureza em relação a raízes e tradições ou pureza espiritual. Tal resposta pode claramente ser lida como uma tentativa de legitimar os rituais que praticam, e, ao mesmo tempo, desqualificar os outros existentes, que seriam menos “puros”.

⁶⁵ BIRMAN, Patrícia. Op. cit. p. 27.

Essas combinações estão claramente presentes nas formas pelas quais organizam a multiplicidade de santos num conjunto inteligível e como também conseguem, apesar da segmentação, reunir todos os fiéis numa mesma doutrina⁶⁶.

E esta “multiplicidade de santos” não passou despercebida pelos editores da Revista Espiritual de Umbanda. Na 14ª edição (2006), foi publicado o texto “Sincretismo Religioso: Faz Sentido?”, que ocupa uma página da Revista. Tratando especificamente do sincretismo religioso afro-católico, o texto, que não é assinado, começa mencionando as estratégias – seriam as *táticas*, na definição de Certeau – utilizadas pelos escravos a partir da necessidade de adaptação para burlar a proibição do culto às divindades africanas. Após esta introdução, é colocada a pergunta: “Mas, e hoje, temos necessidade disto? A resposta, infelizmente, não é tão simples...”⁶⁷.

Mais adiante, o(s) próprio(s) redator(es) do texto se encarregam da resposta:

Em verdade, ao analisarmos profundamente o sincretismo religioso chegamos à conclusão que, teologicamente, o mesmo não faz sentido. Por quê? Pelo simples fato de que os Orixás, como forças espirituais, sempre existiram, ou seja, não passaram a “existir” quando do surgimento da Igreja Católica e de seus santos. (...)

Por outro lado, na visão prática, o sincretismo religioso ainda é necessário, apesar, de como já dissemos, não ter sentido teologicamente falando. Acontece que a Umbanda abarca vários graus de consciência, abraçando tanto o intelectual quanto o analfabeto.

(...)

Acreditamos que com o passar do tempo e a evolução espiritual das humanas criaturas, estes artificios utilizados pelo Astral Superior não serão mais necessários, visto que os véus que encobrem o entendimento pleno das coisas espirituais cairá completamente⁶⁸.

Na parte inferior da página, abaixo da matéria, um pequeno box resume os elementos do sincretismo religioso presentes da Umbanda. A explicação, que, curiosamente, inclui a “porcentagem” da influência de cada religião na Umbanda, é a seguinte:

Sincretismo Africano: Orixás, cantos, instrumentos de som, guias (colares), comidas, bebidas, trabalhos, ervas sagradas, orações, oferendas etc. Representa uma média de 65 a 70%, dependendo do templo.

Sincretismo Indígena: Culto aos Caboclos, culto aos antepassados, ervas sagradas, defumações, bebidas etc. Representa uma média de 15 a 20%. Na parte africana o culto aos Caboclos já aparece – Nação Angola.

Sincretismo Católico: Santos católicos, orações etc. Representa de 2 a 3% e têm sido combatido. Mas se vêem, ainda hoje, umbandistas que o defendem, apesar de a Umbanda ter forte fundamento africano e indígena. O que existe ainda é herança da imposição no tempo da escravidão. O Candomblé já o combateu em grande parte.

Sincretismo Oriental: Defumações, pontos riscados (cabalísticos), amuletos, astrologia, meditações etc.

⁶⁶ Idem. p. 27.

⁶⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 14. São Paulo: Escala, 2006. p 29.

⁶⁸ Idem. p. 29.

Sincretismo Espírita: orações, passes, doutrina etc⁶⁹.

O texto não explica os critérios utilizados para definir o peso de cada religião no sincretismo umbandista. Também evidencia ou sugere falta de fundamentação ao atribuir somente 2 ou 3% de influência ao Catolicismo e nenhuma porcentagem ao Espiritismo. As duas religiões demonstram ter grande importância na maior parte dos rituais de Umbanda. No caso do Catolicismo, a presença das imagens de santos, orações e também o nome de alguns templos. Quanto ao Espiritismo, há a crença na reencarnação e vários fundamentos doutrinários utilizados para explicar os fenômenos ocorridos na Umbanda, as preces dirigidas a espíritos cultuados no Espiritismo, como Bezerra de Menezes, e a denominação “espírita”, largamente utilizada por umbandistas quando estes se definem religiosamente ou nomeiam seus templos, com denominações como “Tenda Espírita” e até mesmo “Centro Espírita”.

O sincretismo religioso também foi um dos temas da já citada entrevista com o escritor e fundador da Umbanda esotérica, W. W. da Matta e Silva, publicada no nº 15 da Revista Espiritual de Umbanda. Perguntado sobre a relação entre os orixás e os santos católicos, W. W. da Matta e Silva afirmou:

Os Orixás nunca foram considerados “forças divinizadas da Natureza” entre os Nagôs. Forças ou elementos da natureza são os íons, os elétrons, os prótons, os átomos, as correntes eletromagnéticas e, por extensão, os raios, os trovoes, os ventos, as tempestades etc. Mas isso tudo não são os Orixás e nem forças no sentido de divinizadas, são elementos da Natureza. Já ouvimos um Pai-de-Santo dizer na televisão que Orixá Xangô era a pedra... Orixás (ori – cabeça; xá ou sá – dono, senhor) sempre foram venerados entre os Nagôs como divindades (habitantes do Orun, isto é, do além, do astral superior), como Potências Espirituais; Inteligências que comandam forças ou os elementos da Natureza. Esses ditos escritores “fajutos” vêm complicando tudo. Não há relação direta entre os santos católicos e os Orixás, a não ser a título de ilustração esotérica: Iemanjá poderia ser O “Anjo-de-Guarda” de Maria ou Myriam de Nazaré, a mãe carnal de Jesus. Iemanjá seria seu “Anjo-de-Guarda”, no sentido de ser uma mentora cármica superior, como a mãe do Eterno Feminino⁷⁰.

Além do sincretismo, Matta e Silva respondeu também sobre as diferentes interpretações doutrinárias da religião. A questão, desta vez, incluiu as diferentes abordagens encontradas na literatura umbandista. A resposta, bem ao seu estilo contundente, não poupou nem mesmo seus congêneres:

A que se deve a discrepância de conceitos e ensinamentos encontrados na literatura de Umbanda?

⁶⁹ Idem. Ibidem. p. 29.

⁷⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 15. Op. cit. pp. 42-43.

Livros e mais livros têm surgido como literatura umbandista, aos borbotões. Porém, na sua maioria, são de narradores e aproveitadores e não de autênticos escritores-pesquisadores, sobretudo de escritores iniciados de gabarito, para ensinar a Doutrina de Umbanda do Brasil. Esses citados narradores e aproveitadores vêm com esse tipo de literatura, alijando a te e o psiquismo dos que tem se apoiado nela. “Serão chicoteados nos Tribunais do Astral”... Não perdem por esperar...⁷¹

E, como se não bastasse, a diversidade das formas rituais também não foi poupada pelo escritor:

Por que existem tantos rituais de Umbanda praticados em tantos lugares? A Umbanda é uma só ou existe mais de uma Umbanda?

A Umbanda verdadeira é uma só. A diversificação de conceitos e rituais vão por conta da ignorância de seus crenes, e muito mais dos falsos médiuns, mentores, dirigentes e exploradores dela⁷².

Referências a algumas das “Umbandas” – variedades de cultos dentro da religião umbandista – aparecem no texto “Das Macumbas Cariocas ao Movimento Umbandista”, incluído no número 17 da Revista Espiritual de Umbanda. Logo de início, há novamente o endosso ao mito fundador da religião: “A oficialização da religião de Umbanda, com o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 15 de novembro de 1908, deu origem ao Movimento Umbandista”⁷³.

Em seguida, afirma que a Umbanda sempre estivera aberta a variadas influências de cultos já existentes no Rio de Janeiro, “como os Candomblés Nagô ou Bantu, com maior das Nações Bantos – Congo e Angola”⁷⁴.

Ainda em sua parte inicial, o texto, que ocupa quatro páginas da edição, fala das diferentes denominações que a Umbanda já recebia logo após o seu surgimento:

O culto original, ao qual o Caboclo das Sete Encruzilhadas dera o nome de Umbanda, alguns anos depois já recebia outras denominações: **Umbanda Omoloko e Umbanda de Pretos-Velhos** (com a presença maior de elementos das religiões africanas) ou **Umbanda Branca**, com traços mais fortes da influência do Espiritismo, ou ainda **Umbanda de Caboclos**, com ritos próximos aos da Pajelança Indígena. Mais adiante, ainda há o surgimento de uma Umbanda com influências do Esoterismo e da Teosofia: **Umbanda Esotérica e Umbanda Iniciática**.

Toda essa mistura de influências gerou muitas correntes, com doutrinas próprias, ritos e preceitos diferenciados de acordo com o fundamento de cada casa e de seu Guia-Chefe⁷⁵.

⁷¹ Idem. p. 42.

⁷² Idem. ibidem. p. 43.

⁷³ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 17. São Paulo: Escala, 2007. p 30.

⁷⁴ Idem. p. 30.

⁷⁵ Idem. Ibidem. p. 30.

Em seu “Dicionário Histórico das Religiões”, Antonio Carlos do Amaral Azevedo divide a Umbanda em duas vertentes:

Umbanda popular – preserva fortes traços das raízes africanas e tem a presença da quimbanda – para este autor, ritual que trabalha com exus e pomba-giras, podendo ser “cruzada” (misturada) com o Candomblé Angola; predomina entre seus fiéis a classe média baixa.

Umbanda branca ou esotérica – tende a afastar-se da tradição africana, evitando quaisquer cerimônias que envolvam sacrifícios de animais, adotando ritos mágicos europeus e divulgando um mito de origem ligado à Atlântida e ao antigo Egito, o que a torna mais aberta à presença de brancos e membros de classes mais altas⁷⁶.

Olga Gudolle Cacciatore, no “Dicionário de Cultos Afro-brasileiros”, também divide a Umbanda de forma semelhante. De acordo com a autora, a religião compreende:

Umbanda Esotérica, iniciática ou cabalística – com doutrina de difícil compreensão para as massas populares.

Umbanda popular – com teorias mais simples e acessíveis.

Olga Cacciatore, no entanto, conceituou a Umbanda branca como algo à parte:

Umbanda branca – só pratica magia branca e extirpou de seus rituais tudo que fosse chocante contra a ordem instituída pela sociedade dos brancos, como iniciação sangrenta, trabalhos de magia negra etc.

A autora aponta ainda uma outra variedade, que parece guardar algumas semelhanças, mas ser ainda diferente da Umbanda branca:

Umbanda de branco – culto umbandista muito próximo do Kardecismo e que usa roupa e sapatos brancos, mesa, sobre assoalhos de madeira. Também chamada Umbanda de Cáritas, porque abre as sessões com a Prece de Cáritas, do Espiritismo de Kardec e se preocupa muito em praticar a caridade material e espiritual⁷⁷.

Além destas divisões, retiradas dicionários, há ainda outras, que também agregam outros nomes ao substantivo “Umbanda” e podem ser encontradas nas páginas dos livros dos próprios escritores umbandistas:

Umbanda Branca – trabalha basicamente com as linhas de caboclos e pretos-velhos, unindo seus mistérios, magias e sabedoria. É uma religião pura, extremamente

⁷⁶ AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário Histórico de Religiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 357.

⁷⁷ CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. pp. 242-243.

organizada, tratada com seriedade e que obedece a normas sagradas. Empenhada em prestar a caridade. A definição é dos autores Domingos Forchezatto, Maria Alice Giannoni e Maria Elidia dos Santos⁷⁸.

Nos livros “Trabalhos de Umbanda-canjerê” e “Sacramentos da Umbanda Mística”, o escritor umbandista Josef Ronton traz definições sobre as seguintes variedades de Umbanda:

Umbanda-Canjerê – Canjerê é uma palavra de origem africana que quer dizer “dançando se faz um trabalho para resolver algo”. Mas quem traduza o canjerê como sendo dança de macumba. Sendo uma ou outra coisa, o que importa é o seu resultado satisfatório. O canjerê estabelece com a roda e a cantiga uma corrente cósmica e de forças sutis da natureza, capaz de resolver problemas de ordem material e espiritual aos quais estamos sujeitos e dos quais queremos nos livrar⁷⁹.

Umbanda mística – tem por base a religião e a fé. Diz o místico que, quando todos os recursos materiais se esgotarem, restará a fé. Em outras palavras: quanto toda a sabedoria humana e todos os remédios falharem, a fé faz o milagre⁸⁰.

Umbanda esotérica – estuda as forças sutis da natureza pelas quais Deus, seus Anjos, Orixás, gênios e espíritos se manifestam. Estuda também a astrologia, a parapsicologia, a grafologia, a quiromancia, as propriedades medicinais e espirituais das plantas, a simbologia que envolve pontos riscados, talismãs, amuletos⁸¹.

Umbanda kardecista – seus adeptos se limitam a doutrinar espíritos que se encontram perturbando alguém. Para isso, ocupam o médium como receptáculo do sofredor, para que este seja orientado e guiado no caminho da luz. Também chamada de “linha branca de Umbanda”⁸².

O escritor A. G. Anselmo traz a sua definição de Linha Branca de Umbanda:

Linha Branca de Umbanda – Umbanda é uma palavra de sentido oculto. Entretanto, permite-nos a tradução de seu sentido em “Luz de Deus”, ou ainda “trabalho de luz que vem de Deus”. Umbanda é a sabedoria divina entre os homens. Umbanda é a fusão de todas as religiões do Universo. Umbanda é também chamada, e com razão, “Linha Branca de Umbanda”. Linha, com o significado de sistema religioso. Branca,

⁷⁸ FORCHEZATTO, Domingos; GIANNONI, Maria Alice; SANTOS, Maria Elidia dos. **Umbanda Branca e Cristã**. Campinas, SP: R. Vieira, 1999. p. 21.

⁷⁹ RONTON, Josef. **Trabalhos de Umbanda-Canjerê**. São Paulo: Ícone Editora, 1994. p. 9.

⁸⁰ RONTON, Josef. **Sacramentos da Umbanda Mística**. São Paulo: Ícone Editora, 1989. p. 13.

⁸¹ Idem. pp. 13-14.

⁸² Idem. ibidem. p. 14.

para afirmar o que ela pretende: branco é o oposto do negro; branco é Luz, é o Bem; negro é treva, é o Mal⁸³.

Almas e Angola – ritual praticado em Santa Catarina e que teve sua origem no Rio de Janeiro. É, na realidade, uma ramificação da Umbanda, porém com particularidades que o aproximam muito do Candomblé. Em Almas e Angola existem, por exemplo, obrigações internas denominadas feituas de Orixá ou camarinhas. Nessas atividades o médium tem sua cabeça raspada, fica recluso no Terreiro, deitado numa esteira por sete dias e, como ocorre no Candomblé, oferece menga – sangue de animais – aos Orixás. Na Umbanda tradicional isso não ocorre, pelo menos naquela que segue a linha de Zélio F. de Moraes. A definição é do escritor umbandista Giovani Martins⁸⁴.

Em seu livro “Umbanda Omolocô”, Caio de Omulu explica:

Umbanda Omolocô – intersecção clara entre o que vulgarmente se chama de Candomblé e a Umbanda. Ressurgiu através de Tancredo da Silva Pinto, na contramão da desafricanização da Umbanda. É um amálgama no qual, por um lado, se encontra uma proximidade muito forte com os ritos do Candomblé, em relação aos orixás e seus fundamentos; por outro, com a Umbanda, no que diz respeito ao seu trabalho com as entidades espirituais (caboclos, pretos-velhos, crianças etc.). Daí se terem usado também as expressões “Candomblé de Caboclo” e “Umbandomblé” para identificá-lo⁸⁵.

A curiosa expressão “Umbandomblé”, por sua vez, aparece como verbete no “Novo Dicionário Banto do Brasil”, do pesquisador Nei Lopes:

Umbandomblé – Termo pejorativo usado para designar os terreiros pouco ortodoxos da tradição dos orixás. De Umbanda + Candomblé⁸⁶.

No editorial de seu 10º número, a Revista Espiritual de Umbanda também se posicionou em relação ao Umbandomblé. O título não deixa dúvidas quanto ao teor do texto: “Umbandomblé – Onde está a Ètica?”. A legenda da foto também é direta: “O Sincretismo é uma realidade, Umbandomblé é um equívoco”.

No editorial, é possível ler:

⁸³ ANSELMO, A. G. **Catecismo Espiritualista da Linha Branca de Umbanda**. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1940. Importante não deixar passar despercebida a conotação pejorativa do negro ao final desta definição. Apesar de referir-se à cor negra, pode ser estendido – e se fazer presente como causa ou consequência da discriminação racial. Até mesmo porque a Umbanda dita branca, como podemos ver em algumas definições, está entre as mais afastadas dos elementos africanos.

⁸⁴ MARTINS, Giovani. **Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina**. Florianópolis (SC): Edição do Autor, 2006. p. 23.

⁸⁵ OMULU, Caio de. Op. cit. p. 33.

⁸⁶ LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. p. 219.

Da prática da junção de Candomblé e Umbanda surge o que chamamos de “Umbandoblé”. Isso não é sincretismo, é apenas a migração de práticas religiosas que nada tem a ver com o Ritual de Umbanda, muitas vezes, puro exibicionismo. Aceitar rituais ou filosofias e inseri-las na Umbanda tem seu limite no bom senso de cada sacerdote⁸⁷.

O texto, assinado por Pedro Miguel e Espíritos amigos, é concluído desta forma:

Irmãos de fé, precisamos entender que é simples a Lei, não é medíocre e não tem como base o cinismo. A Lei é uma só e o homem é equilibrado em sua natureza e postura evolutiva, a idolatria à matéria é que o tira de seu caminho.

Reflitam e acabem com as couraças da matéria. Umbandomblé: isso não é Umbanda nem Candomblé. O alicerce da nossa Umbanda é a caridade, firmada na Lei Natural e Evolutiva do “Amar ao próximo como a si mesmo”, do “É dando que se recebe”.

Saravá Jesus, Saravá Oxalá,

Saravá, Buda, Saravá, Ghandi...⁸⁸

Além do sincretismo e do Umbandomblé, a respeito dos quais a Revista se posiciona de forma desfavorável por meio de seus textos, há ainda a **Quimbanda**, outra palavra que aparece sempre relacionada à Umbanda. No meio umbandista, geralmente se atribuem à Quimbanda dois significados mais comuns. O primeiro deles refere-se simplesmente aos trabalhos com exus e pomba-giras⁸⁹, entidades consideradas da “linha da esquerda”. Neste caso, a Quimbanda é uma prática que integra o ritual de Umbanda. No segundo significado, o termo Quimbanda designa um culto autônomo, independente e até mesmo oposto à própria Umbanda: é como se fosse uma Umbanda que admitisse ou fosse voltada para o mal, para trabalhos de magia negra.

Em relação a este segundo significado, é exemplar a definição do escritor umbandista Lourenço Braga. A começar pelo título de sua obra “Umbanda – Magia Branca e Quimbanda – Magia Negra”, publicada em 1942 e apresentada como tese no 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, em 1941. Logo na abertura do primeiro capítulo, Lourenço Braga esquematiza a maneira como, de acordo com ele, se divide o *Espiritismo*:

CAPÍTULO I

DIVISÃO DO ESPIRITISMO

Lei de Kardec:

- Espiritismo doutrinário, filosófico e científico.

⁸⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 10. São Paulo: Escala, 2005. p 3.

⁸⁸ Idem. p. 3.

⁸⁹ **Pomba-gira** – Equivalente feminino ao Exu na Umbanda. Normalmente associada à vida boêmia, às vezes com a prostituição, é tratada como uma mulher “da noite”. Muito procurada por consulentes para resolver problemas amorosos.

Lei de Umbanda:
- Espiritismo – Magia Branca.

Lei de Quimbanda:
- Espiritismo – Magia Negra⁹⁰.

Também escritor umbandista, Altair Pinto, em seu “Dicionário da Umbanda”, também define a Quimbanda como magia negra. Citado na capa do Dicionário como presidente da “Tenda de Umbanda Com Jesus no Coração”, Pinto não deixa de relacionar a magia negra ao Candomblé, provavelmente na tentativa de desqualificá-lo, indício da tensão existente entre as duas religiões afro-brasileiras:

QUIMBANDA – A mesma coisa que Magia Negra, ou melhor o Candomblé que surgiu, entre nós, primeiramente na Bahia, oriundo de uma mistura de rituais praticados pelos escravos da África⁹¹.



Em tese apresentada no 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda (1941) e depois publicada, Lourenço Braga definia Quimbanda como Magia Negra.

⁹⁰ BRAGA, Lourenço. **Umbanda – Magia Branca e Quimbanda – Magia Negra**. Rio de Janeiro: Edições Spiker, 1942. p. 9.

⁹¹ PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, sem data. 3ª edição. p. 159.

A Quimbanda aparece como magia negra – e, desta vez, mais vinculada às influências africanas – também no “Dicionário de Cultos Afro-brasileiros” de Olga Cacciatore, que traz uma extensa definição:

Quimbanda – Linha ritual da Umbanda que pratica a magia negra. Essa linha é assim chamada pelos umbandistas de “linha branca”, pois os praticantes se dizem apenas umbandistas. A Quimbanda, influenciada mais diretamente pelos negros bantos – cabindas, benguelas, congos, angolas, moçambiques etc. – chegados dos portos africanos ao Rio de Janeiro, não fugiu ao sincretismo. (...) Mediante encomenda realizam feitiços ou contra-feitiços, visando favorecer ou prejudicar determinadas pessoas. (...) As giras de Exu são freqüentes, realizadas comumente a partir da meia-noite de 6ª feira. Exus e Pombagiras diversos “baixam”, dançam, fumam charutos ou cigarrilhas, bebem aguardente (marafó), dizem gentilezas ou palavrões aos assistentes e dão consultas sobre saúde ou problemas pessoais. (...) A Quimbanda cultua muito Omolu, orixá ligado à terra e à morte, considerando-o “Rei do Cemitério”. No cemitério é feita uma parte da iniciação de muitos quimbandeiros, devendo o iniciado deitar algumas horas sobre um túmulo, entre velas e cânticos do Pai ou Mãe-de-santo e iniciados do terreiro, tendo de cumprir, antes e depois, diversas obrigações. (...) São muito usados os “trabalhos” com pólvora, pós e ervas mágicas, dentes e unhas, cabelos (animais e humanos), galos e galinhas pretos (que são, às vezes, estraçalhados entre os dentes do iniciado incorporado com um exu (...)). Os despachos são colocados em encruzilhadas em cruz (macho) ou em T (fêmea), com velas, flores e fitas vermelhas, pipocas, milho etc. e animais de duas ou quatro patas, de penas ou pelos pretos ou vermelhos, em alguidares de barro, não sendo, porém, negativos todos os despachos de rua. (...) Os terreiros quase sempre são pobres, localizados em morros ou locais afastados⁹².

Por sua vez, o pesquisador Nei Lopes, em seu “Novo Dicionário Banto do Brasil”, traz a seguinte definição de Quimbanda:

QUIMBANDA – (1) Linha ritual da umbanda que trabalha principalmente com exus. (2) Sacerdote de cultos de origem banta – Do quimbundo *kimbanda*, sacerdote e médico ritual correspondente ao quicongo *nganga*. (...) Estranhamente, no Brasil, a quimbanda (primeira acepção) é tida como linha de práticas também maléficas. Terá a palavra nesta acepção alguma relação com o quicongo *kimbanda*, víbora?⁹³

Exus, magia negra e quimbanda são temas bastante controversos. Normalmente, as manifestações de exus e pombas-giras e práticas como o sacrifício de animais contribuem para uma visão pejorativa a respeito da Umbanda e de outras religiões afro-brasileiras. Por isso, tais assuntos são tratados com muito cuidado – muitas vezes, são até mesmo evitados – e geram intensas polêmicas entre os próprios umbandistas. Provavelmente por este motivo, somente em sua 5ª edição, publicada em 2004, a Revista Espiritual de Umbanda abriu espaço de forma mais direta para o assunto. Algo bastante compreensível, uma vez que seus editores, ao defenderem uma concepção de

⁹² CACCIATORE, Olga Gudolle. Op. cit. pp. 218-219.

⁹³ LOPES, Nei. Op. cit. p. 187. Citados nesta referência, **Quimbundo** e **Quicongo** são duas línguas bantos, de acordo com o mesmo Dicionário de autoria de Nei Lopes.

Umbanda mais próxima à tradição de Zélio Fernandino de Moraes, podem ter experimentado algum receio ou preocupação em abordar o tema e decidido fazê-lo somente após conceituarem ou transmitirem aos leitores as *representações* sobre a Umbanda que julgam mais adequadas. Após as quatro edições iniciais, é possível que estivessem seguros quanto a isso.

Em seu 5º número, a Revista Espiritual de Umbanda dedicou 14 páginas ao assunto Quimbanda (também grafado *Kimbanda*, na publicação). A abordagem se divide na publicação de quatro textos dos escritores umbandistas Osvaldo Omotobatalá, Decelso, Aluizio Fontenelli e W.W. da Matta e Silva.

Na capa, a chamada, bastante discreta, anuncia: “Kimbanda na visão dos escritores Decelso, W.W. da Matta e Silva, Aluizio Fontenelli e Osvaldo Omotobatalá”. Por outro lado, a mesma capa tem como única ilustração a figura de Jesus, com chamada para a matéria “Entrevista com o Sacerdote Juruá: Culto Umbanda com Jesus – Contém Pôster de Oxalá”⁹⁴.



Apesar de trazer um especial sobre Quimbanda, edição nº 05 destaca Jesus na capa.

⁹⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 05. São Paulo: Escala, 2004. p 1.

Exercitando o mesmo sincretismo religioso que mais tarde seria desaprovado no já citado texto da 14ª edição, o Oxalá anunciado na capa é o próprio Jesus, e seu pôster está nas páginas centrais (34 e 35) da Revista. Destaque na capa, a entrevista com Pai Juruá ocupa quatro páginas (30 a 33), logo antes do pôster. Antes disso, há ainda o texto “Oxalá Supremo: Jesus”, de autoria do Professor José Ribeiro de Souza, respeitado escritor de livros sobre Umbanda e Candomblé. Curiosamente, “Oxalá Supremo: Jesus” ocupa as páginas 16 e 17, exatamente entre os textos dedicados à Quimbanda.

Uma rápida consulta a outros números da Revista Espiritual de Umbanda é suficiente para constatar que, geralmente, quando há textos diferentes sobre o mesmo tema, estes são publicados em sequência. Assim como a inclusão de um texto sobre Oxalá ou Jesus entre os escritos sobre Quimbanda, chama a atenção a publicação do pôster e também o destaque na capa para a ilustração de Jesus. O espaço na capa, inclusive, pode ser considerado desproporcional, se for comparado o número de páginas em que aparece cada um dos temas: a entrevista com o sacerdote Pai Juruá, o texto “Oxalá Supremo: Jesus” e o pôster, juntos, ocupam oito páginas, bem menos do que as 14 páginas dedicadas aos textos sobre Quimbanda.

A desproporção no espaço da capa, a publicação do pôster e a inserção de um texto sobre Jesus intercalado com o tema Quimbanda podem ser interpretados como uma estratégia para desviar o foco e amenizar, de certa forma, a importância e o espaço dedicados à Quimbanda nesta edição e tentar manter ainda em evidência Oxalá, símbolo maior da tradição umbandista defendida pela publicação.

2.2 – Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como bens simbólicos

No livro “Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária”, Marilena Chauí explica o conceito de *semióforo*. De acordo com a autora, a palavra *semeiophoros*, de origem grega, é uma junção de duas outras: *semeion*, que quer dizer “sinal” ou “signo”, e *phoros*: “trazer para a frente”, “expor”, “brotar”, “pegar” (no sentido de fecundidade).

Inicialmente, um *semeiophoros* era a tabuleta, a placa de sinalização. Era também o estandarte carregado pelos exércitos nas batalhas, para indicar sua procedência e orientar seus soldados. E, como um semáforo, era um sistema de sinais para a comunicação entre os navios e das embarcações com a terra. Num outro sentido,

era também a comunicação com o invisível, signo surgido do passado ou dos céus e carregado de significados sobre o presente e o futuro dos homens.

Marilena Chauí detalha:

Com esse sentido, um *semióforo* é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque não cessam de brotar efeitos de significação⁹⁵.

Semióforos, portanto, podem ser instituições, objetos, animais, acontecimentos ou pessoas que, apesar de não apresentarem utilidade direta na vida cotidiana, são providos de valor simbólicos, são capazes de relacionar o visível e o invisível, no espaço (o sagrado, “um espaço além de todo o espaço”) ou no tempo (o passado ou o futuro distantes; a eternidade). Realizam sua significação e existência quando expostos à visibilidade. Por isso, são objetos de celebração em locais públicos, onde a sociedade possa celebrar algo comum a todos, que conserva e assegura o sentimento de comunhão e unidade⁹⁶.

Neste sentido, podemos afirmar que Zélio Fernandino de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a manifestação ocorrida em 15 de novembro de 1908 e também a própria Tenda Nossa Senhora da Piedade podem ser considerados *semióforos* entre os umbandistas que defendem este mito fundador para a religião. Conforme explicado por Marilena Chauí, são pessoas – incluindo nesta definição a entidade espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas –, acontecimentos e locais cujo valor, para determinados segmentos umbandistas, ultrapassa a materialidade, é simbólico. Tratados como algo sagrado, frequentemente são lembrados – “empunhados”, “trazidos à frente” – para fundamentar o referido mito de origem da Umbanda.

Ainda discorrendo sobre os semióforos, Marilena Chauí explica como eles não deixam de existir mesmo no modo de produção capitalista, apesar do “desencanto” constatado por Max Weber e da “perda da aura”, efeito da reprodutibilidade técnica da arte, segundo Walter Benjamin. A sobrevivência dos semióforos na sociedade moderna, de acordo com a autora, porque eles são signos de poder e prestígio:

Embora um semióforo seja algo retirado do circuito da utilidade e esteja encarregado de simbolizar o invisível espacial ou temporal e de celebrar a unidade indivisa dos que

⁹⁵ CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 12.

⁹⁶ Idem. p. 12.

compartilham uma crença comum ou um passado comum, ele é também posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar um meio social. Chefias religiosas ou igrejas, detentoras do saber sobre o profano, são os detentores iniciais dos semióforos⁹⁷.

Líderes umbandistas – pais e mães-de-santo, escritores, editores de livros e outros impressos, apresentadores de televisão e rádio, entre outras lideranças – são os que detêm este poder para produzir e conservar um sistema de crenças. São eles que detêm a posse e a propriedade dos semióforos – neste caso, Zélio Fernandino de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas e a Tenda Nossa Senhora da Piedade –, e os utilizam para legitimar suas concepções – o mito fundador – sobre a própria religião, a partir dos significados que deles não cessam de brotar.

Tais semióforos são largamente utilizados pelos editores ou até mesmo por entrevistados nas matérias da Revista Espiritual de Umbanda. Afinal, como já foi dito no início deste capítulo, referências a Zélio Fernandino de Moraes e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas estão presentes em 14 das 20 edições da Revista. Somente nos números 05, 06, 07, 09, 10 e 19 não aparecem citações ao mito fundador.

No livro “O Poder Simbólico”, Pierre Bourdieu desenvolve o conceito de *bem simbólico*. Este seria, para o sociólogo francês, o poder que determinado elemento possui de representar, de construir o dado pela enunciação, fazer ver e fazer crer: o poder de “confirmar ou transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo”⁹⁸.

Zélio Fernandino de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas e outras referências ao seu papel como pioneiro da Umbanda podem também ser vistos como *bens simbólicos*. Dotados de valor simbólico, são utilizados pelos diversos segmentos que disputam capital simbólico, na luta por legitimação em meio à assimetria de capital religioso no campo umbandista⁹⁹.

Na Revista Espiritual de Umbanda, a utilização destes bens simbólicos fica evidente em diversas oportunidades. A própria publicação faz este uso ao trazer em suas páginas as já citadas matérias que reproduzem este mito fundador, destacam as figuras de Zélio Fernandino de Moraes, do Caboclo das Sete Encruzilhadas e também de sua filha, Mãe Zilméia.

⁹⁷ Idem. Ibidem. p. 14.

⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 14.

⁹⁹ Esta discussão é baseada no texto “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”, em BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. Op. cit.

Além disso, em diversos textos da publicação, líderes umbandistas de diferentes segmentos doutrinários e rituais dizem seguir os fundamentos de Zélio Fernandino de Moraes e do Caboclo das Sete Encruzilhadas em seus templos e rituais.

Na Revista Espiritual de Umbanda nº 02, a matéria “Casa de Oração Paulo de Tarso – Tenda de Umbanda Caboclo Pena Branca e Vovó Sabina” retrata um templo que pratica uma forma de Umbanda em que a religião católica tem grande influência entre os elementos do sincretismo religioso. Ao descrever o templo e suas práticas, a dirigente espiritual Irmã Vera, cujo nome também evidencia a forte presença do Catolicismo, afirma:

Esta tenda de Umbanda procura seguir tudo como foi no início, com simplicidade, humildade, tal qual foi passado por Zélio Fernandino de Moraes, que é o Paizinho da Umbanda¹⁰⁰.

Ainda na mesma edição, encontramos a matéria “Templo de Umbanda Preto-velho Pai Thomas e Caboclo 7 Matas”. Pelas fotos – que mostram o uso de atabaques, guias coloridas, penachos e pontos riscados – e pelo próprio texto, é possível perceber que a forma doutrinária e ritual deste templo é bem diferente. No entanto, logo na abertura do texto, no segundo parágrafo, pode-se ler:

O Caboclo Sete Matas é da mesma falange do Caboclo Sete Encruzilhadas – ambos filhos de Oxossi –, entidade que Zélio Fernandino de Moraes incorporou dando início oficial ao culto de Umbanda no Brasil¹⁰¹.



Com forte influência do Catolicismo, Tenda de Umbanda Caboclo Pena Branca e Vovó Sabina afirma seguir ensinamentos de Zélio Fernandino de Moraes.

¹⁰⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 02. Op. cit. p. 11.

¹⁰¹ Idem. p. 28.



Com um ritual totalmente diferente, Templo de Umbanda Preto-velho Pai Thomas também procura seguir os ensinamentos de Zélio Fernandino de Moraes.

Já em seu terceiro número, a Revista traz uma matéria com o Templo Luz do Oriente. Como o próprio nome sugere, a influência oriental é predominante em seu ritual, o que também pode ser percebido a partir das fotos do templo. Mêdiun da entidade Pai Zuluá, o dirigente espiritual do templo, Pai Edson, afirma, na entrevista:

Eu muitas vezes digo que a Umbanda já vem através dos séculos. Ela se pronunciou através do inesquecível Zélio Fernandino de Moraes (sic), mas traz conhecimentos do povo do Oriente, através da sabedoria de Buda, dos egípcios, do povo indiano e dos nossos irmãos africanos¹⁰².

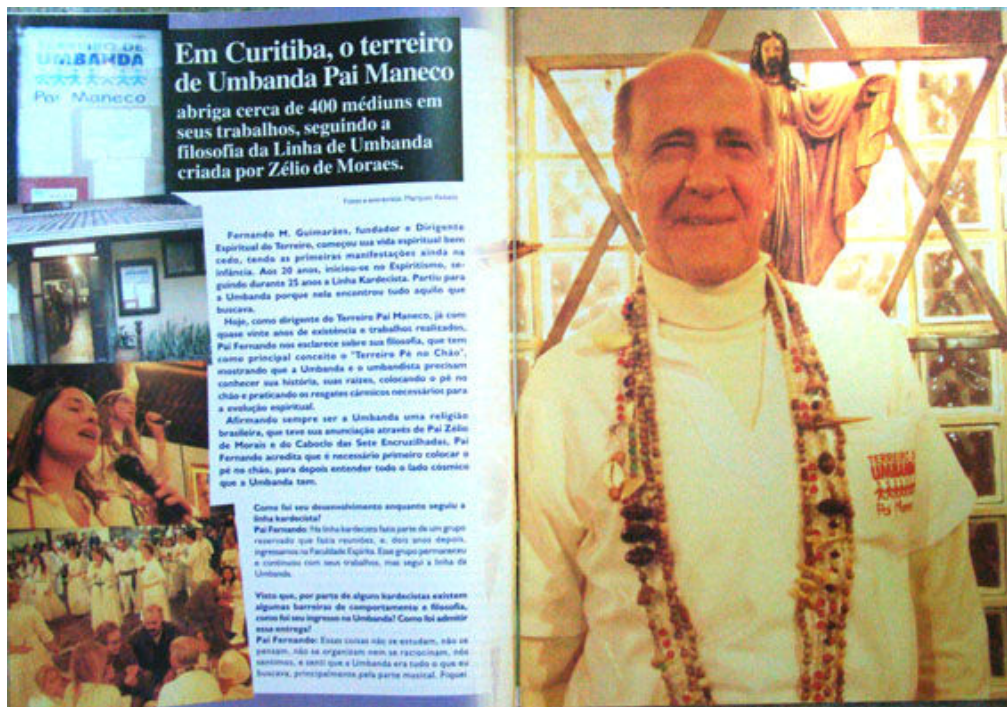
Na 4ª edição da Revista, quem utiliza Zélio Fernandino de Moraes como bem simbólico é o Terreiro Pai Maneco, de Curitiba. A entrevista com Fernando Guimarães, dirigente do templo, traz logo na abertura a frase:

Afirmando sempre ser a Umbanda uma religião brasileira, que teve sua anunciação através de Pai Zélio de Moraes (sic) e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Pai Fernando acredita que é necessário primeiro colocar o pé no chão, para depois entender todo o lado cósmico que a Umbanda tem¹⁰³.

¹⁰² REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. Op. cit. p. 33.
¹⁰³ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 04. Op. cit. p. 08.



Com forte influência oriental, Templo Luz do Oriente também enaltece a figura de Zélio Fernandino de Moraes.



Pai Fernando, do Terreiro Pai Maneco, afirma seguir a filosofia da "Linha de Umbanda" criada por Zélio Fernandino de Moraes.

E até mesmo o escritor Rubens Saraceni, que recebeu amplo destaque ao longo dos 20 números da Revista Espiritual de Umbanda, não deixou de ter a sua imagem associada ao Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ainda na mesma edição, uma matéria de seis páginas trata do Colégio de Umbanda Sagrada, do qual estão à frente Saraceni e Alexandre Cumino. Intitulada “Colégio de Umbanda Sagrada lança Coleção de Livros”, a matéria tem como um dos subtítulos a frase “Falange do Caboclo das Sete Encruzilhadas fala aos umbandistas através do médium Rubens Saraceni, deixando mais uma mensagem aos irmãos de fé”. A referida mensagem é publicada abaixo, ocupando duas colunas de texto da página 45¹⁰⁴.

A mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que aparecia como um dos subtítulos da matéria geral sobre o Colégio de Umbanda Sagrada, curiosamente, foi mais destacada pela publicação do que o título principal. Afinal de contas, não é todo o dia que a entidade espiritual responsável pela fundação da Umbanda costuma se manifestar, principalmente por fenômenos de psicofonia. Por isso, mereceu uma chamada na capa da Revista: “Mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas para o Colégio de Umbanda Sagrada”¹⁰⁵.

Parceiro de Rubens Saraceni em vários projetos, o escritor e editor do Jornal de Umbanda Sagrada, Alexandre Cumino – promotor de cursos sobre Umbanda – também teve seu nome associado a Zélio Fernandino de Moraes. Já no primeiro número da Revista, Cumino teve publicada uma entrevista de quatro páginas, com o título “As Várias Faces da Espiritualidade”. Na conclusão da longa resposta que deu ao ser perguntado como chegou à Umbanda, Alexandre Cumino relatou:

Começamos com a Umbanda, mas não fazíamos a menor idéia do que era. Anos depois, lendo a história do Pai Zélio Fernandino de Moraes (sic), fiquei impressionado, porque a história é muito parecida. Foi exatamente o que aconteceu com ele¹⁰⁶.

Estes são apenas alguns exemplos de como representantes de diferentes segmentos umbandistas utilizam referências que as vinculem ao mito fundador da religião considerado como principal. Estas referências desempenham o papel de bens simbólicos, com os quais os diversos segmentos umbandistas tentam se associar, na disputa por capital simbólico que lhes traga maior legitimidade ou até mesmo hegemonia dentro do campo religioso umbandista.

¹⁰⁴ Idem. p. 45.

¹⁰⁵ Idem. Ibidem. p. 01.

¹⁰⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. p. 29.

2.3 – A Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino: ressignificação do Mito Fundador.

A “Edição Histórica” da Revista Espiritual de Umbanda, nº 20, traz duas páginas sobre o escritor W. W. da Matta e Silva. Em um pequeno resumo biográfico, o texto afirma que a tradição da Umbanda Esotérica iniciada por Woodrow Wilson da Matta e Silva – cujo nome iniciático era Mestre Yapacani – teve a seguinte continuidade após a sua morte, em abril de 1988:

Seus ensinamentos deram origem a quatro Ordens Umbandistas Esotéricas:

* **Ordem do Círculo Cruzado** (1968)

Fundada por seu discípulo Mestre Itaoman.

* **Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino** (1977)

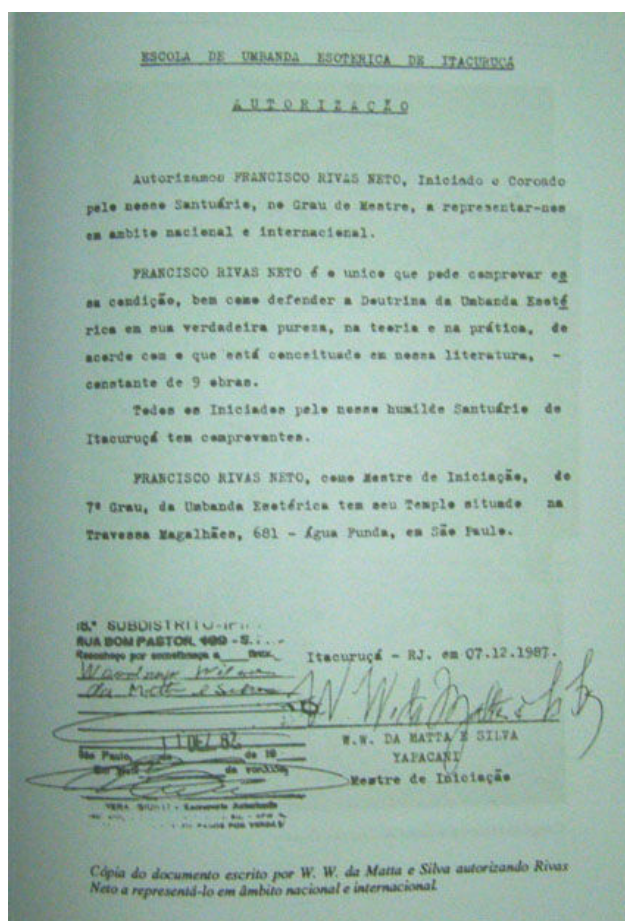
Fundada por Mestre Arhapiagha.

* **Ordem Esotérica Olho do Mestre** (1988)

Fundada pelo discípulo Mestre Yassuamy

* **Ordem de Umbanda do Cruzeiro do Sul** (1995)

Fundada pelo “neto” de Yapacani, Mestre Thashamara¹⁰⁷.



Documento assinado em 1987 por W.W. da Matta e Silva autoriza seu sucessor, Rivas Neto, a representá-lo.

¹⁰⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. Op. cit. p. 31.

Nesta mesma edição, a mais recente de todas elas, Ordem de Umbanda do Cruzeiro do Sul, é tema de uma matéria de duas páginas, com o título “Mestre Tashamara transfere o comando da Ordem de Umbanda do Cruzeiro do Sul para o discípulo Arashakamá”¹⁰⁸. Mas, ao longo dos vinte números da Revista Espiritual de Umbanda, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, dirigida pelo médico Rivas Neto, é pauta para matérias que abordam seus rituais e seus trabalhos, sob diversos aspectos.

Logo no primeiro número da Revista, é publicada a matéria, cujo título é bastante simples: “A Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino”. O texto, que mais se assemelha a um *release*¹⁰⁹, começa da seguinte forma:

A Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino é um Templo de Alta Iniciação de Umbanda fundado em 28 de julho de 1970, pelo médium F. Raivas (sic) Neto, Mestre de Iniciação de 7º Grau no 3º Ciclo.

Do ponto de vista material, tem sua sede instalada à Rua Chebl Massud, 157, no Bairro Água Funda, em São Paulo, Capital.

Pela sua atuação, é considerada uma Casa de Fundamentos e Trabalhos Umbandísticos e que atende, em suas sessões de atendimento público, sem qualquer fim lucrativo, a milhares de pessoas necessitadas através das faculdades mediúnicas de seu Mestre de Iniciação e de seus discípulos.

Sob o aspecto espiritual, constitui-se num centro avançado de Alta Iniciação dentro dos conceitos da Corrente Astral de Umbanda¹¹⁰.

Não deixa de ser curiosa a maneira como o nome de Rivas Neto é escrito nas três vezes e que aparece no texto: *Raivas Neto*. Somente na legenda de uma das fotos, em que é retratado ao lado de seu mestre espiritual W. W. Matta e Silva, Rivas Neto tem seu nome escrito corretamente.

No segundo número da Revista, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino novamente é tema de matéria. E desta vez, a entrevista com William Oliveira – o Mestre Obashanan – ocupa oito páginas, bem mais do que as duas dedicadas ao texto sobre a Ordem, na edição anterior.

Ao tratar de diversos assuntos, incluindo a sua própria iniciação, a música sagrada na Umbanda e também a revista Umbanda: Uma Religião Brasileira – publicada na década de 1990 e considerada precursora da Revista Espiritual de Umbanda –, William Oliveira, no texto de abertura, mostra um pouco da sua visão sobre a Umbanda:

Antes do marco oficial da Umbanda, já havia o culto de Nação Africana, o culto de Nação Indígena e os cultos Europeus, dentre eles, o Kardecismo, e nesses grupos

¹⁰⁸ Idem. pp. 36-37.

¹⁰⁹ **Release:** em linguagem jornalística, é como se chamam os textos de divulgação enviados pelas assessorias de imprensa aos órgãos de comunicação, com o objetivo de promover o trabalho de pessoas ou instituições.

¹¹⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. p. 36.

religiosos haviam fenômenos correlatos com a mediunidade, existia o transe, a intuição, a concentração através de orações etc.

De certa forma, em todos esses cultos procurava-se o contato com os ancestrais, cada um da sua maneira e se, por exemplo, um ancestral do negro se manifestasse através da incorporação no culto do branco, não haveria conexão. Se o espírito astralizado de um índio se manifestasse no Kardecismo (como aconteceu mais tarde com o Caboclo das 7 Encruzilhadas através do Zélio Fernandino de Moraes), ocorreria o mesmo: espíritos de outras etnias seriam repelidos se não se manifestassem em seus grupos afins.

Foi aí que o Astral superior planejou realizar um culto unificado, universal, que gradativamente, sem alarde e sem trauma, iria deixando cada vez mais a forma e penetrando na essência unificadora da convergência do que é comum a todos os entendimentos. E a maior prova dessa verdade é a forma de apresentação dos espíritos que se identificam como Pretos-Velhos, Caboclos e Crianças, representantes das raças humanas, que no Movimento Umbandista passaram a se manifestar irmanados num mesmo culto.

Como nós entendemos na Ordem, essas formas de apresentação identificam aspectos regionais, e também revelam os Ancestrais da Humanidade, que traduzem a Pureza (Crianças), a Simplicidade (Caboclos) e a Humildade (Pais Velhos). Sob estes aspectos encontramos rudimentos da Umbanda planetária, já que esses conceitos existem até mesmo no Oriente, na África e na Europa, em qualquer povo do planeta, pois lá, igualmente, existiram e sempre existirão espíritos Puros, Simples e Humildes¹¹¹.

É oportuno observar que, mesmo citando Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, William Oliveira sugere uma origem anterior para a Umbanda. Mais adiante, na mesma entrevista, ao falar sobre a importância e o trabalho da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, Oliveira afirma:

O Trabalho da Ordem sempre foi de fortalecer e unir a Umbanda. As primeiras lições que meu Mestre (Rivas Neto, ou Arhapiagha) me deu quando perguntei a ele sobre a Umbanda esotérica, foram de que não existe Umbanda esotérica, só existe Umbanda, e disse que esta era a primeira coisa que eu deveria entender.

A Umbanda tem aspectos que não são conhecidos, mas é uma coisa só, essa é sua grande magnitude, ela atende a todos. É a única religião onde você pode ir num templo e, se não tiver afinidades com o lugar, vai pra outro templo completamente diferente, estando ainda dentro da mesma religião, ou na mesma filosofia, pois para nós a Umbanda não é só uma religião, ela é Filosofia, Ciência e Arte, reunindo os quatro pilares do conhecimento humano¹¹².

Pode-se perceber aqui uma visão mais abrangente e tolerante a respeito dos diferentes segmentos que coexistem no campo umbandista. A abordagem de Oliveira, sob este aspecto, chega a lembrar a reflexão da pesquisadora Patrícia Birman a respeito da diversidade doutrinária e ritual dentro da própria Umbanda, já citada neste capítulo.

Ao falar na proposta de “fortalecer e unir a Umbanda”, o entrevistado abre espaço para o uso da palavra convergência, que, assim como “síntese”, está presente em diversos escritos da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. A palavra, inclusive, aparece

¹¹¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 02. Op. cit. p. 18.

¹¹² Idem. p. 23.

no título de seu livro, “Do Movimento à Convergência”, que integra a série “Teologia Umbandista”, publicada pela Ordem. Ao responder sobre o livro, William de Oliveira explica:

Este livro foi feito através do processo de intuição mesmo e ele retrata o aspecto da caminhada interior de alguém que enxerga a Umbanda além do Movimento Umbandista. Nós entendemos a Umbanda em três momentos, existe um Movimento, onde há um abarcamento geral, de vários aspectos da Umbanda e de outros setores filo-religiosos onde a primeira intenção de síntese é o próprio sincretismo; e existe um princípio de Convergência, onde todo esse movimento vai chegar à um ponto em comum, a Síntese, não só da Umbanda, mas de todas as filosofias, artes, religiões e ciências que é onde o mundo realmente vai alcançar sua maturidade e dar um passo maior no processo evolutivo planetário¹¹³.

O livro de William Oliveira – que assina a autoria com o seu nome iniciático, Mestre Obashanan – traz uma abordagem diferente em relação a outras obras sobre a Umbanda. A começar pela capa, onde aparecem diversos símbolos esotéricos, algarismos de origem oriental, ao redor de uma cruz.

Mas as diferenças são perceptíveis também no conteúdo do livro. Ao longo de 101 páginas, não aparecem referências aos orixás, e pouquíssimas vezes são mencionados outros tipos de guias, como crianças, pretos-velhos – na obra, chamados de Pais-Velhos – e caboclos. Aliás, a própria palavra orixá quase não se faz presente, e quando isso acontece, aparece sempre relacionada a outros tipos de divindade:

E o *Devabhuddi*, o *Orixá*, o *Arcanjo*, o *Aráxa*, num intenso clarão de luz, revela-se à visão do *espiritualista*: em vestes simples, tênues e claras um homem pequeno, velho e radiante como as estrelas, com um sorriso, toca seu coração...¹¹⁴

Esta maneira diferente de conceber e explicar a Umbanda é marcada pelo uso de palavras de origem sânscrita, como *kundalini*, *mantra*, *tantra* e *yantra*, presentes no livro de Obashanan. Os próprios mestres da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, aliás, têm nomes em sânscrito: além de *Obashanan* (William de Oliveira) e *Yamunisiddha Arhapiagha* (F. Rivas Neto), temos também *Aramaty* (Silvio L. R. Garcez), autor de “Cosmologia e Física da Alta Magia”, e *Yamaracyê* (Maria Elise G. Machado), que escreveu “O Mestre Iluminando Consciências”, livros que integram a série Teologia Umbandista.

¹¹³ Idem. Ibidem. p. 25.

¹¹⁴ OBASHANAN, Mestre. **Teologia Umbandista: do Movimento à Convergência**. São Paulo: Ícone, 2001. p. 32.



Livro de Mestre Obashanan (William de Oliveira) integra a série Teologia Umbandista.

Mas é no livro “Umbanda e sua História” de Diamantino F. Trindade (Hanamatan) que está relatado, de forma mais detalhada, o mito fundador da Umbanda na compreensão da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. Esta versão para o surgimento da Umbanda remonta há milhares de anos, com o surgimento da Raça Vermelha, que passou a reencarnar no Baratzil, nome que nas remotas eras designava o local chamado hoje de Brasil, descrito como “Coração Espiritual do Mundo” no título do sexto capítulo deste livro. Neste mesmo capítulo, Trindade escreve sobre a origem e os significados do termo:

Não raras vezes, a “estrela cadente”, ou seja, um meteoro, em seu movimento, produzia um som que foi traduzido, por onomatopéia, como TZIL.

Para perpetuar na memória esse som, grafaram-no pictograficamente ou mesmo mnemonicamente com a CRUZ, que por assimilação era Estrela, Luz, Divindade etc.

Já mencionamos anteriormente a PRIMEIRA LÍNGUA DO HOMEM – o ABANHEENGA. Desse idioma, se derivou o NHEENGATU, a língua Sagrada.

É nesses idiomas polissilábicos que encontraremos o significado exato do vocábulo BARATZIL, grafado posteriormente como BRASIL. No sentido profano do termo, temo-Lo, significando TERRA DAS ESTRELAS; no sentido hierático, TERRA DA

LUZ; GUARDIÃ DA CRUZ; GUARDIÃ DO MISTÉRIO DA CRUZ, ou TERRA DO CRUZEIRO DIVINO¹¹⁵.

Uma questão importante nesta versão do mito fundador da Umbanda é a deturpação e a restauração do Aumbandam. Também encontrado em outros textos com a grafia Aumbhandham, o Aumbandam teria a seguinte definição, de acordo com Diamantino Trindade:

O religare, a ligação do homem da Raça Vermelha com as “Coisas Divinas”, chamou-se AUMBANDAM. Esse vocábulo Trino e Sagrado, que mais tarde se tornaria litúrgico, mágico e vibrado, foi, é e será a bandeira do Amor e Sabedoria Cósmica.

(...)

O AUMBANDAM é a SÍNTESE ENTRELACADA DE TODO CONHECIMENTO DA GNOSE HUMANA (Religião, Filosofia, Ciência e Artes). O AUMBANDAM é o próprio elo de ligação (sic) vivo entre o que é ESPIRITUAL com o que é do REINO NATURAL, ou seja, um sentido bem abrangente. É a PORTA, é o VEÍCULO DE RETORNO AO COSMO ESPIRITUAL e ao encontro de NOSSO KARMA CAUSAL¹¹⁶.

Mais adiante, o texto explica a relação entre Aumbandam e Umbanda:

Quando falamos em AUMBANDAM não estamos nos referindo ao Movimento Umbandista da atualidade. Esse Movimento nada, em verdade, tem a ver com o AUMBANDAM, mas pretende restaurar o verdadeiro AUMBANDAM, ou seja a VERDADEIRA PROTO-SÍNTESE CÔSMICA. Com isso fica mais fácil entender como os Seres Espirituais da pura Raça Vermelha, os quais comandam todo o Astral Superior, já estavam se interpenetrando nesse Movimento Umbandista.

É por este motivo que a CORRENTE ASTRAL DE UMBANDA trabalha pois nestas terras iluminadas do Cruzeiro do Sul onde ressurgirá o AUMBANDAM¹¹⁷.

E a deturpação do Aumbandam, conforme a o livro escrito por Trindade, aconteceu pela infiltração, na Terra, de espíritos “Marginais do Cosmos”. É interessante observar como a própria Quimbanda tem um espaço reservado nesta narrativa:

Esse processo permitiu uma séria oposição aos princípios da PROTO-SÍNTESE CÔSMICA, o AUMBANDAM se consubstanciando numa reação chamada KIBANDAM ou KIMBANDA (o oposto da Lei). Esses fatos aconteceram nos estertores da Raça Vermelha que já estava com sua dinâmica encarnatória reduzida ao mínimo. Já no final da Raça Atlante vamos encontrar os remanescentes da Raça Vermelha, principalmente os do TRONCO TUPY, os Tupy-Nambá e os Tupy-Guarany, que já não correspondiam a pura Raça Vermelha¹¹⁸.

O episódio envolvendo Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, de acordo com a interpretação de Trindade e da Ordem Iniciática do

¹¹⁵ TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Umbanda e sua História**. São Paulo: Ícone, 1991. p. 31.

¹¹⁶ Idem. pp. 33-34.

¹¹⁷ Idem. Ibidem. p. 34.

¹¹⁸ Idem. Ibidem. p. 36.

Cruzeiro Divino, seria uma etapa de ressurgimento do Aumbandam. Isto pode ser constatado no Capítulo XIII do livro “Umbanda e sua História”:

A CORRENTE ASTRAL DE UMBANDA, que constitui o GOVERNO OCULTO DO PLANETA TERRA, achou por bem lançar mão de um movimento que viesse restaurar, gradativamente, esses conceitos, fazendo a humanidade retomar um caminho evolutivo mais reto e seguro possível. Assim, tivemos o ressurgimento do vocábulo AUMBANDAM, adaptado como UMBANDA, e o surgimento do Movimento Umbandista, ocorrendo o mesmo, no Brasil, que é o berço da primitiva Síntese. É por esse motivo que o ressurgimento do AUMBANDAM deve ocorrer em terras brasileiras, principalmente por que aqui se encontram plasmadas as condições mais apropriadas para tal¹¹⁹.

Após reproduzir com riqueza de detalhes a o episódio da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por meio de Zélio Fernandino de Moraes e a fundação da Tenda Nossa Senhora da Piedade, Diamantino Trindade relata também a criação das sete tendas a partir da primeira. No entanto, este “surgimento do Movimento Umbandista”, como ele se refere, não é visto como a fundação da Umbanda, mas apenas como parte do processo de restauração do Aumbandam, após a sua deturpação. E este processo de restauração compreende ainda, em etapas posteriores, a missão e a publicação das obras de W. W. da Matta e Silva, definidas como “as primeiras obras importantes do Movimento Umbandista”¹²⁰.

Desta forma, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino não desconsidera o mito fundador da Umbanda baseado nos episódios envolvendo Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Sua interpretação, em vez de negar, apenas ressignifica¹²¹, dá a esta narrativa um outro sentido, tornando-a parte de um processo maior, esotérico, que se inicia antes – com a Raça Vermelha no Baratzil, há milhares de anos – e se encerrará no futuro, com a restauração do Aumbandam em terras brasileiras.

É uma forma bastante hábil, portanto, de construir um argumento que explique a Umbanda esotérica – baseada no Aumbandam – sem negar ou entrar em conflito com o mito fundador da Umbanda predominantemente aceito, protagonizado por Zélio Fernandino de Moraes.

¹¹⁹ Idem. Ibidem. p. 53.

¹²⁰ Idem. Ibidem. p. 101.

¹²¹ Um exemplo de ressignificação do mito fundador está no culto à imagem de



W. W. da Matta e Silva e Rivas Neto.



Zélio Fernandino de Moraes (ao centro) em foto retirada do livro *Umbanda e sua História, da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino*.

É possível que o fato de não entrar em choque com o mito de origem aceito pela Revista Espiritual de Umbanda tenha contribuído para que a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino sempre tivesse espaço para divulgar sua doutrina e suas atividades –

com destaque para a Faculdade de Teologia Umbandista, fundada e mantida pela Ordem – na publicação. Além das já citadas matérias, a Ordem também teve destacado seu aniversário de 35 anos, na edição nº 11 (publicada em 2005), a oficialização e o lançamento da Faculdade de Teologia Umbandista, nos números 04 e 05 (2004), além de matérias sobre a música na Umbanda e o acervo musical da Fonoteca da Faculdade de Teologia Umbandista, na 14ª edição (2006), com William de Oliveira (Obashanan) e a coluna “Música do Santo”, assinada também por ele e publicada nas edições 12, 13, 14 e 16.



Símbolos de origem oriental estão por toda a parte no congá¹²² da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino.

¹²² **Congá ou gongá** – Altar de Umbanda. Normalmente inclui, juntos, santos católicos, orixás e outros espíritos que atuam na Umbanda.

III) A REIFICAÇÃO RELIGIOSA NA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA

*“Eu plantei café de meia,
Eu plantei canavial,
Café de meia não dá lucro,
Sinhá Dona,
Mas a Umbanda vai me dar*

*Oi, deixa a Umbanda melhorar
Oi, deixa a Umbanda melhorar
Oi, deixa a Umbanda melhorar,
Meu Deus do céu,
Pois a Umbanda vai me dar”*

Ponto de Pretos-velhos,
cantado para trazer prosperidade

3.1 – A (inserção) lógica mercadológica na linha editorial da Revista

O “Dicionário Básico de Filosofia”, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, conceitua a palavra **reificação** como a transformação de uma representação mental em uma “coisa”, a quem se atribui uma realidade objetiva. Os autores explicam ainda que, conforme a teoria marxista, a reificação é o último estágio da alienação do trabalhador, cuja força de trabalho “se transforma em valor de troca, escapando a seu próprio controle e tornando-se uma ‘coisa autônoma’”¹.

A partir deste conceito de reificação, podemos entender a **reificação religiosa** como a transformação da religião em “coisa”. Considerada pelo seu “valor de troca”, pode tornar-se também mercadoria. Para além do caráter subjetivo, portanto, a religião pode ser pensada de forma objetiva, relacionada não apenas ao sagrado, mas também às coisas profanas – as coisas materiais, do mundo –, incluindo aí o capital e o lucro econômico.

Um dos assuntos abordados no primeiro capítulo desta dissertação foi a linha editorial da Revista Espiritual de Umbanda. Como qualquer publicação, além de um projeto editorial, a Revista pode ser considerada também um produto editorial. E, como

¹ JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. pp. 237-238.

produto, está inserida em uma lógica de mercado. A mesma lógica, portanto, em que acontece a reificação da religião. No caso desta publicação, a Umbanda.

O caráter comercial pode ser claramente percebido pela veiculação de anúncios publicitários nas páginas da Revista. Neste ponto, o mercado editorial não difere dos outros meios de comunicação, como rádio, televisão, internet etc. Os recursos financeiros para mantê-los em funcionamento e garantir a sua sustentação geralmente são captados a partir da publicidade, mais especificamente a comercialização de espaços no próprio meio de comunicação para a divulgação de produtos ou serviços prestados por empresas e outras organizações.

Christina Berger analisou o processo de produção da notícia em jornais. Em se tratando também de um meio de informação impresso, suas considerações são válidas também para os periódicos que possuem o formato de revista. Em seu texto, que leva o interessante e sugestivo título “Do Jornalismo: Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica”, Berger observa:

Parece-nos uma sugestão interessante pensar, como critério de passagem do acontecimento à notícia, o espaço que ele virá a ocupar numa página. Mas mais interessante ainda é o outro sentido de *caber*, pois o acontecimento deve ser compatível com a “estrutura editorial”, ou seja, “caber”, também, na ideologia do jornal².

Mas além da “ideologia” do jornal – neste caso, revista –, a autora acrescenta um outro elemento de grande importância para determinar se determinado conteúdo pode ou não ser publicado, se “cabe” ou não em suas páginas:

Acrescentamos a aprovação do anunciante e a apreciação do leitor para completar o círculo que ajuda a definir a noticiabilidade e, assim, a natureza da imprensa. A questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje que “caiba” (nos dois sentidos) no meu jornal, que conquiste leitores e não se confronte com os que o sustentam economicamente.

Neste enunciado encontram-se os indicadores para a compreensão do jornalismo: os vínculos com o mercado – dos patrocinadores e dos consumidores – e a equação do vivido num espaço editável³.

Embora considere diferentes graus de comprometimento das publicações com os anunciantes, Berger constata a tendência ao predomínio da lógica de mercado na produção dos periódicos:

Alguns jornais tendem a uma postura mais independente e, assim, menos submetidos à intenção de lucro e ao comprometimento com o poder. Porém, a tendência

² BERGER, Christina. **Do Jornalismo: Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica**. In: MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 273-274. O grifo é da autora.

³ Idem. p. 274.

predominante e que veio se acentuando ao longo do desenvolvimento do capitalismo é sua função mercadológica e o estreitamento de seus vínculos com o poder econômico e político⁴.

Sem fugir à lógica do mercado, a Revista Espiritual de Umbanda tem anúncios publicitários inseridos em todas as suas 20 edições. Embora haja alguns espaços comerciais que apresentem formatos menores, como rodapé⁵, meia-página ou ¼ (um quarto) de página, a maioria absoluta dos anúncios ocupa páginas inteiras. Portanto, serão estes anúncios em páginas inteiras – sejam elas pagas por um único anunciante ou por anunciantes menores reunidos no mesmo espaço – que servirão como base para os levantamentos realizados neste capítulo.

Os números 01 e 02 da Revista, publicados em 2003, tiveram, respectivamente, seis e cinco páginas inteiras com anúncios. Até a décima edição, lançada em 2005, este número oscilou entre cinco e nove páginas ocupadas por anúncios publicitários.

A 11ª edição, também publicada em 2005, com 11 páginas de anúncios, foi a primeira a ultrapassar a marca de dez páginas de publicidade. A partir de então, esta marca não diminuiu, oscilando, nas edições seguintes, entre 13 e 22 páginas de inserção publicitária. A 20ª edição – “temática” sobre os 100 anos da Umbanda –, foi a que atingiu o número máximo: 22 páginas de anúncios.

Três anunciantes podem ser destacados entre os que mais apareceram na Revista. O primeiro deles é o Santuário Nacional da Umbanda, criado pelo líder umbandista Ronaldo Linares. Dos 16 números em que foi publicado, em 15 o anúncio do Santuário ocupou, sozinho, uma página inteira. Na 19ª edição (2008), o anúncio divide a página com outros quatro e ocupa um espaço pouco superior a ¼ de página. Nos números 04 e 06 da Revista (2004), embora o anúncio do Santuário não seja publicado, seu criador, Ronaldo Linares, aparece em outras matérias. Somente nas edições 16 e 17 (2007) não acontece a inserção do anúncio e não há referências a Ronaldo Linares. Nos outros 16 números da Revista o Santuário Nacional de Umbanda tem veiculados anúncios que ocupam uma página.

A importância dada a Ronaldo Linares na Revista Espiritual de Umbanda fica evidente logo na primeira edição. O anúncio de página inteira, onde se lê “Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional da Umbanda: Convidamos a todos para a inauguração da maior estátua de Ogum do Planeta!!!”, está na página 55. Foi

⁴ Idem. Ibidem. p. 274.

⁵ **Rodapé**: retângulo na parte inferior da página, destinado à inserção de anúncios.

incluído, portanto, no espaço ocupado por uma entrevista com Ronaldo Linares, que se inicia na página 52 e prossegue até a página 61. Com o título “A Trajetória de um Pioneiro”, a entrevista conta a iniciação de Linares no Candomblé e na Umbanda; sua atuação como apresentador de programas radiofônicos sobre religiões afro-brasileiras; seu trabalho em federações umbandistas e também a proximidade com duas figuras de grande destaque. Em seu relato, Ronaldo Linares conta que morou no terreiro de um dos mais conhecidos e polêmicos babalorixás do Candomblé, Joãozinho da Goméia⁶; narra, ainda, com riqueza de detalhes, como conheceu Zélio Fernandino de Moraes⁷.

Embora mantenham uma padronização, com poucas mudanças no visual, os anúncios do Santuário Nacional da Umbanda sofrem variações nos textos, sempre a partir de um apelo mercadológico. No número 03 da Revista, por exemplo, o texto da publicidade convida: “Venha conhecer a maior estátua de Xangô do mundo!”⁸. Já na 7ª edição o convite tem um caráter, ao mesmo tempo, religioso e turístico. O texto do anúncio, mantido até o número 12 da publicação, diz: “Irmão! Organize um grupo e faça uma excursão. Venha conhecer o maior santuário ao ar livre do mundo e traga sua oferenda para os Orixás. Inf: (11) 4338-0946 / 4338-0261”⁹.

O anúncio do Santuário publicado na 13ª edição da Revista, além de uma modificação no visual, trouxe também um novo texto, reproduzido nos anúncios até a 18ª edição. Desta vez, com apelo ecológico e procurando utilizar como bem simbólico a figura de Zélio Fernandino de Moraes:

A missão do Santuário Nacional da Umbanda é de construir e disponibilizar um espaço propício para o desenvolvimento humano e espiritual de todos aqueles fazem parte de nossa comunidade ou aos que desejam conhecer a nossa religião, preservando o meio ambiente – fauna e flora –, cultuando a religião de forma respeitosa, levando a palavra e os ensinamentos de Deus e de Zélio Fernandino de Moraes a todos, zelando para que as práticas umbandistas sejam realizadas sempre para o bem¹⁰.

⁶ A trajetória de Joãozinho da Goméia é contada em: LODY, Raul e SILVA, Vagner Gonçalves da. **Joãozinho da Goméia: o lúdico e o sagrado na exaltação ao Candomblé**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. Caminhos da Alma. Op. cit. pp. 153-181.

⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 01. Op. cit. pp. 52-61.

⁸ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. Op. cit. p. 60.

⁹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 07. Op. cit. p. 44.

¹⁰ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 13. Op. cit. p. 20.

Santuário Nacional de Umbanda



A missão do Santuário Nacional da Umbanda é de construir e disponibilizar um espaço propício para o desenvolvimento humano e espiritual de todos aqueles fazem parte de nossa comunidade ou aos que desejam conhecer a nossa religião, preservando o meio ambiente - fauna e flora -, cultuando a religião de forma respeitosa, levando a palavra e os ensinamentos de Deus e de Zélio Fernandino de Moraes a todos, zelando para que as práticas umbandistas sejam realizadas sempre para o bem



Loja



Lanchonete



Casa dos Pretos-Velhos



Cosme, Damão e Ocum



Ogum



Naná



Xangô



Iemanjá



Oxossi



Oxum

Como chegar ao SANTUÁRIO

De ônibus:
 Existe uma única linha de ônibus que vem até o Santuário. A boa notícia é que temos um Ponto de Ônibus bem em frente à Portaria. Esta linha chama-se LINHA 26 - BARALDI e passa em frente aos seguintes Terminais:

- Terminal do Paço Municipal de São Bernardo do Campo
- Terminal Ferrazópolis de São Bernardo do Campo

Se você estiver na cidade de São Paulo, a melhor alternativa é dirigir-se à Estação Jabaquara do Metrô. Lá, pegue um Troleibus que venha até o Terminal Ferrazópolis de São Bernardo do Campo. Em frente ao Terminal, pegue o Linha 26 - Baraldi.



www.santuarioumbanda.com.br
 federacao@iterra.com.br
 Fones: 4338-0946 / 4338-0261

Reificação religiosa: Anúncio faz referência a Deus e Zélio Fernandino de Moraes para divulgar Santuário Nacional da Umbanda.

Finalmente, no número 20 da Revista – a “Edição Histórica” –, o anúncio do Santuário não deixou passar em branco as referências aos 100 anos da Umbanda, inclusive aproveitando a semelhança sonora entre as palavras “centenário” e “santuário”:

Venha comemorar o Centenário da Umbanda
 No “Santuário Nacional da Umbanda”

16 de novembro 2008 – domingo

O palco será armado para apresentações de artistas e shows de Corimbas, com rituais e programação especial para festejar o nascimento da Umbanda. Traga seu templo, faça uma excursão e venha conhecer o maior santuário ao ar livre da América Latina. Cem anos de amor e caridade. Traga sua oferenda e venha comemorar.

Amplio estacionamento * Lanchonete * Loja de Artigos Religiosos¹¹

¹¹ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. Op. cit. p. 11.

Venha comemorar o Centenário da Umbanda
No "Santuário Nacional de Umbanda" 16 de novembro 2008 - domingo

O palco será armado para apresentações de artistas e shows de Corimbas, com rituais e programação especial para festejar o nascimento da Umbanda. Traga seu templo, faça uma excursão e venha conhecer o maior santuário ao ar livre da América Latina. Cem anos de amor e caridade. Traga sua oferenda e venha comemorar.

UMBANDA 100 ANOS

Amplio Estacionamento • Lanchonete • Loja de Artigos Religiosos

Iansã Iemanjá Oxum Xangô Cachoeira
 Ogum Oxossi Nanã Obaluáí Cosme e Damião

Em construção, a nova estátua de Oxalá, com 25 metros de altura

Como chegar ao SANTUÁRIO

De ônibus: Fica na única linha de ônibus que vem até o Santuário. A taxa cobrada é que tenha um Ponto de Ônibus bem em frente a Portão. Esta linha circula na LINHA 21 - SANJÁ. Ela passa em frente aos seguintes Terminais:

- Terminal do Povo Mineiro de São Bernardo do Campo
- Terminal Ferroviário de São Bernardo do Campo

Se você estiver no centro de São Paulo, a melhor alternativa é pegar um táxi até o Terminal Ferroviário de São Bernardo do Campo. Em frente ao Terminal, pegue a Linha 21 - SANJÁ.

MAPA INDICANDO PARA O SANTUÁRIO NACIONAL DA UMBANDA

www.santuariodeumbanda.com.br
 federacaoabc@terra.com.br

(11) 4338-0946 / 4338-0261

Nesta outra peça publicitária, Santuário divulga evento para comemorar os 100 anos da Umbanda.

Assim como o aproveitamento comercial das comemorações dos 100 anos de Umbanda, as referências a Deus e Zélio Fernandino de Moraes como bens simbólicos – com o intuito de dar legitimidade ao Santuário enquanto local de culto – são exemplos claros da reificação religiosa. São os elementos da religião umbandista pensados de forma objetiva, transformados em “coisas”; considerados a partir do seu “valor de troca”, tornam-se mercadorias.

Outro grande anunciante da Revista Espiritual de Umbanda é a empresa Luar – Distribuidora de Artigos Religiosos. Suas inserções foram iniciadas no terceiro número da Revista, ainda em 2003. Com poucas variações na apresentação visual, os anúncios da Luar – Distribuidora de Artigos Religiosos ocupam duas páginas, no final da Revista, sempre nas páginas 66 e 67 (antepenúltima e penúltima). Sem grandes apelos ou frases de impacto, a preocupação dos anunciantes é mostrar os produtos que fornecem, com as fotos de estátuas e de outros artigos religiosos de Umbanda e Candomblé. Os anúncios

de página dupla, publicados em 18 números da Revista, totalizam 36 páginas, somadas todas as edições. Em número de páginas publicadas, é o maior anunciante da Revista Espiritual de Umbanda.



Empresa Luar – Distribuidora de Artigos Religiosos é responsável pelo maior número de páginas de anúncios na Revista Espiritual de Umbanda.

Presente em dez edições, dos números 11 ao 20, a empresa Reine Transfer – Estampas em Alto-Relievo é segundo maior anunciante da Revista, se for levado em conta o número de páginas ocupadas em todas as edições: 27. Nas suas três primeiras inserções – edições 11 a 13 –, o anúncio ocupava duas páginas. A partir do número 14, a Reine Transfer utilizou três páginas por edição para anunciar seus produtos: camisetas e bolsas com estampas de orixás e outras entidades da Umbanda e do Candomblé. Os anúncios de três páginas perduraram até o número 20.

Um espaço interessante – por ser privilegiado – para analisar a inserção publicitária é a contracapa (página 68) da Revista. Ao longo de suas 20 edições, a Revista Espiritual de Umbanda teve a sua contracapa ocupada por quatro anunciantes diferentes.

O primeiro deles foi a Rádio Mundial FM 95,7 e AM 660, de São Paulo. A emissora possui uma programação voltada para assuntos relacionados à espiritualidade e à auto-ajuda, com títulos como “Jornal da Boa Notícia”, “Gotas de Otimismo”,

“Renascimento Espiritual” e “Aos Pés dos Mestres”¹². Nas quatro primeiras edições (2003 e 2004), com o título “O Espiritismo Está no Ar” e a imagem de dois rostos femininos, os anúncios divulgavam os programas “Realidade Espírita” e “Música e Mensagem”.

Nas duas edições seguintes, 05 e 06, publicadas também em 2004, o anúncio da Rádio Mundial sofreu mudanças, principalmente na apresentação visual. Na 5ª edição, o espaço continuava divulgando os mesmos dois programas, com o mesmo título “O Espiritismo Está no Ar”. Já no número seguinte, o título foi alterado para “Religiões, Esoterismo, Auto-ajuda e Músicas Espiritualistas”, com a divulgação apenas do programa “Música e Mensagem”. Em ambas as peças publicitárias, no entanto, a principal diferença em relação às anteriores era a fotografia de um homem caracterizado como preto-velho, usando uma guia¹³ de contas azuis e brancas. Complementando o texto do anúncio, logo acima do endereço da Rádio na Internet (www.radiomundial.com.br), a frase de efeito: “Seu Preto-velho Recomenda”.



“Seu Preto-velho Recomenda”: uma das entidades mais populares da Umbanda é utilizada em publicidade.

¹² <http://radiomundial.com.br/programacao/>. Acessado em 24/06/2009.

¹³ **Guias** – Espíritos protetores. Designa também os colares, geralmente de contas, usados na Umbanda, para proteção ou identificação dos espíritos que o médium incorpora.

Mais uma vez encontramos aqui um exemplo de reificação religiosa. Um dos tipos de entidades espirituais mais populares, considerado um verdadeiro símbolo da Umbanda, o preto-velho é aqui utilizado com finalidades mercadológicas. Um importante elemento da religiosidade Umbandista é utilizado de forma objetiva, como “coisa”, com o intuito de promover o programa da emissora anunciante.

Nas cinco edições seguintes, números 07 a 11 (publicadas em 2004 e 2005), aparece como anunciante da contracapa a Editora Madras. Com exceção do número 11, aparecem nos anúncios os livros do escritor umbandista Rubens Saraceni. Além da publicidade na contracapa, a Editora Madras, em outras edições, publicou anúncios em páginas internas. No número 07 da Revista, o proprietário da Editora, Wagner Veneziani, foi entrevistado. A entrevista, que ocupa quatro páginas (22 a 25), leva o título “Wagner Veneziani: A visão contemporânea de um editor holístico”¹⁴.

WWW.MADRAS.COM.BR MADRAS® Editora 10 anos

CÓDIGO DE UMBANDA *Código de Umbanda*
 Há aqui uma análise apurada dos elementos que envolvem o Ritual de Umbanda Sagrada, tanto em nível das práticas rituais quanto da existência e da difusão de uma consciência religiosa umbandista.
 Rubens Saraceni
R\$ 64,90

LIVRO DE EXU *Livro de Exu*
 Esse livro apresenta um dos mistérios do Divino Criador. Exu não é superior ou inferior; é o mais humano dos mistérios da Umbanda, é o instinto e a emoção.
 Rubens Saraceni
Lançamento

Umbanda Sagrada *Umbanda Sagrada*
 O objetivo não é explicar a Umbanda devido às várias correntes de pensamento doutrinário e heranças religiosas herdadas e adaptadas à nossa cultura tipicamente cristã, mas, ainda assim, Rubens Saraceni o faz com maestria nessa obra!
 Rubens Saraceni
R\$ 29,90

AS SETE LINHAS DE UMBANDA *As Sete Linhas de Umbanda*
 O livro permite ao leitor conhecer as minúcias dos mistérios dos sagrados Orixás. Por meio das revelações dos Mestres da Luz, Rubens Saraceni traz uma abordagem a respeito das linhas de Ritual de Umbanda Sagrada.
 Rubens Saraceni
R\$ 19,90

MAGIA ENOCHIANA *Magia Enochiana*
 Considerada uma das mais fascinantes e controversas formas de ritual mágico do ocidente, a magia enochiana foi revelada por um grupo de seres espirituais ao dr. John Dee, por volta de 1500.
 Donald Tyson
R\$ 37,90

CAGLIOSTRO *Cagliostro*
 Desde a sua época, as pessoas que viam Cagliostro agir, que o observavam e o interrogavam admitiam ser impossível julgá-lo. Uns o reverenciavam como um verdadeiro deus, outros o odiavam.
 Dr. Marc Haven
R\$ 39,90

**Rua: Paulo Gonçalves, 88 — Santana — CEP: 02403-020
 São Paulo/SP — Fone: (11) 6959-1127**

Em anúncio na contracapa, Editora Madras investe na divulgação de livros de Rubens Saraceni.

¹⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 07. Op. cit. p. 22.

A contracapa da Revista Espiritual de Umbanda nº 12 (2006) teve como anunciante a TV Espiritualista, televisão virtual umbandista que estava sendo lançada à época. Com o título “A Umbanda está na Rede”, o anúncio mostra a aparência da emissora na tela de um computador. A imagem que aparece na peça publicitária mostra duas vezes o escritor Rubens Saraceni. No anúncio, a Revista Espiritual de Umbanda e o Jornal de Umbanda Sagrada aparecem como responsáveis pela divulgação da TV Espiritualista. Quando inaugurada, a emissora veio juntar-se a três outras TVs virtuais dirigidas para a Umbanda e outras religiões afro-brasileiras: a TV Saravá Umbanda (TVSU), a TV Umbanda Sagrada (TVUS) e a TV Umbanda. Ainda hoje as emissoras continuam em atividade, com o detalhe que, ao ser acessada, a TV Umbanda tem o seu endereço na internet direcionado para uma emissora chamada TV Umbandista.

A Editora Casa dos Espíritos foi o quarto anunciante a ocupar a contracapa da Revista Espiritual de Umbanda, a partir da 13ª e até a 20ª edição. Com exceção do número 17, em que não divulgou nenhuma obra específica, nos outros sete anúncios a Casa dos Espíritos promoveu os diferentes livros de seu fundador, o escritor Robson Pinheiro.

Autor de livros sobre Umbanda, Espiritismo e Espiritualismo, o escritor obteve sucesso editorial na metade da década. No número 16 da Revista Espiritual de Umbanda (2007), Pinheiro foi tema de uma matéria de oito páginas, com o título “Cura Holística: minhas experiências com o espírito Joseph Gleber”. O subtítulo “Medicina da Alma” abre espaço para divulgar o livro homônimo, escrito pelo autor.

E a Editora Casa dos Espíritos também não deixou de aproveitar as comemorações em torno dos 100 anos de Umbanda. Na Revista Espiritual de Umbanda número 20, dedicada ao tema, o anúncio da contracapa conseguiu, ao mesmo tempo, fazer referência à data e celebrar o sucesso editorial do escritor Robson Pinheiro. Eis o texto da peça publicitária:

Qual é a melhor forma de comemorar os 100 anos da Umbanda?

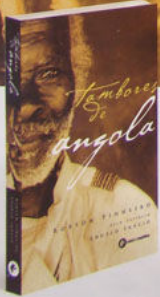
Para nós, superar os 100 mil exemplares do livro que mudou a visão a respeito da Umbanda.

Tambores de Angola, 115 mil exemplares vendidos.

O que para alguns é só um sucesso de vendas, para a Casa dos Espíritos é a expansão da consciência.

Esclarecedor sobre a origem histórica da religião brasileiras, Tambores de Angola foi pioneiro, na literatura espírita, ao desmistificar a Umbanda, combatendo o preconceito e expandindo a consciência de seus muito mais de 100 mil leitores¹⁵.


¹⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. Op. cit. p. 68.



QUAL É A MELHOR
FORMA DE COMEMORAR
OS 100 ANOS DA UMBANDA?
PARA NÓS, SUPERAR OS
100 MIL EXEMPLARES DO LIVRO
QUE MUDOU A VISÃO
A RESPEITO DA UMBANDA.

TAMBORES DE ANGOLA,
115 MIL EXEMPLARES VENDIDOS.
O que para alguns é só um sucesso de vendas,
para a Casa dos Espíritos é expansão da consciência.

Esclarecedor sobre a origem histórica da religião brasileira, *Tambores de Angola* foi pioneiro, na literatura espírita, ao desmistificar a Umbanda, combatendo o preconceito e expandindo a consciência de seus muito mais de 100 mil leitores.

 casa dos espíritos | www.casadosespíritos.com.br

Na contracapa da 20ª edição, Casa dos Espíritos também aproveita para promover seu fundador e escritor mais popular, Robson Pinheiro.

Quanto a Rubens Saraceni, o escritor é simplesmente a personalidade mais citada na Revista Espiritual de Umbanda. De todas as edições da publicação, somente em cinco não há nenhuma referência ao seu nome. Nas outras 15, Saraceni é citado de alguma forma, que varia desde uma matéria ou entrevista até um comentário – sempre elogioso – de terceiro. Em várias oportunidades, foram publicados textos de sua autoria, com o objetivo de explicar fundamentos ou esclarecer questões sobre a Umbanda. Assim como seu amigo Alexandre Cumino, Rubens Saraceni é tratado pela publicação como uma autoridade em termos de Umbanda, falando sempre, de forma autorizada, em nome da religião. Em nenhum momento, portanto, há qualquer referência desfavorável ou com conotação negativa sobre o seu nome.

Um exame das capas de todas as edições pode revelar o quanto Rubens Saraceni é destacado na Revista. Das 20 capas, 11 trazem referências a Rubens Saraceni ou ao

Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, fundado por ele. Estas referências se dividem da seguinte forma: duas aparições como foto principal da capa (números 06 e 17); duas fotos pequenas publicadas na capa (números 08, 09, 11 e 20); cinco citações na capa: edições 01, 04, 10, 14 e 18.

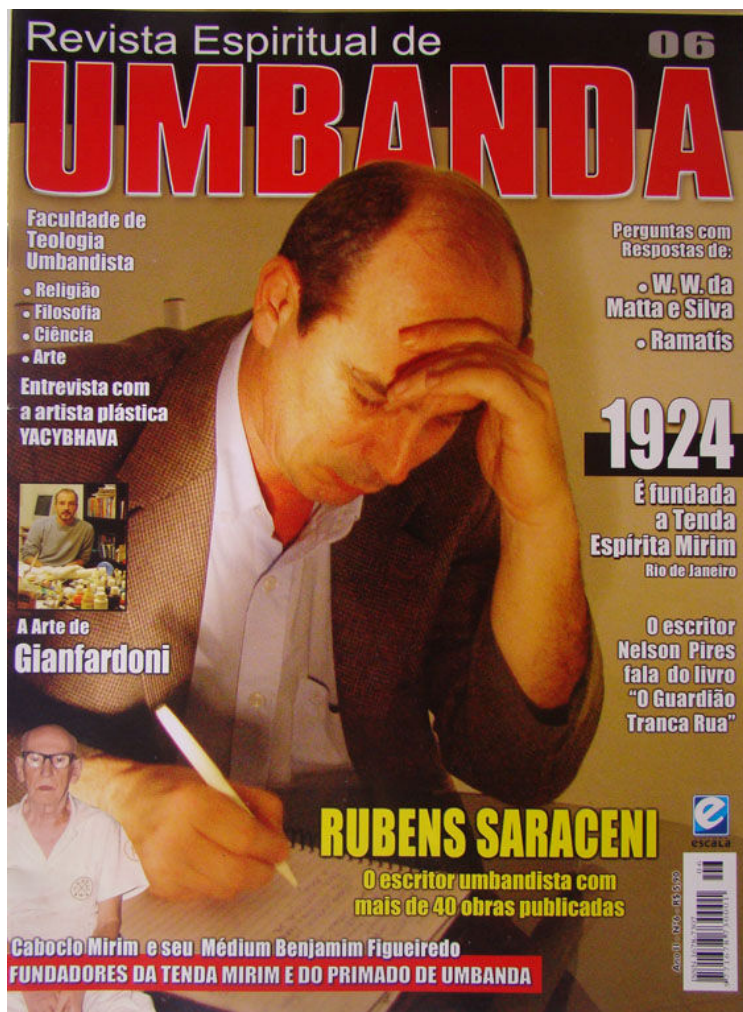
Este número de aparições é maior até do que as de Zélio Fernandino de Moraes, Mãe Zilméia, Caboclo das Sete Encruzilhadas e Tenda Nossa Senhora da Piedade, que, juntos, possuem 10 referências. Além de uma foto principal de capa (número 03), são cinco fotos pequenas (edições 01, 08, 12, 18 e 20) e quatro citações (números 04, 05, 11 e 14).

Já a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino e a Faculdade de Teologia Umbandista apareceram nove vezes na capa da publicação. Sem nenhuma foto principal, a Ordem teve nas capas apenas duas fotos pequenas (números 11 e 13) e sete referências, nas edições 01, 02, 04, 05, 06, 14 e 20.

Além desta comparação com o próprio Zélio Fernandino de Moraes e com a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, o amplo destaque de Rubens Saraceni pode ser exemplificado tanto pelo espaço destinado como pelo teor dos textos, que sempre enaltacem a figura do escritor. No número 01 da Revista, por exemplo, há um anúncio do Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, na página 16. Depois, nas páginas 28 a 31, na entrevista com seu amigo Alexandre Cumino, Saraceni é citado e aparece em foto ao lado do entrevistado.

No número 06, o escritor é capa da Revista. Na manchete pode-se ler: “Rubens Saraceni: o escritor umbandista com mais de 40 obras publicadas”. A foto mostra Saraceni durante o fenômeno da psicografia. Concentrado, olhando fixo para o papel, enquanto a mão direita escreve, a mão direita do escritor segura a testa. Não por acaso, este gestual lembra Francisco Cândido Xavier, o mais famoso médium espírita, verdadeiro símbolo do Espiritismo no Brasil. No interior da publicação, a entrevista com Saraceni ocupa quatro páginas (26 a 29) e leva o título “Rubens Saraceni e a psicografia na Umbanda”¹⁶.

¹⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 06. Op. cit.



Na capa da 6ª edição da Revista, *pose* de Rubens Saraceni lembra o médium espírita Chico Xavier.

Na outra capa dedicada a Rubens Saraceni, o escritor aparece na foto de olhos fechados, paramentado, segurando uma criança no colo. Desta vez, aparecem dois títulos sobre ele. O principal, e que guarda relação mais direta com a foto, enuncia: “Batismo na Umbanda pelo sacerdote Rubens Saraceni”. Já no outro, menor, está escrito: “Rituais Umbandistas, pelo escritor Rubens Saraceni”. O interior da Revista traz o texto “Ofereças, Firmezas e Assentamentos” (páginas 40 a 43), da autoria de Saraceni e retirado do livro “Rituais Umbandistas”, e também a matéria “Batismo nas Religiões”, que se inicia com um texto de uma página e depois prossegue com uma entrevista com Saraceni (páginas 53 a 55).

Da mesma forma como os diversos segmentos acrescentam com facilidade alguns nomes à Umbanda, criando nomenclaturas ou expressões que diferenciam formas doutrinárias e rituais, Rubens Saraceni e outras pessoas vêm agregando à palavra Umbanda o adjetivo “Sagrada”, ao nomear uma série de projetos. Além de fundar o

Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, Saraceni é autor do livro “Umbanda Sagrada”¹⁷. Alexandre Cumino, por sua vez, edita o Jornal de Umbanda Sagrada (JUS) e ministra cursos intitulados Teologia de Umbanda Sagrada.

Já o Instituto Cultural Aruanda (ICA), com a liderança de Rodrigo Queiroz, é responsável pelo Colégio de Umbanda Sagrada Pai Zuluá de Aruanda. Além disso, conta com a TV Umbanda Sagrada (TVUS), transmitida pela Internet e criou, em 2007, a Revista de Umbanda Sagrada. Não por coincidência, Rubens Saraceni – citado na capa, com direito a foto – e Alexandre Cumino têm textos publicados na Revista. Atualmente, o Instituto Cultural Aruanda ministra também o curso de Umbanda na modalidade Educação a Distância – Umbanda EaD.

3.2 – Terreiros e empresas: a Umbanda para além da doutrina

A Umbanda foi tema de reportagem da Revista Galileu, na edição de outubro de 2007. A chamada na capa da publicação anuncia o teor da matéria: “Umbanda 2.0: Como a religião se reinventou para ganhar novos fiéis”. No interior da revista, o título “A Nova Cara da Umbanda” abre o texto de 12 páginas fartamente ilustradas, com direito a um pequeno glossário com a explicação de termos utilizados na religião e um gráfico que, em duas páginas, mostra como funciona – de forma generalizada – um templo umbandista¹⁸.

A matéria da Revista Galileu contrapõe os dados dos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – que apontam queda no número de umbandistas de 542 mil em 1990 para 432 mil no ano 2000 – com a informação de que a religião cresce e se expande para fora do Brasil, com o surgimento de novos templos nos Estados Unidos, Europa e América Latina.

Personagens bastante presentes nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda, Rubens Saraceni e Rivas Neto são entrevistados pela reportagem da Revista Galileu, assim como Roger Soares, diretor da Faculdade de Teologia Umbandista, mantida pela Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. O texto confere um certo destaque à Faculdade, que aparece como um dos avanços experimentados pela religião:

¹⁷ SARACENI, Rubens. Umbanda Sagrada: Religião, Ciência, Magia e Mistérios. São Paulo: Madras, 2003.

¹⁸ REVISTA GALILEU. Nº 195. São Paulo: Editora Globo, outubro de 2007.

O currículo busca formar umbandistas completos, com aulas de filosofia, biologia espiritual, botânica, administração templária e até oficina de percussão. Só não se ensina a receber espíritos, já que isso é uma questão de destino kármico¹⁹.

Mas, de acordo com a matéria, a personificação da “Umbanda moderna” – expressão usada no texto – é Carlos Buby, cujo perfil é retratado sob o título “O Pai-de-santo que reinventou a Umbanda”. Enquanto normalmente cada pai ou mãe-de-santo são responsáveis por um templo, Buby comanda uma rede de 11 casas de Umbanda localizadas em sete países. Além dos dois terreiros localizados em São Paulo, em duas décadas, seu Templo Guaracy do Brasil chegou a Washington, Berkeley e Nova York, nos Estados Unidos; Quebec, no Canadá; Linhol, em Portugal; Graz, na Áustria; Genebra, na Suíça; Paris e Estrasburgo, na França. A reportagem ainda anunciava a previsão de abertura de quatro novas “filiais” em países diferentes: México, Peru, Espanha e Grécia.

À maneira dos próprios líderes umbandistas, que agregam adjetivos ao nome da religião para diferenciar o tipo de Umbanda que professam, o texto da Revista Galileu utiliza ainda a expressão “nova Umbanda” para descrever o tipo de culto praticado por Carlos Buby. O antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, entrevistado para esta reportagem, afirma que esta é “uma reedição moderna da religião”. A descrição que aparece na matéria é a seguinte:

Os templos Guaracy apresentam várias novidades. A primeira delas é que são projetados e pensados para abrigar com conforto as classes média e alta.(...)

Diferentemente de outros centros, no Templo Guaracy os rituais são organizados de modo circular, com cada médium em seu lugar para dar maior visibilidade ao visitante. Evita-se qualquer ação que possa chocar ou constranger, como gritos ou a incorporação de espíritos que façam o médium se arrastar pelo chão. A duração dos cultos não passa de duas horas e sempre começa no horário, em sintonia com o relógio do pai-de-santo. (...)

Outra distinção importante: no terreiro de Buby, o fiel não encontra exus e pombagiras. Bebidas alcoólicas não são ingeridas na frente dos frequentadores, uma prática comum na Umbanda. Boa parte dos cultos é feita à luz do sol, sempre com a presença de crianças. Também não há sacrifícios de animais²⁰.

A reportagem não ignora as críticas de outros líderes umbandistas à forma como Carlos Buby administra e conduz seus rituais. No entanto, o próprio texto da revista, no parágrafo final, expressa um juízo e demonstra posição favorável a esta “reinvenção” da Umbanda:

¹⁹ Idem. p. 51.

²⁰ Idem. Ibidem. p. 54.

Embora alguns pais-de-santo digam que Buby quer padronizar a religião e controlar os fiéis, seu estilo de dirigir o terreiro parece ser uma alternativa para a sobrevivência da Umbanda no Brasil. A nova leitura da crença feita por esse pai-de-santo, somada à administração moderna, pode atrair novos seguidores para a religião²¹.

A matéria da Revista Galileu sobre esta “Umbanda moderna” ou “nova Umbanda”, com ênfase para a figura de Carlos Buby, é uma clara demonstração de como líderes umbandistas podem promover mudanças na religião a partir de uma visão empreendedora, mercadológica. Além da formação de uma verdadeira rede de templos umbandistas, com filiais em diversos países, Carlos Buby transformou o espaço físico dos terreiros e trouxe “inovações” também para o ritual.



Para a Revista Galileu, Carlos Buby “reinventou” a Umbanda quando adaptou seu ritual para classes média e alta.

Um ponto que não pode passar despercebido é a realização das sessões em horário diurno. Em sua concepção mais usual, a Umbanda abriga em seus templos pessoas pertencentes às classes populares. São homens e mulheres que, normalmente,

²¹ Idem. Ibidem. p. 54.

desempenham suas atividades profissionais durante o dia e dispõem apenas do horário noturno para frequentar os centros umbandistas. A opção de Carlos Buby pelos rituais diurnos, portanto, pode ser interpretada como mais uma forma de selecionar a classe social dos frequentadores de seus terreiros.

O texto da Revista Galileu sugere que banimento de incorporações violentas e de bebidas alcoólicas, a exclusão do culto a exus e pombas-giras tornam a Umbanda mais “digerível”, consumível para as classes média e alta. Isto, no entanto, pode ser relativizado. Rituais que utilizam bebidas, fumo, atabaques e o culto a exus e pombas-giras são praticados em muitos centros frequentados por pessoas de classe média ou alta, enquanto maneiras mais simples de praticar a Umbanda podem receber adeptos de classes menos favorecidas.

Embora possa ser alvo de críticas, a visão empreendedora de Carlos Buby não está muito distante do apelo mercadológico da Revista Espiritual de Umbanda e de seus realizadores e parceiros. Em vez disso, indica possibilidades e mostra até onde pode chegar a visão mercadológica dos líderes umbandistas, inclusive interferindo na própria forma de se praticar a religião.

Um exame mais atento dos anúncios publicitários inseridos nas páginas da Revista Espiritual de Umbanda evidencia a existência de um mercado que gira em torno das religiões afro-brasileiras. Uma variedade de produtos e serviços ligados à religião ocupam os anúncios, com predomínio das casas de artigos religiosos de Umbanda e Candomblé. Neste segmento, o maior número de inserções é da empresa paulista Luar Distribuidora de Artigos Religiosos, com anúncios de duas páginas em 18 das 20 edições da Revista.

Os lançamentos editoriais – livros e revistas – também marcam presença importante. Destaque para a Editora Madras, com ênfase aos livros de Rubens Saraceni, e para a Editora Casa dos Espíritos, com o escritor Robson Pinheiro. Outros segmentos também ocuparam um espaço de publicidade considerável na Revista Espiritual de Umbanda, como a empresa Reine Transfer – Estampas em Alto Relevo, que divulgou suas camisetas e bolsas com figuras de orixás e outras entidades em anúncios de duas ou três páginas em dez das 20 edições da publicação.

O turismo religioso também gerou publicidade para a Revista. O principal anunciante deste segmento é o já citado Santuário Nacional da Umbanda, criado por Pai Ronaldo Linares. Mas em cinco edições da Revista (números 12, 13, 14, 17 e 18) foram

publicados também anúncios de página inteira do Vale dos Orixás, localizado em Juquitiba, São Paulo.

Reine Transfer
Estampas em Alto-Relievo (Puff)

Atenção Dirigentes!
A Reine Transfer reproduz a logomarca de seu templo para aplicação na vestimenta dos médiuns. Mais barato, mais rápido e mais bonito que bordado. Os desenhos são estampados com efeitos em alto-relevo (puff).

Atenção representantes comerciais
A Reine Transfer está ampliando seu departamento comercial, oferecendo a oportunidade de vender os desenhos transfer em sua cidade. Informações: (21) 3183-1305 / (71) 3261-3010 e-mail: reinetransfer@yahoo.com.br

Salvador
Av. Oceânica, 683 - Sala 01
Barra - Salvador - BA
(71) 3261-3010

Rio de Janeiro
Av. Pres. Vargas, 542
Grupo 1104
Centro - Rio de Janeiro - RJ
(21) 3183-1305 / 9648-8537

Aceitamos cartões de crédito
Preços especiais no atacado

Desenho sobre camiseta de homem e bolsa branca de Orixá.

Vendendo camisetas e bolsas com estampas de orixás, Reine Transfer é também um dos principais anunciantes da Revista.

VALE DOS ORIXÁS
O maior centro ecológico da América Latina

O Vale dos Orixás é um local destinado aos trabalhos espirituais. Tem mata, cafoeira, templo e a casa de cada Orixá para que sejam feitas as oferendas. É um local tranquilo e com estacionamento, onde as pessoas podem realizar seus trabalhos com toda a segurança. Trabalhamos com o sistema de associado, não é preciso ser filiado à União de Tendas para utilizar o espaço.

MAIORES INFORMAÇÕES: (11) 3085-0738 / 3064-1446

Cachoeira de Oxum **Festa de Oxum no Vale dos Orixás** **Gruncheiro - Fonte da Luz Elibina**

Templo de Santa Bárbara **Casa de Obaluaí, ao lado do templo**

VALE DOS ORIXÁS
Estrada do França, 200 - Juquitiba - SP
site: www.uniaodetendas.com.br

VALE DOS ORIXÁS
Nº 200
Estrada do França

BR 118

Criado por Jamil Rachid, Vale dos Orixás é mais uma opção de turismo religioso para umbandistas.

Divulgado na peça publicitária como “O maior centro ecológico da América Latina”, o Vale dos Orixás está vinculado à União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, e é dirigido por Jamil Rachid. O líder umbandista aparece em diversas matérias da Revista Espiritual de Umbanda, principalmente na cobertura da festa anual de São Jorge – Orixá Ogum²², que chegou à 50ª edição em 2007 e atualmente acontece no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo.

Pai Jamil Rachid teve seu perfil publicado na Revista Espiritual de Umbanda nº 03. Além da entrevista e de uma breve biografia, que ocupa três páginas, as matérias seguintes referem-se à 46ª Festa de Ogum, em São Paulo, às Festividades de Iemanjá, em Praia Grande (SP), e ao próprio Vale dos Orixás. Cada uma destas três outras matérias ocupa duas páginas e trazem Jamil Rachid como entrevistado²³.

50 ANOS DE HOMENAGEM A SÃO JORGE
GINÁSIO DO IBIRAPUERA
ENTRADA FRANCA
22 Abril
10:00 horas
50 ANOS
SÃO PAULO
BRASIL
HÁ 50 ANOS NASCIA UMA FESTA PARA OGUM...

Durante cinquenta anos de festividades em torno de São Jorge – Orixá Ogum, realizadas na cidade de São Paulo, esse evento passou pela época do regime militar e por dificuldades econômicas. A União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, representada por Pai Jamil Rachid e sua equipe, conseguiu manter e levar essa festa adiante, divulgando nossa Umbanda juntamente com toda a fraternidade entre os terreiros que sempre participaram do evento.

Com a palavra, Pai Jamil Rachid: “Tudo começou pela iniciativa da União de Tendas do Estado de São Paulo, fundada pelo Dr. Luiz Moura Accioly, que na época tinha dois anos de fundação e se localizava na sede da Tenda São Jorge, na Rua Santa Ifigênia, 176, sala 02. Ali aconteceu a elaboração e criação da União de Tendas, pelo grande umbandista e colaborador que trouxe a Tenda São Jorge do Rio de Janeiro para São Paulo. No início era tudo bem diferente, o evento era de menor porte. Na época eu era fiscal da União, e tentava buscar o maior número possível de terreiros para poder dar sustentação à festa. Era tudo muito difícil, porque para a polícia nós estávamos enquadrados na lei da vadiagem pelo DEIC e havia muita perseguição contra os terreiros, e era preciso ser feita alguma coisa para que houvesse uma reunião fraterna, dentro da lei, mostrando ao povo toda a beleza da Umbanda. Foi quando uma

No número 16 da Revista, matéria destaca a 50ª edição da Festa de Ogum, criada por Jamil Rachid.

²² **Ogum** – Orixá guerreiro, cultuado com características militares. Sincretizado com São Jorge.

²³ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 03. Op. cit. pp. 47-55.

Embora tenha seus livros bastante destacados em matérias ou publicidade da Editora Madras, Rubens Saraceni não é um grande anunciante de seus cursos no Colégio de Umbanda Sagrada. A mesma coisa acontece com seu parceiro Alexandre Cumino, que aparece em diversas matérias, veicula anúncios do Jornal de Umbanda Sagrada, mas não investe na publicidade de seus cursos de Teologia de Umbanda Sagrada.

No segmento de cursos, a maior representatividade fica por conta da Faculdade de Teologia Umbandista (FTU). No 4º número (2004), a Revista traz na capa a chamada “Oficializada a Faculdade de Teologia Umbandista”. No interior da publicação, a matéria de quatro páginas apresenta a instituição:

O mês de dezembro de 2003 será lembrado como um marco por aqueles que buscam o desenvolvimento doutrinário da Umbanda. Foi o mês em que o Ministro da Educação autorizou, através de uma portaria, o funcionamento da primeira instituição de nível superior para o ensino teológico da Umbanda, a Faculdade de Teologia Umbandista, idealizada pela Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino com base nos fundamentos de sua Escola de Síntese. A Ordem Iniciática foi fundada em 1970 pelo Sacerdote-Raiz Yamunisidha Arhapiagha²⁴.

Na edição seguinte da Revista, nº 05, a FTU novamente aparece citada na capa: “Faculdade de Teologia Umbandista: Cursos – Metodologia – Objetivos”, diz a chamada. Com o título “1º de março de 2004: Faculdade de Teologia Umbandista dá início ao seu curso”, a matéria ocupa três páginas da Revista. Além disso, na mesma edição, a instituição também publicou um anúncio de duas páginas²⁵.

A Faculdade de Teologia Umbandista foi tema de matérias ainda nos números 06, 11, 14, 15 e 20. Na 15ª edição, junto ao texto “FTU – Faculdade de Teologia Umbandista abre inscrições para seu curso de Música Umbandista” está incluído um anúncio de ¼ (um quarto) de página do mesmo curso²⁶. No número 20, a “Edição Histórica” da Revista Espiritual de Umbanda incluiu na capa o tópico “2003 – FTU – Faculdade de Teologia Umbandista” entre os momentos que marcaram a história da Umbanda nestes cem anos da “religião brasileira”. Com o título “2003 – FTU – Faculdade de Teologia Umbandista inicia suas atividades” o texto relata o surgimento da instituição:

A Faculdade iniciou seu trabalho com um duplo compromisso social: dar ao umbandista a consciência da conquista do direito à cidadania, através do reconhecimento da

²⁴ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 04. Op. cit. p. 52.

²⁵ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 05. Op. cit.

²⁶ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 15. Op. cit. p. 65.

sociedade ao segmento, e atuar como uma instituição que gera conhecimento dentro de uma cultura universalista²⁷.

Com o selo “Umbanda 100 Anos”, presente na capa e nas matérias alusivas ao centenário da Umbanda, o texto conta ainda com o subtítulo “Em abril de 2005, a FTU deu início aos Locutórios”. Na defesa da união entre as diversas formas doutrinárias e rituais da Umbanda, que a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino chama de “convergência” ou “síntese”, os Locutórios são discussões intra-religiosas que pretendem contar com a participação de representantes de todos os segmentos umbandistas.

Na parte inferior da página, um gráfico mostra, por meio de tópicos, as etapas para a implantação e a consolidação da Faculdade de Teologia Umbandista, desde o pedido de oficialização junto ao Ministério da Educação (MEC), em 2001, até a realização do 1º Congresso de Umbanda do Século XXI, por iniciativa da FTU, em 2008²⁸.

Cada edição da Revista Espiritual de Umbanda conta com 68 páginas. Somados todos os seus 20 números, foram publicadas, no total, 1360 páginas. Destas, 215 foram inteiramente ocupadas pela publicidade. O espaço ocupado por anúncios de páginas inteiras, portanto, corresponde a 15,8% das páginas publicadas pela Revista Espiritual de Umbanda em suas 20 edições.

O número de anúncios de páginas inteiras por edição está detalhado na tabela a seguir. As edições estão ordenadas em ordem cronológica, com o ano de publicação especificado. Desta forma, é possível acompanhar a evolução das inserções publicitárias durante os seis anos de circulação (2003 a 2008).

Tabela 1 – Revista Espiritual de Umbana – 2003 A 2008

Quantidade de páginas inteiras com anúncios, por edição

Ano	Edição	Páginas inteiras com anúncios
2003	01	06
2003	02	05
2003	03	08
2004	04	06
2004	05	09
2004	06	05

²⁷ REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 20. Op. cit. p. 33.

²⁸ Idem. p. 33.

2004	07	09
2005	08	07
2005	09	06
2005	10	07
2005	11	11
2006	12	13
2006	13	15
2006	14	14
2007	15	14
2007	16	14
2007	17	13
2008	18	14
2008	19	17
2008	20	22

O gráfico inserido na página 16 desta dissertação pode dar uma noção mais clara da variação no número de páginas inteiras dedicadas a anúncios publicitários ao longo das 20 edições da Revista Espiritual de Umbanda.

É possível perceber, ao examinar tanto a tabela quanto o referido gráfico, um crescimento gradativo no número de inserções publicitárias, sobretudo a partir da 11ª edição, quando os anúncios ultrapassaram o número de 10 páginas, marca que não sofreu recuo até a 20ª edição. Além disso, salvo alguns recuos, o movimento predominante é sempre o aumento no número de anúncios.

O principal recuo, aliás, aconteceu entre os números 05 e 06, com queda de nove para cinco inserções. A recuperação, no entanto, foi imediata, e o 7º número já contava novamente com nove páginas de anúncios. Outra retração no número de anúncios de páginas inteiras aconteceu já após a superação da marca das 10 páginas de inserção, e não foi tão expressiva quanto a primeira: a veiculação de publicidade vinha crescendo, mas do número 13 para o 14 houve uma queda de 15 para 14 páginas de anúncios. Este total se manteve estável até a 16ª edição, e, no sofreu mais uma leve diminuição, caindo para 13 no número 17 da Revista. A partir daí, porém, veio a recuperação, e o crescimento não parou mais nas três últimas edições: foram 14 páginas de anúncios no número 18, 17 no número 19 e, por fim, aproveitando o apelo do “centenário” da Umbanda, 22 anúncios de páginas inteiras na 20ª edição da Revista.

A presença crescente da publicidade em suas páginas sugere que a Revista Espiritual de Umbanda surgiu, se estruturou e conseguiu se manter em circulação durante cinco anos em virtude de uma conjuntura favorável para a sua sustentação. Esta

hipótese ganha força com um rápido olhar sobre o mercado editorial, mais especificamente no segmento de revistas.

A partir do final da década de 1990, e durante esta primeira década do século XXI, é expressivo o número de revistas voltadas para as religiões afro-brasileiras que entraram em circulação. A Editora Provenzano, do Rio de Janeiro, publica a Revista dos Orixás. A cada número, são retratados três orixás do Candomblé, e cada divindade tem um pôster colorido encartado na Revista. Com vários relançamentos, alguns exemplares têm datas de 2002 e 2003, embora um deles faça referência a uma edição anterior, de 1999. Com data de 2000, há também a Série Popular, uma versão econômica, em tamanho menor e que trata apenas de dois orixás. Em 2004, foi lançada uma série especial, no formato revista-pôster, dedicado a apenas um orixá.



Revista dos Orixás, da Editora Provenzano.

A Editora Minuano, de São Paulo, vem publicando uma série de revistas sobre religiões afro-brasileiras, mais especificamente o Candomblé. Em 2002, entrou em circulação a revista Orixás, voltada para o Candomblé. No final do mesmo ano, passou a publicar a série Orixás Especial, com projeto gráfico diferenciado e assuntos mais

abrangentes, incluindo a Umbanda. Atualmente, circulam duas revistas desta editora: Candomblé – Mitos e Lendas e Orixás – Candomblé e Umbanda.



Revista dos Orixás, da Editora Minuano.



Candomblé – Mitos e Lendas, também da Editora Minuano.

Editada também pela Minuano, a revista Caminho Espiritual, lançada em 2008, é voltada a temas da espiritualidade e esoterismo, com amplo destaque para o Espiritismo e a Umbanda. Outros títulos lançados por esta editora, em tamanho pequeno, são: Orixás na Umbanda Sagrada e Mundo Místico dos Orixás, sem data de publicação especificada.



Revista Caminho Espiritual, Editora Minuano.

Também de São Paulo, a Editora D + T é responsável pela publicação da revista-pôster Coleção Orixás. Lançada nos primeiros anos desta década, a revista não tem data especificada. Com cada número dedicado a uma divindade, sua abordagem, mais direcionada para a Umbanda, trata do orixá também no Candomblé.

Utilizando a expressão propagada por Rubens Saraceni e seus parceiros, a revista Umbanda Sagrada começou a circular no final de 2007. Publicada pela Editora Eclipse, de São Paulo, a revista é uma produção do Instituto Cultural Aruanda (ICA).

Aproveitando a movimentação em torno dos 100 anos da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por meio de Zélio Fernandino de Moraes, a EM Editora, de São Paulo, lançou em 2008 a revista Umbanda Centenária. Mais

recentemente, a mesma editora iniciou a publicação da revista Sabedoria dos Orixás, com abordagem voltada para estas divindades no Candomblé.



Revista Umbanda Sacrada, do Instituto Cultural Aruanda (ICA).



Umbanda Centenária, da EM Editora.

As religiões afro-brasileiras também mereceram um volume da série “Grandes Religiões”, publicada pela revista História Viva, da editora Duetto, de São Paulo. Publicada em 2007, a série, em seis volumes, dedicou o último deles aos Cultos Afros, em edição que teve como consultor o pesquisador Vagner Gonçalves da Silva.



“Cultos Afros”, sexto e último volume da série Grandes Religiões, da revista História Viva.

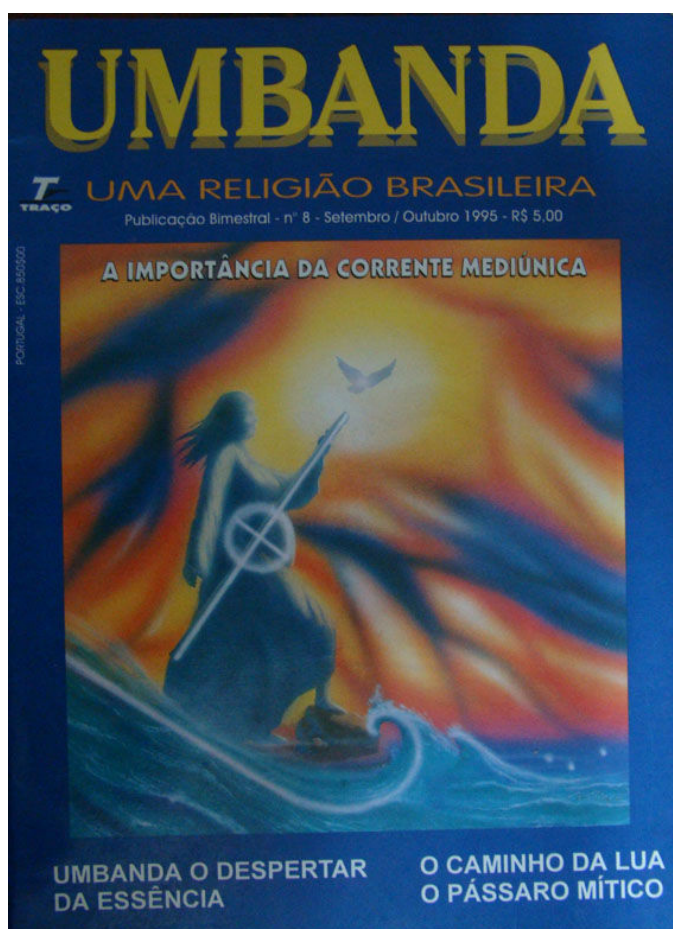
Em 2009, a revista Caros Amigos está publicando a série “Os Negros”. Entre os diversos temas abordados, está o Fascículo 3 – As Muitas Religiões I. A continuação, ainda não lançada será no Fascículo 12 – As Muitas Religiões II.

Esta quantidade de revistas publicadas abordando as religiões afro-brasileiras evidencia a existência de um mercado editorial e de um público consumidor para este tipo de leitura. Ao mesmo tempo, sugere a existência de uma quantidade de anunciantes suficientes para viabilizar a circulação destas publicações.

Uma conjuntura, provavelmente, muito diferente de 1993, dez anos antes do lançamento da Revista Espiritual de Umbanda. Naquele ano, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino começou a publicar a revista Umbanda – Uma Religião Brasileira, apontada como precursora pelos próprios editores da Revista Espiritual de Umbanda. A

publicação da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino durou até 1995, quando chegou ao 8º e último número.

A diferença é notável quanto ao aspecto material das duas publicações. A Revista Espiritual de Umbanda utiliza papéis de melhor qualidade. Sua impressão, colorida, é também superior à da revista Umbanda – Uma Religião Brasileira, que possui capa colorida e páginas internas (miolo) em preto e branco. Além disso, o projeto gráfico e a concepção visual da Revista Espiritual de Umbanda também são melhor elaborados.



Oitavo e último número da revista Umbanda – Uma Religião Brasileira, publicado em 1995.

Tais diferenças, certamente, são frutos dos avanços tecnológicos e da informatização – com o advento da Internet e o aprimoramento dos softwares de diagramação e editoração eletrônica – experimentados pelo segmento editorial no final do século XX e início do século XXI. Mas não se pode ignorar também a diferença no desempenho comercial das duas publicações. Enquanto a Revista Espiritual de

Umbanda chegou à sua 20ª edição com um número crescente de anunciantes, a revista Umbanda – Uma Religião Brasileira, em seus dois últimos números (07 e 08) tinha como anunciante apenas a Traço Editora (São Paulo), produtora da própria revista, e a Editora Ícone, responsável pela publicação dos livros da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino.

Em relação às diferentes versões para o mito fundador e às representações que produz e reproduz sobre a religião, a Revista Espiritual de Umbanda toma parte e está diretamente ligada a um mercado de bens simbólicos. Mas, além disso, com as questões relativas à reificação religiosa e às parcerias – institucionais e publicitárias – que viabilizam a sua publicação, a Revista está inserida e movimentada também, de forma bastante concreta, um mercado de bens econômicos.

REFLEXÕES FINAIS

O que muitos consideram um ato banal, como entrar em uma banca e comprar uma revista, pode ser um ato muito importante. Ao abrir as páginas de uma publicação o leitor está diante de um meio que, além de informar, forma e transforma opiniões, produz e reproduz uma série de conceitos, subjetividades, representações. Foi o que aconteceu durante seis anos – entre 2003 e 2008 – com os leitores da Revista Espiritual de Umbanda, publicada pela Editora Escala, de São Paulo.

Consideramos, portanto, a leitura e análise de uma publicação como a Revista Espiritual de Umbanda como o ponto de partida para uma série de reflexões sobre a luta de representações dentro do espaço que conceituamos como *campo umbandista*. Nesta luta, estão envolvida a tradição – inventada ou não – e as tensões entre os diferentes segmentos que lutam pela hegemonia de capital simbólico dentro da própria religião.

Quanto a isso, a Revista Espiritual de Umbanda, vindo somar-se à produção escriturística desta religião, desempenha papel importante. Embora abrigue em suas páginas vários exemplos da multiplicidade de visões doutrinárias e formas rituais que caracteriza a Umbanda – “unidade na diversidade”, para utilizar a expressão de Patrícia Birman –, a publicação se posiciona quanto à forma ou tradição que considera mais adequada.

No editorial da 20ª edição, dedicada ao “centenário” da Umbanda, os editores da Revista defendem abertamente a Umbanda Branca, conforme instituída por Zélio Fernandino de Moraes. Além disso, em 14 dos 20 números publicados, endossam o mito fundador que tem como protagonistas Zélio Fernandino de Moraes e a entidade espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sem abrir espaços para questionamentos deste mito fundador ou para outras narrativas que apareçam como alternativas para explicar o surgimento da Umbanda, a publicação dá o seu veredicto e uma contribuição preciosa para a reprodução desta narrativa.

Como nem todos os leitores e leitoras possuem senso crítico para refletir adequadamente sobre o mito de Zélio Fernandino de Moraes, é natural que, a partir da sua publicação e leitura, esta narrativa seja produzida sem maiores critérios por parte do público leitor. Desta forma, esta explicação para a origem da Umbanda ganha força

como explicação predominante para o nascimento da religião, em detrimentos de outras – como as origens da religião em Angola, por Tancredo da Silva Pinto –, que são praticamente invisibilizadas pela Revista.

Zélio Fernandino de Moraes, sua filha carnal, Zilméia de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas são constantemente utilizados como bens simbólicos por umbandistas que praticam as mais diversas vertentes da Umbanda. É possível ver, portanto, nas páginas da Revista, templos cujo ritual tem influência predominante do Catolicismo, outros com uma liturgia extremamente africanizada e ainda outros marcados por características orientais, fazendo a mesma reivindicação: a vinculação com Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Embora as “Umbandas” sejam diferentes umas das outras, seus praticantes buscam o mesmo objetivo: legitimação social, hegemonia na acumulação de capital neste mercado de bens simbólicos que é o campo umbandista.

A partir da análise dos anúncios publicitários nas páginas da Revista, percebemos como, além de um projeto editorial, ela se constitui também como um produto editorial. A partir daí acontece a reificação religiosa, com a Umbanda sendo tratada como “coisa”, mercadoria. Afirmamos, portanto, que a publicação não só faz parte de um mercado de bens simbólicos como também movimenta e estimula, de forma concreta, um mercado de bens econômicos.

Coincidentemente ou não, exatamente no dia em que esta dissertação estava sendo concluída, em julho de 2009, chegou às bancas a Revista Espírita de Umbanda, Ano I – Nº 01. Com algumas modificações na capa, a nova(?) Revista mantém as mesmas 68 páginas coloridas, o mesmo projeto gráfico e também os anunciantes. Os editores, Marques Rebelo e Virgínia Rodrigues, são os mesmos. O detalhe que deve ser ressaltado é a mudança da Editora Escala para a Editora Minuano. Esta última, como foi constatado no final do terceiro capítulo desta dissertação, já contava com uma expressiva produção de revistas voltadas para as religiões afro-brasileiras. O título do Editorial, a propósito, não deixa de ser interessante e esclarece qualquer dúvida sobre continuidade da Revista, agora com novo nome e publicada por uma outra editora: “Nosso compromisso continua”¹.

Colocada em circulação cinco anos antes e interrompida exatamente na data referida como “centenário da Umbanda”, a Revista Espiritual de Umbanda pode ter

¹ REVISTA ESPÍRITA DE UMBANDA. Nº 01. São Paulo: Editora Minuano, 2009. p. 02.

mesmo sido planejada com o objetivo de atuar na legitimação deste mito fundador. Ao mesmo tempo, anunciantes seriam captados a partir do mito fundador e dos 100 anos da Umbanda.

O acompanhamento da nova publicação, Revista Espírita de Umbanda, pode ser um bom tema envolvendo a religião. Além desta questão, esperamos que o presente trabalho possa sugerir possibilidades e indicar caminhos para novas investigações sobre a religião umbandista, seja na sua relação com a mídia impressa ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D) Livros

ANSELMO, A. G. Catecismo Espiritualista da Linha Branca de Umbanda. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1940.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário Histórico de Religiões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BERGER, Christina. Do Jornalismo: Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O Jornal: Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre . O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, Lourenço. Umbanda – Magia Branca e Quimbanda – Magia Negra. Rio de Janeiro: Edições Spiker, 1942.

BROWN, Diana. Uma História da Umbanda no Rio. In: Cadernos do ISER. Nº 18. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

FORCHEZATTO, Domingos; GIANNONI, Maria Alice; SANTOS, Maria Elidia dos. Umbanda Branca e Cristã. Campinas, SP: R. Vieira, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Caminhos da Alma. São Paulo: Summus, 2002.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

ISAIA, Artur Cesar. Ordenar Progredindo: A Obra dos Intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do Século XX. In: Anos 90. Porto Alegre, nº 11, julho de 1999.

LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MARIANI, Bethânia S. Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória). In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

MARTINS, Giovani. Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina. Florianópolis (SC): Edição do Autor, 2006.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OBASHANAN, Mestre. Teologia Umbandista: do Movimento à Convergência. São Paulo: Ícone, 2001.

OMULU, Caio de. Umbanda Omolocô: liturgia, rito e convergência (na visão de um adepto). São Paulo: Editora Ícone, 2002.

PINTO, Altair. Dicionário da Umbanda. Rio de Janeiro: Editora Eco, sem data. 3ª edição.

PINTO, Tancredo da Silva. A Origem da Umbanda. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1970.

RONTON, Josef. Sacramentos da Umbanda Mística. São Paulo: Ícone Editora, 1989.

RONTON, Josef. Trabalhos de Umbanda-Canjerê. São Paulo: Ícone Editora, 1994.

SARACENI, Rubens. Umbanda Sagrada: Religião, Ciência, Magia e Mistérios. São Paulo: Madras, 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TRAMONTE, Cristiana. Com a Bandeira de Oxalá!: Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: Univali, 2001.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda e sua História. São Paulo: Ícone, 1991.

II) Jornais e Revistas

COLEÇÃO – Revista Espiritual de Umbanda. São Paulo: Editora Escala. Números 01 a 20; 2003 a 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Mais. “Novo Preto Velho”. São Paulo, 30/03/2005.

REVISTA GALILEU. Nº 195. São Paulo: Editora Globo, outubro de 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. A Língua do Santo. In: Revista Língua Portuguesa. Especial Religião e Linguagem. São Paulo: Editora Segmento, 2009. p. 32.

III) Internet

FOLHA DE SÃO PAULO. www.folha.com.br/080863. Acessado em 31/03/2008.

OLIVEIRA, William de. A história da Revista Umbanda – Uma Religião Brasileira – Parte I. <http://acervoftu.blogspot.com/2007/05/historia-da-revista-umbanda-uma-religio.html>. Acesso: 20/06/2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420040003000003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Dez. 2008.